

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA

RAFAEL IGLESIAS MENEZES DA SILVA

A CIÊNCIA ROMÂNTICA DE A.R. LURIA: A BUSCA POR UMA PSICOLOGIA
CONCRETA

Maringá
2024

RAFAEL IGLESIAS MENEZES DA SILVA

A CIÊNCIA ROMÂNTICA DE A.R. LURIA: A BUSCA POR UMA PSICOLOGIA
CONCRETA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Área de concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade.

Orientadora: Silvana Calvo Tuleski

Maringá
2024

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

S586c

Silva , Rafael Iglesias Menezes da

A ciência romântica de A.R. Luria : a busca por uma psicologia concreta / Rafael Iglesias Menezes da Silva . -- Maringá, PR, 2025.
137 f. : il., figs.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Calvo Tuleski .

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2025.

1. Luria, Alexander Romanovich, 1902-1977. 2. Ciência romântica. 3. Psicologia concreta. 4. Psicologia histórico-cultural . I. Tuleski , Silvana Calvo, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDD 23.ed. 150

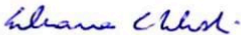
FOLHA DE APROVAÇÃO


RAFAEL IGLESIAS MENEZES DA SILVA


**"A CIÊNCIA ROMÂNTICA DE A.R. LURIA – DRAMA & PSICOLOGIA
CONCRETA"**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Psicologia.


COMISSÃO JULGADORA


Profa. Dra. Silvana Calvo Tuleski
(Orientadora-Presidente)


Prof. Dr. Álvaro Marcel Palomo Alves
Examinador


Prof. Dr. Fernando Wolff Mendonça
Examinador


Prof. Dr. Marcelo Ubiali Ferracioli
Examinador


Prof. Dr. Vitor Marcel Schuhli
Examinador

Aprovado em: 18 de março de 2024.
Defesa realizada na sala de vídeo do Bloco 118.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Arlene e Evanildo, exemplos de trabalhadores, humanidade e dignidade, pelo apoio incondicional à minha trajetória acadêmica e profissional.

À minha orientadora, Dra. Silvana Calvo Tuleski, pela confiança e paciência. Se nos fazemos pelo outro, seu rigor ético é um exemplo a não ser esquecido.

À Beatriz, meu amor, pelo companheirismo, apoio e infundável atenção, que fazem valer cotidianamente as palavras de Simone Weil, para quem a atenção é uma forma elevada de generosidade.

Aos meus companheiros de jornada no doutorado, que nutro profunda admiração e que muito me ajudaram ao compartilhar as vicissitudes e angústias de fazer uma pesquisa teórica-conceitual nestes nossos tempos difíceis: Tiago Calve, Laís Castro e Caroline Toffaneli.

Aos membros da banca, professores Dr. Victor Schuhli, Dr. Fernando Wolff, Dr. Álvaro Palomo e Dr. Marcelo Ubiali Ferracioli, pela dedicação e rigor na leitura do trabalho, e pela colaboração inestimável na reorganização deste a partir da qualificação.

Aos meus amigos queridos de Maringá, também irmãos e irmãs de longa data, que com suas amizades tornaram esta jornada mais suave: Nicolle Montalvão, Vinícius Spricigo, Beatriz Machado Lima e Pedro Carvalho.

E à memória de minha avó, Ayr Ferreira Iglecias, que partiu no início deste trajeto, com quem aprendi a contar histórias, versos, poemas e a dançar sozinho.

*“Nenhuma escuridão dura para sempre. E
mesmo lá, há estrelas.”*

(Ursula K. Le Guin)

Iglesias, R. I. M. (2024). *A ciência romântica de A.R. Luria: a busca por uma psicologia concreta*. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

RESUMO

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa teórico-conceitual sobre o conceito de ciência romântica na perspectiva do psicólogo e neuropsicólogo soviético Alexander Romanovich Luria. O objetivo foi investigar como Luria se apropria dessa tradição em suas publicações, com destaque para as “narrativas clínicas”, *O homem com um mundo estilizado* e *A mente e a memória*. Partimos da hipótese de que a ciência romântica de Luria compartilha afinidades teórico-filosóficas com o ideal de psicologia concreta, como discutido por Georges Politzer e Lev Semionovitch Vygotsky. No cerne dessas afinidades está a incorporação da “dramaticidade da existência social dos seres humanos” na análise dos processos psicológicos, como forma de superar o reducionismo nos estudos de casos clínicos e como modo adequado de expressão de análise sindrômica. A exploração dessa hipótese orientou a organização desta tese em quatro capítulos. No primeiro capítulo, analisamos os conceitos que exercem um papel de influência direta na constituição da ciência romântica de Luria: o Romantismo e a Ciência Romântica do século XIX. No segundo capítulo, situamos o ideal da psicologia concreta e a categoria “drama” nas propostas de Politzer e Vygotsky, delineando as similaridades e diferenças com a ciência romântica. No terceiro capítulo, apresentamos breve panorama da vida e obra de Luria, especificamente suas elaborações teóricas e práticas no campo da neuropsicologia, destacando o conceito de cérebro histórico-cultural e conceitos básicos. Na sequência, buscamos caracterizar o conceito de ciência romântica de Luria, apresentando uma síntese das duas “narrativas clínicas” supracitadas, bem como interpretações contemporâneas que destacam suas particularidades, a partir de dois autores: Oliver Sacks, o qual defende o conceito de “narrativas clínicas” diferenciando-as dos “estudos de caso” por preservarem o drama humano da pessoa concreta e não apenas o curso da doença; e Hannah Proctor, cuja leitura da ciência romântica e da história social soviética na obra de Luria demonstra que suas histórias de caso clínico guardam um potencial crítico no cenário de reducionismo neurocientífico contemporâneo, devido ao modo dialético com que retrata a relação entre a individualidade e o contexto histórico-social. Nas conclusões, destacamos a interpretação de que a ciência romântica de Luria expressa demandas da psicologia concreta, tais como a historicidade e a dramaticidade da existência social dos seres humanos, através da síntese entre as artes e a ciência. Essa ênfase se reflete na ciência romântica luriana na incorporação da dramaticidade social da existência humana na análise dos processos psicológicos e na investigação clínica em estrutura de narrativa. Desse modo, a ciência romântica permanece um valioso modelo de abordagem e escrita científica para futuras práticas psicológicas fundamentadas na Psicologia Histórico-Cultural.

Palavras-chave: Alexander Luria; ciência romântica; psicologia concreta; Psicologia Histórico-Cultural.

ABSTRACT

This work is the result of a theoretical-conceptual research on the concept of romantic science from the perspective of the Soviet psychologist and neuropsychologist Alexander Romanovich Luria. The aim was to investigate how Luria appropriates this tradition in his publications, focusing on the "clinical narratives," *The Man with a Shattered World*, and *The Mind and Memory*. We hypothesized that Luria's romantic science shares theoretical and philosophical affinities with the ideal of concrete psychology, as discussed by Georges Politzer and Lev Semionovitch Vygotsky. At the core of these affinities lies the incorporation of the "dramaticity of human social existence" in the analysis of psychological processes, as a way to overcome reductionism in clinical case studies and as an adequate mode of syndromic analysis expression. The exploration of this hypothesis guided the organization of this thesis into four chapters. In the first chapter, we analyze the concepts that play a direct role in the constitution of Luria's romantic science: Romanticism and 19th-century Romantic Science. In the second chapter, we situate the ideal of concrete psychology and the category of "drama" in the proposals of Politzer and Vygotsky, delineating the similarities and differences with romantic science. In the third chapter, we present a brief overview of Luria's life and work, specifically his theoretical and practical elaborations in the field of neuropsychology, highlighting the concept of historical-cultural brain and basic concepts. Next, we seek to characterize Luria's concept of romantic science, presenting a synthesis of the aforementioned two "clinical narratives," as well as contemporary interpretations that highlight their particularities, from two authors: Oliver Sacks, who defends the concept of "clinical narratives" distinguishing them from "case studies" by preserving the human drama of the concrete person and not just the course of the illness; and Hannah Proctor, whose reading of romantic science and Soviet social history in Luria's work demonstrates that his clinical case stories hold critical potential in the contemporary neuroscientific reductionism scenario, due to the dialectical way it portrays the relationship between individuality and historical-social context. In the conclusions, we highlight the interpretation that Luria's romantic science expresses demands of concrete psychology, such as the historicity and dramaticity of human social existence, through the synthesis of arts and science. This emphasis is reflected in Luria's romantic science in the incorporation of the social dramaticity of human existence in the analysis of psychological processes and clinical investigation in narrative structure. Thus, romantic science remains a valuable model for scientific approach and writing for future psychological practices grounded in Historical-Cultural Psychology.

Keywords: Alexander Luria; romantic science; concrete psychology; Historical-Cultural Psychology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1 RAÍZES HISTÓRICAS DA CIÊNCIA ROMÂNTICA	12
1.1. O Romantismo e a crítica às características da civilização moderna capitalista	12
1.2. A ciência romântica	23
CAPÍTULO 2. NOTAS SOBRE A PSICOLOGIA CONCRETA E A CATEGORIA DE DRAMA HISTÓRICO-CULTURAL	32
2.1. A arte como metáfora de uma nova psicologia: a psicologia concreta de Georges Politzer	34
2.2. Vygotsky, cérebro e drama humano na psicologia concreta	47
2.3. A visão negativa do cérebro em Politzer e o caminho aberto para Luria: o cérebro no drama	53
CAPÍTULO 3. O CÉREBRO NA NEUROPSICOLOGIA DE LURIA	55
3.1. A vida e obra de Luria em Histórias das ideias psicológicas em autobiografia	55
3.2. Desenvolvimento da neuropsicologia	66
3.3 O cérebro histórico-cultural e os conceitos básicos da neuropsicologia	72
3.3.1 Conceito de função	75
3.3.2 Conceito de localização	78
3.3.3 Unidades funcionais	82
3.3.4 “Análise sindrômica” do sintoma	89
CAPÍTULO 4. O CONCEITO DE CIÊNCIA ROMÂNTICA DE LURIA	95
4.1. Shereshevsky, o mnemonista	102
4.2. Zazetsky, o homem com um mundo estilhaçado	109
4.3. Considerações sobre os “romances neurológicos” de Luria	118
REFERÊNCIAS	128

INTRODUÇÃO

A presente tese investiga, sob um foco teórico-conceitual, a ciência romântica enquanto gênero de escrita científico-literária na obra de Alexander Romanovich Luria (1902–1977), eminente psicólogo e neuropsicólogo soviético, reconhecido como um dos fundadores da Psicologia Histórico-Cultural e da Neuropsicologia contemporânea. O estudo busca compreender como Luria articula a crítica romântica à abstração do ser humano, presente no reducionismo científico, com a perspectiva da natureza social do psiquismo e da atividade cerebral, fundamentada na dialética materialista.

Para tanto, analisam-se a concepção de Luria sobre a ciência romântica – a qual ele aproxima do ideal de psicologia concreta – na obra do autor e nas narrativas clínicas *A Mente e a Memória: Um Pequeno Livro Sobre uma Grande Memória* (1999) e *O Homem com um Mundo Estilhaçado* (2008), publicados originalmente em 1968 e 1971, respectivamente.

Em sua autobiografia *A Construção da Mente* (2015), Luria analisa criticamente o impacto do reducionismo tecnológico nas ciências médicas e psicológicas de sua época. Esse método, centrado na fragmentação do objeto de estudo em partes isoladas, contribuiu para avanços importantes, como a descoberta da célula e a estrutura dos neurônios. Contudo, quando direcionado para essas dimensões, Luria argumenta que ele é inadequado para compreender o psiquismo humano, sobretudo a formação e desenvolvimento das funções psicológicas superiores, cujas origens estão profundamente enraizadas na atividade humana e no contexto histórico-social.

Esse reducionismo, impulsionado nas décadas de 1960 e 1970 pelo crescente uso de tecnologias como computadores, guiava o raciocínio clínico exclusivamente por dados técnicos, negligenciando a subjetividade do paciente. Luria identificou três fragilidades centrais desse modelo: (1) as comparações simplistas entre psicologia animal e humana, ignorando a historicidade das funções psicológicas superiores; (2) as metáforas que reduziam o cérebro a máquinas ou computadores, desconsiderando a complexidade cerebral e as relações extracorticais dessas funções; e (3) o abandono de descrições clínicas detalhadas, o que resultava num sujeito abstrato e na negligência de seu contexto social e pessoal.

Como alternativa ao reducionismo e à hegemonia da abstração das ideias predominantes, Luria propôs uma perspectiva inspirada na ciência romântica, que integra rigor científico e sensibilidade estética. Essa abordagem valoriza a singularidade das experiências humanas e reconhece a coparticipação do paciente na construção da narrativa

clínica. Suas descrições detalhadas e historicamente situadas combinam arte e ciência, proporcionando um relato clínico humanizado, atento à riqueza e complexidade da vida concreta. As narrativas clínicas são construídas a partir da fusão entre estudos estruturais e funcionais do cérebro, relatos das experiências vividas pelos pacientes e intervenções neuropsicológicas, oferecendo retratos profundamente humanos e complexos de seus sujeitos. Dessa forma, reafirma-se a constatação de que a consciência humana é uma totalidade, produto da relação dinâmica entre os aspectos naturais e históricos da vida social (Luria, 2015).

As reflexões de Luria sobre o reducionismo permanecem profundamente relevantes diante de fenômenos contemporâneos como a medicalização da vida e da infância, a banalização das psicopatologias. Tais posturas transformam dificuldades contextuais em diagnósticos psiquiátricos. Ademais, a crítica luriana a essas abstrações remete ao conceito de neurocultura, como definido por Vidal e Ortega (2019), caracterizado pela ideia de sujeito cerebral. Esse conceito reflete a tendência de reduzir a complexidade humana ao funcionamento cerebral, resumida na máxima “somos nosso cérebro” questionada pelos autores. Na visão dos autores, o processo cultural de *cerebralização*, isto é, a redutibilidade dos seres humanos ao funcionamento cerebral opera, em última análise, “numa ideia do ser humano, a figura antropológica do sujeito cerebral” (Vidal & Ortega, 2019, p. 27).

A crítica de Luria se insere diretamente nesse contexto, onde o reducionismo neurocientífico coloca o cérebro como a explicação central para comportamentos, decisões e personalidades, ignorando os múltiplos determinantes históricos, culturais e sociais que formam o psiquismo humano. Esse modelo de entendimento traz consigo uma série de efeitos negativos, resultantes da negligência dos aspectos contextuais e sociais na constituição do sujeito, incidindo, em última instância, em como são compreendidos pelos próprios sujeitos seus sofrimentos como decorrentes de um mau funcionamento cerebral.

Nosso estudo insere-se em um movimento mais amplo de pesquisas que criticam as ideias e práticas biologizantes hegemônicas em diferentes contextos, como saúde e educação, enquanto buscam alternativas de intervenção prática nesses campos. Exemplos desse movimento incluem estudos sobre a determinação social do processo saúde-doença, como o consumo de drogas (Moraes, 2018; Castro, 2023) e quadros específicos de sofrimento psíquico (Almeida, 2018; Penteado, 2023) e suas implicações para a prática social do psicólogo, bem como reflexões sobre os processos de desumanização que atravessam as sociabilidades capitalistas. Destacamos que nosso estudo está alinhado aos objetivos do projeto de pesquisa interinstitucional “Graus de (des)humanização na sociedade capitalista e

seus impactos sobre o desenvolvimento e saúde mental”, exemplo concreto desse esforço crítico à hegemonia das práticas biologizantes e medicalizantes na Psicologia e áreas afins. Espera-se que essa tese possa contribuir para novas proposições fundamentadas na articulação dos estudos clássicos da Psicologia Histórico-Cultural sobre o tema, e na busca pela construção e proposição de alternativas no campo da saúde e educação, baseadas nesses princípios norteadores.

Especificamente em relação à ciência romântica, alinhamos nossa investigação com estudos que destacam o diálogo entre arte e ciência, utilizando a narrativa clínica como um método científico-literário com importantes implicações estéticas e éticas (Oliveira & Sousa Cruz, 2019). A esse respeito, mencionamos o livro organizado por Costa, Lopes e Pereira (2022), que reúne estudos contemporâneos sobre a ciência romântica em uma perspectiva fundamentada no materialismo histórico, incluindo relatos de experiências inspirados por essa abordagem.

Entendemos que a simplificação da constituição do psiquismo, característica das ideias biologizantes dominantes na cultura contemporânea, não apenas reflete equívocos categoriais, mas também se configura como uma expressão do estágio atual de desumanização promovido pelas sociabilidades capitalistas. Essa simplificação, ao abstrair a complexidade histórica e cultural que constitui o humano, reduz as possibilidades de intervenção transformadora e criativa nas práticas sociais.

Ouvi pela primeira vez o termo “ciência romântica” em uma reunião de planejamento no Laboratório de Psicologia Histórico-Cultural (LAPSIHC) da Universidade Estadual de Maringá. Embora o tema não tenha sido selecionado para o grupo de estudos naquele ano, ele despertou minha curiosidade e vem sendo objeto de interesse desde então. A expressão parecia destoar das abordagens típicas do materialismo histórico-dialético e da psicologia soviética. Marxista e fiel aos princípios desenvolvidos por Vygotsky, o que Luria queria dizer com essa expressão de estranha sonoridade?

Anos mais tarde, li as histórias clínicas de Oliver Sacks¹, reunidas em obras como *O Homem que Confundiu Sua Mulher com um Chapéu* e *Um Antropólogo em Marte*, que explicitamente dialogam com a ciência romântica de Luria. Em suas narrativas, Sacks destacava o paciente como um sujeito singular, explorando com sensibilidade como cada

¹ Oliver Sacks (1933-2015) foi um renomado neurologista, escritor e professor britânico, conhecido por seus livros que combinam casos clínicos de neurologia com reflexões sobre a condição humana. Sacks explorou com sensibilidade temas como as singularidades do cérebro, a criatividade e a adaptação humana diante de doenças neurológicas. Sua abordagem empática para com seus casos clínicos uniu ciência e literatura, tornando-se uma referência no diálogo entre medicina e cultura.

peessoa lidava com condições adversas enquanto buscava preservar sua identidade. Esse contato com a obra de Sacks ampliou meu interesse pelas narrativas clínicas de Luria, levando-me a casos como o de Solomon Shereshevsky, o mnemonista, e o de Lev Zazetsky, jovem tenente do Exército Vermelho que enfrentou desafios profundos após ferimentos cerebrais severos.

Além disso, explorei as reflexões de Luria sobre a ciência romântica, registradas em correspondências com colegas como Oliver Sacks e Jerome Bruner, além de sua autobiografia, na qual ele se descreve como um cientista romântico de forma singular. É essa originalidade que buscamos trazer à tona neste trabalho. Esse encontro com suas ideias se mostrou decisivo, tanto para confirmar a atualidade das reflexões de Luria quanto para fundamentar o meu projeto de doutorado, que tem como resultado a presente tese.

No mestrado, explorei a crítica da Psicologia Histórico-Cultural à ideologia e aos processos de reificação da subjetividade (Silva, 2015), que reduzem a complexidade da consciência humana. A ciência romântica de Luria se alinha a essa crítica, propondo uma análise que vai além da simplificação do psiquismo. Suas narrativas clínicas, ao serem analisadas sob a ótica do gênero científico-literário que as caracteriza, oferecem contribuições valiosas para a prática psicológica, especialmente nas áreas de psicoterapia, avaliação, reabilitação e educação. As orientações metodológicas de Luria permitem que relatos de caso sejam mais ricos e detalhados, possibilitando uma compreensão da constituição dos sujeitos como totalidades históricas, tal como preconizado pela Psicologia Histórico-Cultural.

As leituras iniciais indicaram que a ciência romântica apresenta afinidades teóricas com o ideal de uma psicologia concreta, o que reposicionou esta pesquisa. Ao identificar nas narrativas de Luria os fundamentos da Psicologia Histórico-Cultural e seu valor contemporâneo como alternativa crítica às práticas hegemônicas, evidenciou-se a necessidade de situar a ciência romântica em um contexto histórico mais amplo. Partimos da hipótese de que, na perspectiva de Luria, a ciência romântica compartilha afinidades teórico-filosóficas com o ideal de psicologia concreta proposto por Georges Politzer (1903-1942) e Lev Semionovitch Vygotsky (1896-1934). O núcleo dessas afinidades está na incorporação da “dramaticidade da existência social dos seres humanos” nos estudos de casos clínicos, como forma de superar modelos hegemônicos formais, abstratos e impessoais de relatos clínicos ou de pesquisa sobre os sujeitos.

Defendemos que a ciência romântica de Luria e a psicologia concreta compartilham a busca por incorporar a dramaticidade da existência histórico-social humana na análise da personalidade e dos processos psicológicos. O conceito de drama aqui transcende o

sofrimento individual, abordando a relação dialética entre o singular e o coletivo, a agência individual e as determinações sociais e históricas. Georges Politzer, ao comparar a totalidade da vida humana à dinâmica do teatro, desafia as categorias abstratas da psicologia clássica. De maneira semelhante, Luria enfatiza a complexidade da experiência vivida em suas histórias de caso, rejeitando o formalismo e defendendo análises que preservem a profundidade histórica e social dos sujeitos concretos.

Para investigar a ciência romântica e suas características definidoras, assim como suas conexões com a psicologia concreta, é essencial adotar uma abordagem histórica. Esse enfoque permite analisar as influências e os antecedentes dessa corrente, situando-a no contexto mais amplo da obra de Luria. O objetivo principal da pesquisa é explorar a ciência romântica sob a ótica de Luria, partindo da hipótese de que ela compartilha semelhanças com a psicologia concreta, especialmente no que se refere à narrativa clínica e à construção do texto psicológico. Para atingir esse objetivo, a pesquisa se desdobra em quatro capítulos, cada um deles abordando uma dimensão específica dessa relação.

No primeiro capítulo, exploramos as raízes históricas da ciência romântica, abordando sua concepção geral e sua relação específica com a obra de Alexander Luria. Destacamos duas correntes culturais fundamentais: o Romantismo e a contra-tradição da ciência romântica. O Romantismo, movimento cultural do final do século XVIII e início do XIX, é interpretado como uma reação crítica ao racionalismo mecanicista e à fragmentação imposta pela sociedade industrial. Enfatiza a subjetividade, a emoção e a experiência concreta da vida humana, contrastando com os valores utilitaristas da modernidade. A ciência romântica, que emerge na segunda metade do século XIX, critica o reducionismo metodológico da ciência clássica, propondo uma abordagem interdisciplinar que integra artes e ciências e reconhece a complexidade dos fenômenos humanos. No contexto da obra de Luria, essa perspectiva se alinha à sua proposta de uma neuropsicologia que transcende a biologia, incorporando fundamentos histórico-culturais.

No segundo capítulo, discutimos o conceito de psicologia concreta e o papel do drama na análise da vida humana, a partir das obras de Georges Politzer e Lev Vygotsky. Politzer, ao criticar a abstração na psicologia clássica, utiliza o conceito de drama para ilustrar a tensão dialética entre o indivíduo e seu contexto histórico-social, propondo uma análise da subjetividade que capte a totalidade da experiência humana. Vygotsky articula essa ideia ao integrar o drama à sua teoria das funções psicológicas superiores, que enfatiza a mediação histórico-cultural no desenvolvimento humano. Luria, por sua vez, aprofunda essa abordagem, considerando o cérebro como um órgão reorganizado pelas influências

histórico-culturais, possibilitando o surgimento de funções psicológicas superiores. O capítulo também destaca as divergências entre as abordagens de Politzer, Vygotsky e Luria, particularmente no papel atribuído ao cérebro. Enquanto Politzer minimiza a base biológica, Vygotsky e Luria integram o cérebro à análise concreta da atividade humana.

No terceiro capítulo, apresentamos uma visão panorâmica da vida e obra de Luria, com foco em sua concepção do cérebro histórico-cultural e nos principais conceitos da neuropsicologia. Discutimos as noções de unidades funcionais, localização, função, sintomas e análise sindrômica, que são fundamentais na abordagem teórica de Luria. As unidades funcionais organizam a atividade psicológica em níveis interdependentes, permitindo uma compreensão mais dinâmica das funções cerebrais. Luria propõe sistemas funcionais complexos, superando o localizacionismo estreito ao reconhecer a colaboração entre múltiplas regiões cerebrais em resposta a demandas culturais. Além disso, destaca a capacidade do cérebro de se adaptar às transformações socioculturais, sendo entendido como “órgão da atividade concreta da psicologia humana”.

Por fim, o quarto capítulo aprofunda a ciência romântica de Luria, integrando-a à sua perspectiva dialética materialista. A primeira seção apresenta casos clínicos emblemáticos, como o de Solomon Shereshevsky, de *A mente e a memória*, e de Lev Zazetsky, de *O homem com um mundo estilhaçado*. Esses casos exemplificam como Luria entrelaça o drama humano com a investigação científica, destacando a individualidade dos pacientes no contexto histórico-social. Na segunda seção, exploramos interpretações contemporâneas da ciência romântica, com destaque para as contribuições de Oliver Sacks, que distingue as narrativas clínicas dos casos clínicos tradicionais, ressaltando a importância do drama humano na compreensão da subjetividade.

Concluimos que a ciência romântica, tal como concebida por Luria, é uma resistência crítica ao reducionismo científico e ao discurso medicalizante, frequentemente marcado pelo viés biologicista e individualista. Ela oferece uma alternativa que integra a dramaticidade da existência histórico-social na análise dos processos psicológicos, preservando as particularidades dos sujeitos e enfatizando o valor da narrativa como instrumento para captar a experiência singular e concreta. Contudo, entendemos que nosso trabalho se caracteriza como um primeiro passo, e a sistematização dessas ideias para diferentes campos de atuação ultrapassa seus limites, exigindo novas pesquisas e esforços coletivos que aprofundem sua aplicação.

CAPÍTULO 1 RAÍZES HISTÓRICAS DA CIÊNCIA ROMÂNTICA

Neste capítulo, analisamos o romantismo e a ciência romântica do século XIX como duas importantes tradições que desempenham o papel de raízes históricas da ciência romântica na perspectiva de Alexander Luria.

A primeira seção se concentra no movimento denominado Romantismo, suas características, princípios e valores que influenciaram o surgimento de uma ciência romântica na segunda metade do século XIX. Nossa interpretação do Romantismo baseia-se em uma certa tradição marxista, que o considera essencialmente crítico em relação às características da modernidade capitalista. Ou seja, como um movimento que se opõe aos valores predominantes na sociabilidade capitalista, defendendo em seu lugar os valores humanos qualitativos.

Entre essas características, como veremos, algumas impactaram diretamente no estudo do psiquismo humano no século XIX, como a mecanização do mundo, o reducionismo tecnicista e a abstração racionalista. Essa influência resultou, conforme diagnosticado por Luria (2015), no contexto de publicação de seus “romances neurológicos”, no risco por ele analisado de substituição da realidade da atividade consciente humana por modelos mecânicos. Desse modo, destaca-se nesta seção os valores do romantismo herdados pela ciência romântica do final do século XIX. Valores que ressoam na crítica de Luria ao reducionismo nos estudos sobre o cérebro, na clínica médica e psicológica, bem como nos limites dos estudos de caso clássicos na compreensão da concreticidade da vida humana.

1.1. O Romantismo e a crítica às características da civilização moderna capitalista

O Romantismo se estabeleceu como um importante movimento artístico e cultural na segunda metade do século XVIII na Alemanha, Inglaterra e França e exerceu forte influência na cultura ocidental e ao redor do mundo ao longo do século XIX, sendo objeto de debate constante até os dias de hoje. A definição mais conhecida sobre o Romantismo o define como um movimento literário que desafiou os padrões do Classicismo renascentista. O Classicismo, como a corrente artística dominante que precedeu o Romantismo na produção e expressão da sensibilidade artística ocidental, tinha como referência cultural o legado da Antiguidade clássica greco-romana, daí surgindo a retomada das formas clássicas como uma

proposta estética. Entre suas características fundamentais, destacam-se o equilíbrio, a proporção, a objetividade e a transparência (Rosenfeld & Guinsburg, 1978).

Na perspectiva classicista, a obra de arte aspira a ser um conjunto harmônico que reflete a natureza e suas leis universais, sendo também portadora de verdade e de ensinamentos que aprimoram a alma humana. Portanto, há uma demanda por rigor formal e adesão a regras preestabelecidas, que o artista deve seguir. As diversas formas artísticas devem permanecer distintas, mantendo fidelidade aos seus próprios métodos e características, isto é, sem espaço para experimentações. Quanto ao artista, este deve conter sua subjetividade e impulsos da interioridade. O valor reside na obra, não nos sentimentos ou pensamentos do autor, sendo que o artista deve praticamente desaparecer diante de sua criação. Além disso, destaca-se a valorização da racionalidade em contraposição à sentimentalidade, e a preferência pelo universal em detrimento do particular, refletindo um claro antropocentrismo. (Rosenfeld & Guinsburg, 1978).

O Romantismo, por sua vez, de acordo com o historiador marxista da arte Ernst Fischer (1981):

[...] foi uma revolta pequeno-burguesa contra o classicismo da nobreza, contra as normas e os padrões, contra a forma aristocrática e contra um conteúdo que excluía todas as soluções “comuns”. Para os rebeldes românticos não havia temas privilegiados: tudo podia ser assunto para a arte (Fischer, 1981, p. 64).

Fischer retoma Novalis (1772-1801), um dos expoentes do Romantismo alemão, que concebia o tratamento romântico às coisas como forma de “atribuir elevada importância ao que é comum, conferir uma aparência misteriosa ao corriqueiro e dignidade do desconhecido ao familiar” (Fischer, 1981, p. 64). Percy Shelley (1792-1822), representante do Romantismo inglês, definiu a poesia como a transformação do familiar em algo desconhecido. Com essa virada, “o romantismo representou o abandono dos aprazíveis jardins do classicismo pela amplitude de um mundo bravio” (Fischer, 1981, p. 64).

A definição mais conhecida sobre o fenômeno do Romantismo é defini-lo como um conjunto de regras de composição não-clássicas. Outras conhecidas definições giram em torno dos temas e interesses típicos do movimento, como a ênfase nos sentimentos e nas emoções, o interesse pela natureza, a nostalgia do passado, a exaltação da vida, da liberdade, do amor, da esperança e da alegria. Também costumam ser lembradas nas definições tradicionais a ênfase dada pelos românticos à mudança, ao crescimento, à diversidade, à

imaginação criativa e à subjetividade (Löwy & Sayre, 2015). Como pontos negativos, costuma-se relacionar o Romantismo aos riscos do nacionalismo exacerbado, do irracionalismo e do sentimentalismo em detrimento da razão.

Löwy e Sayre (2015) questionam definições comuns do romantismo, apontando limitações. Uma crítica é a tendência a focar apenas temas literários, negligenciando influências em outras áreas culturais como política, sociologia, arquitetura, música e pintura, além da ciência. Eles também destacam a simplificação ao contrapor o Romantismo ao Iluminismo, ignorando artistas que não rejeitavam aspectos iluministas. Essas contradições internas são frequentemente esquecidas. Argumentam que artistas românticos, embora inseridos no movimento, divergiam em temas como a primazia do sentimento sobre a razão, postura política conservadora e idealização do passado sem considerar o futuro. Destacam a coexistência de elementos iluministas e revolucionários/socialistas entre figuras românticas, mostrando polos opostos dentro do movimento.

As interpretações tradicionais sobre o Romantismo, discutem Löwy e Sayre (2015) embora abordem questões temáticas e formais importantes, falham em oferecer uma compreensão mais profunda e essencial do fenômeno, pois se concentram nas características empíricas mais aparentes, como as temáticas e valores comuns. Os autores apontam a ausência de uma coerência interna que unifique as diversas e múltiplas características do Romantismo, incluindo suas contradições; ou seja, destacam a ausência de algo que se aproxima da essência do fenômeno em questão.

Eles argumentam que uma hipótese de estudo produtiva sobre o Romantismo é realizada pela tradição marxista - na qual os autores se incluem - embora seja um “continente esquecido” (Löwy & Sayre, 2015, p. 48). Essa abordagem dá um passo importante ao situar o Romantismo como um amplo fenômeno cultural que também representa uma visão de mundo crítica à sociedade capitalista, que emerge e se estabelece como modo de vida social dominante após a Revolução Industrial.

No *Manifesto Comunista*, Marx e Engels (2015) definem a modernidade como a época em que “Tudo que é sólido desmancha no ar” para ilustrar o caráter acelerado com que o capitalismo havia solapado todas as “sagradas” instituições em nome do valor de troca e a fragmentação social do indivíduo, diante de um mundo que constantemente estremece sob seus pés. É contra esse estado de coisas que a sensibilidade romântica se levanta, estabelecendo uma certa visão de mundo oposta ao mundo burguês. Essa seria a característica central do Romantismo para uma parte da tradição marxista, mas que também identifica

apenas o lado conservador ou pequeno-burguês da tradição, como apontam Löwy e Sayre (2015).

Um exemplo importante dessa posição pode ser vista no já mencionado Ernst Fischer, no clássico estudo marxista *A Necessidade da Arte* (1981), em que o autor define o Romantismo como “um movimento de protesto, de protesto apaixonado e contraditório contra o mundo burguês capitalista, contra o mundo das “ilusões perdidas”, contra a prosa inóspita dos negócios e dos lucros” (Löwy & Sayre, 2015, p. 74). Mas também, não deixa de destacar o movimento como limitado pelas circunstâncias históricas e ao que considera sua natureza pequeno-burguesa.

Dos *Discursos* de Rousseau até o *Manifesto Comunista* de Marx e Engels, o romantismo foi a atitude dominante na arte e na literatura europeia. Em termos de consciência pequeno-burguesa, o romantismo foi, na filosofia, na literatura e na arte, o reflexo mais completo das contradições da sociedade capitalista em desenvolvimento. Só com Marx e Engels é que foi possível reconhecer a natureza e a origem dessas contradições e compreender a dialética do desenvolvimento social, aparecendo a classe operária como a única força que podia superá-las. A atitude romântica não podia deixar de ser confusa, pois a pequena-burguesia era a própria corporificação da contradição social: ao mesmo tempo que alimentava esperanças de abocanhar o seu bocado no enriquecimento geral, temia ser esmagada pelo processo; ao mesmo tempo que sonhava com novas possibilidades, lamentava a perda da velha segurança e o sacrifício da ordem; ao mesmo tempo que olhava para diante para os novos tempos, voltava frequentemente o olhar nostálgico para trás, para os idos “bons tempos” (Fischer, 1981, p. 63).

Löwy e Sayre (2015), em *Revolta e Melancolia: O Romantismo na contracorrente da modernidade*, reconhecem as complexidades e contradições inerentes ao Romantismo, mas apontam que as definições mais comuns falham em estabelecer uma essência para além dos interesses, temas, formas e características. Ou seja, falta uma unificação que dê estrutura e coerência interna a um fenômeno tão vasto e multifacetado, uma essência para além das aparências. Para abordar essa lacuna, Löwy e Sayre (2015), inspirados nos conceitos de “visão de mundo” de Lucien Goldmann² e “anticapitalismo romântico” de Gyorgy Lukács³ propõem uma leitura do Romantismo como uma visão de mundo anticapitalista por essência. No cerne desta visão de mundo está a oposição entre valores humanos qualitativos e os valores da moderna civilização capitalista, derivada de um sistema econômico cujos elementos fundamentais são: a industrialização, o rápido desenvolvimento da ciência e

² Sobre o conceito de visão de mundo em Goldmann, sugerimos a leitura da discussão feita por Marineli (2022).

³ Acerca da leitura de Löwy sobre o anticapitalismo romântico de Lukács, conferir o artigo de Musse (2018).

tecnologia, a hegemonia do mercado, a propriedade privada dos meios de produção, a reprodução ampliada do capital, o trabalho "livre" e uma intensificada divisão do trabalho (Löwy & Sayre, 2015).

A partir de sua relação estreita com o capitalismo, os autores analisam o conceito de modernidade, caracterizando-a como a civilização surgida da industrialização e da generalização da economia de mercado (Löwy & Sayre, 2015). Eles retomam a associação feita por Max Weber entre as principais características da modernidade, tais como o espírito de cálculo, o desencantamento do mundo, a racionalidade instrumental e a dominação burocrática, denominada pelo intelectual alemão de “espírito do capitalismo”. Löwy e Sayre (2015) destacam ainda que essas características têm suas raízes na Renascença e na Reforma Protestante, mas tornam-se hegemônicas no século XVIII, coincidindo com o término da "acumulação primitiva", segundo a perspectiva de Marx, e o surgimento da grande indústria. Lembram ainda que esse período marca o momento em que o mercado se libera da dominação social, conforme propõe Karl Polanyi (Löwy & Sayre, 2015).

Em suma, o que entendemos como Modernidade, compreendida como uma totalidade, é unificada e gerada pelo capitalismo enquanto modo e relações de produção, manifestando-se em fenômenos como a racionalização, burocratização, predominância das relações secundárias na vida social, urbanização, secularização e “reificação” (Löwy & Sayre, 2015).

Em grande medida, tais características do capitalismo, cujos efeitos negativos permeiam as classes sociais e são vividos como miséria em toda a sociedade, são os alvos da crítica romântica. Destacam-se, sobretudo, críticas à “reificação” ou “coisificação”, que demarcam a desumanização do humano e a transformação das relações humanas em relações entre coisas, entre objetos inertes (Löwy & Sayre, 2015, p. 41). Os autores retomam, ainda, Lukács, que, ao abordar o conceito de reificação, destaca a "generalização do valor de troca" como o cerne desse fenômeno, enquanto outros aspectos da civilização capitalista associam-se a ele.

Nessa perspectiva, Löwy e Sayre (2015) interpretam os elementos críticos do Romantismo em relação às consequências desumanizadoras como valores positivos organizados em torno de dois pólos distintos: a) a subjetividade do indivíduo; e b) a valorização da comunidade humana, entre os seres humanos e/ou na relação com a natureza, perdida por conta do avanço da modernidade. A apreciação desses valores positivos, conforme delineada pelos autores, é crucial para compreender a natureza crítica desse movimento, especialmente no contexto do capitalismo.

No que diz respeito ao primeiro valor, a subjetividade do indivíduo, trata-se de um valor plenamente desenvolvido apenas no contexto moderno, onde há um “desenvolvimento da riqueza do eu, em toda sua profundidade e complexidade de sua afetividade, mas também em toda a liberdade de seu imaginário” (Löwy & Sayre, 2015, p. 47). No entanto, o desenvolvimento do “indivíduo isolado” está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento do capitalismo. O trabalho alienado cria a seguinte contradição: “esse indivíduo criado por ela só pode viver frustrado nela e acaba por revoltar-se” (p. 47). Nessa linha, a exaltação romântica da subjetividade - geralmente considerada a característica romântica mais fundamental - torna-se uma forma de resistência, ainda que com limites, à reificação e à uniformização da vida racionalizada pelo capitalismo moderno.

O capitalismo suscita indivíduos independentes para cumprir funções socioeconômicas; mas quando esses indivíduos se transformam em individualidades subjetivas, explorando e desenvolvendo seu mundo interior, seus sentimentos particulares, entram em contradição com um universo baseado na standardização e na reificação. E quando reivindicam o livre tráfego de sua faculdade de imaginação, esbarram na extrema platidão mercantil do mundo engendrado pelas relações capitalistas. Nesse aspecto, o romantismo representa a revolta da subjetividade e da afetividade reprimidas, canalizadas e deformadas (Löwy & Sayre, 2015, p. 47).

Mészáros (2012) identifica uma característica semelhante nos personagens dos romances de Jean-Paul Sartre: um rigoroso confronto com um tipo de problema tipicamente moderno, que se intensifica devido a um certo tipo de desenvolvimento social, caracterizado pelo processo de individualização e privatização, inseparável do avanço da alienação (Mészáros, 2012, p. 36). Ele retoma uma assertiva de Marx, presente nos *Manuscritos econômico-filosóficos* de 1844, sobre a relação contraditória entre indivíduo e comunidade inaugurada pelo capitalismo:

O estamento atual da sociedade mostra já a sua diferença do antigo estamento da sociedade civil no fato de que ele não é, como outrora, algo de comum, uma comunidade que contém o indivíduo, mas que é em parte o acaso, em parte o trabalho, etc. do indivíduo, o que determina se ele se mantém ou não em seu estamento (Marx apud Mészáros, 2012).

O segundo valor positivo está diretamente relacionado ao primeiro e diz respeito à busca pelos românticos por uma unidade ou totalidade. Conforme observado por Löwy & Sayre (2015), este valor abrange a unidade do eu com duas totalidades abrangentes: a

natureza e a coletividade humana. Enquanto a afirmação da subjetividade é, em certo sentido, individualista, emergindo das condições modernas de existência social, o segundo valor representa um "verdadeiro retorno", uma aspiração à comunidade, refletida numa busca por uma plenitude perdida que transcende tanto o humano quanto o natural. A visão romântica é, portanto, caracterizada por uma dupla exigência - a união com a natureza e com a coletividade humana - o que se contrapõe ao *status quo* estabelecido pelo capitalismo, marcado pela exploração da natureza e pela fragmentação da coletividade na modernidade (Löwy & Sayre, 2015).

Dessa inadequação aos valores modernos do capitalismo, deriva-se que a subjetividade romântica é interpretada como uma consciência infeliz, perturbada pela cisão, que busca restaurar os laços felizes capazes de realizar seu ser. Assim, o verdadeiro núcleo do valor para os românticos reside na união com os seres humanos e com o universo natural. A visão romântica, portanto, representa uma modalidade crítica do mundo moderno sob o domínio do capitalismo, destacando-se pela sua especificidade em desenvolver uma crítica a partir de um sistema de valores ancorado em ideais do passado (Löwy & Sayre, 2015).

Em resumo, os elementos fundamentais da visão romântica incluem o "repúdio à realidade social atual, a experiência de perda, nostalgia melancólica e busca do que foi perdido" (Löwy & Sayre, 2015, p. 47). Para os autores, isso significa que o interesse em temas como a nostalgia não se explica apenas por preferências individuais dos artistas românticos, mas sim por representarem uma oposição à realidade presente, à maneira como a vida e as coisas estavam predominantemente sendo conduzidas no contexto do modo de produção capitalista.

É fundamental ressaltar ao leitor que uma análise abrangente das controvérsias em torno do significado do Romantismo, assim como uma avaliação mais aprofundada e crítica da posição dos autores, extrapola os limites desta tese. Para os propósitos específicos deste trabalho, é essencial reter da discussão de Löwy & Sayre (2015) a interpretação do romantismo como uma visão de mundo crítica à sociedade capitalista, que contrapõe valores qualitativamente humanos à predominância dos valores quantitativos (ou valores de troca). Nosso objeto justifica esse recorte. Adiante neste trabalho veremos que, ao criticar o reducionismo na neurociência do final da década de 1970, Luria retoma com certa nostalgia a tradição dos eruditos românticos do século XIX cujas descrições e observações clínicas tinham, além do rigor científico, uma importante qualidade estética. Essa qualidade estética, por sua vez, favorecia-lhes o alcance de uma visão mais complexa e atenta às múltiplas relações que constituem a vida consciente dos seres humanos.

Retornando, entre as características da modernidade criticadas pelo Romantismo na lógica exposta, temos: a) o desencantamento do mundo; b) a quantificação do mundo; c) a mecanização do mundo; d) a abstração racionalista; e) a dissolução dos vínculos sociais.

A primeira característica, conhecida como “desencantamento do mundo”, ilustra a substituição na sociedade moderna dos valores sagrados e religiosos pelo pensamento de cálculo racional e utilitário. Marx descreve esse fenômeno ao afirmar que a burguesia afogou os fervores sagrados do passado “nas águas gélidas do cálculo egoísta”. Essa expressão, cunhada por Weber, destaca a retirada dos valores sublimes da esfera pública para a esfera “mística” ou para as relações individuais e pessoais. O Romantismo emerge como uma reação a esse fenômeno, buscando "reencantar o mundo" por meio de expressões como o fascínio pela noite, a exploração da magia e a tentativa de resgatar a natureza frente à crescente racionalização e instrumentalização da ciência e da tecnologia. Essas manifestações românticas buscam restaurar a sacralidade e a beleza perdidas na modernidade, priorizando a conexão emocional e espiritual com o mundo ao nosso redor em detrimento do racionalismo utilitário (Löwy & Sayre, 2015).

A segunda característica, a quantificação do mundo, de acordo com Löwy & Sayre (2015), é ressaltada por Weber, que identifica o espírito do capitalismo moderno como permeado pelo cálculo racional. Esse processo de quantificação, associado à lógica mercantil, é considerado pelos românticos como a origem dos males da sociedade moderna. Eles enxergam a corrupção da vida social pelo dinheiro e a poluição atmosférica causada pela industrialização como fenômenos intimamente ligados, ambos decorrentes da mesma essência perniciosa da quantificação do mundo. Diversos romances da segunda metade do século XIX, como *Tempos Difíceis*, de Charles Dickens (2015), publicado originalmente em 1854, exploram essa característica. Neste contexto, os românticos expressam uma preocupação compartilhada sobre os efeitos prejudiciais da ênfase excessiva na quantificação e racionalização na sociedade moderna, defendendo a preservação de valores que são irredutíveis aos números.

A terceira característica ressalta a rejeição do Romantismo à mecanização do mundo, adotando uma filosofia dinâmica em contraposição à visão mecanicista. Os românticos manifestam uma profunda aversão ao que é mecânico, artificial e construído, em favor do natural, do orgânico e do dinâmico. Sentindo nostalgia pela harmonia perdida entre o ser humano e a natureza, esses pensadores reverenciam a natureza de forma mística, lamentando os avanços da máquina, da industrialização e da dominação mecanizada do meio ambiente. Eles confrontam angústias diante da mecanização do próprio ser humano, considerando as

máquinas e seus ambientes como infernais, enlouquecedores, melancólicos e repetitivos. Como exemplo, o ensaio *Sinais dos Tempos*, publicado por Thomas Carlyle em 1829, aborda a Era do Mecanismo, ressaltando a crítica romântica à política moderna como um sistema mecânico, artificial, inorgânico, geométrico, desprovido de vida e alma. (Löwy & Sayre, 2015).

A quarta característica moderna à qual os românticos se opõem, destacada por Löwy e Sayre (2015), é a abstração racionalista. Os autores retomam as perspectivas de Marx, Weber e Karl Mannheim para ilustrar como a economia capitalista se apoia em categorias abstratas, como o trabalho abstrato e o valor de troca. Weber enfatiza a centralidade da racionalização na civilização burguesa moderna, enquanto Mannheim observa a conexão entre racionalização, desencantamento e quantificação na modernidade capitalista. Os românticos rejeitam essa abstração ideológica, buscando um retorno ao concreto e contrapondo direitos concretos aos abstratos. Além disso, o historicismo, uma perspectiva inaugurada pelos românticos, emerge como uma alternativa à abstração racionalista.

A última característica discutida por Löwy e Sayre (2015) é a dissolução dos vínculos sociais. Em *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra em 1844*, Engels observa uma contradição essencial da vida moderna⁴, já percebida pelo poeta alemão Clemens Brentano em 1827: a concentração crescente de pessoas nas cidades, acompanhada pela individualização crescente da vida. Os românticos, por sua vez, vivenciam profundamente a alienação das relações humanas e a destruição das antigas formas orgânicas e comunitárias da vida social, que resultaram no isolamento do indivíduo em seu próprio egoísmo, uma dimensão importante da civilização capitalista centrada na cidade.

O herói romântico apresentado por Rousseau no romance epistolar *Júlia ou A Nova Heloísa* (2006), de 1761, é o antecessor de uma série de personagens que experimentam solidão, incompreensão e uma incapacidade de se conectar significativamente com os outros, mesmo imersos na vida social moderna, descrita agora como um "deserto urbano". Inicialmente associada à elite, a sensação de isolamento torna-se na literatura, especialmente a partir de Flaubert⁵, um tema universal e trágico que permeia a condição humana na sociedade contemporânea. Löwy e Sayre (2015) também identificam essa preocupação romântica com o isolamento em outras formas literárias, como o monólogo interior e a narrativa parcial, não onisciente, assim como em tentativas de resgatar a comunidade perdida

⁴ Para mais detalhes, conferir em Engels (2008).

⁵ Gustave Flaubert (1821-1880) foi um escritor francês, mais conhecido pelo romance *Madame Bovary*, de 1856, célebre por trazer análises psicológicas profundas e observações sobre os comportamentos sociais de suas personagens.

e transferi-la para o domínio imaginário. No ramo das artes plásticas, as pinturas de artistas como do expressionista alemão August Macke (1887-1914) e do artista gráfico norte americano Edward Hopper (1882-1967), por exemplo, exploram essa temática do isolamento na vida moderna, destacando a solidão como um aspecto inquietante da vida moderna (Löwy & Sayre, 2015).

Vimos várias características da modernidade que os românticos contestam de diferentes maneiras, como destacado por Löwy e Sayre (2015), variando em níveis de intensidade e consciência. A oposição entre a subjetividade e a organicidade da vida humana contra a mecanização, o racionalismo abstrato e a quantificação, teve influências significativas no pensamento científico do final do século XIX, abrangendo diversos campos de investigação. Na psicologia e áreas afins, os valores românticos impactaram na oposição entre perspectivas que reduzem os processos psicológicos humanos a concepções naturalistas e posições que enfatizavam a complexidade e múltiplas relações que constituem a dinâmica da vida psíquica. Luria (2015) retoma essa crítica ao reducionismo tecnológico, especialmente na prática clínica e nos relatos de caso, destacando o risco de substituição da atividade consciente por metáforas mecânicas e tecnológicas. Examinaremos mais detidamente como Luria utiliza de tais valores românticos na crítica que faz ao fortalecimento do reducionismo tecnológico ao longo do século XX (Halliwell, 1999).

Antes de encerrar esta seção, é importante destacar alguns pontos levantados por Löwy e Sayre (2015) sobre a origem histórico-social do Romantismo, a fim de aprofundar nossa compreensão desse conceito e de seus valores fundamentais. Os autores introduzem a perspectiva do pesquisador e teórico do Romantismo Jacques Bousquet, para quem esse fenômeno cultural está intimamente ligado ao conjunto da civilização moderna. Embora possamos identificar sinais precursores da crítica romântica já na Antiguidade, como no caso de reações à evolução e aos impulsos bruscos do progresso, do desenvolvimento do comércio, do dinheiro, das cidades e da indústria, é somente na segunda metade do século XVIII que o Romantismo emerge como uma estrutura plenamente desenvolvida. Nesse momento, tal fenômeno surge como uma resposta cultural à ascensão de um sistema econômico globalizado, marcando um salto qualitativo no desenvolvimento histórico das sociedades e representando o advento de uma nova ordem, distinta de tudo o que a precedeu.

Ao mencionar Karl Polanyi em *A Grande Transformação*, de 1944, os autores destacam a singularidade dessa mudança. Polanyi (2000) a descreve como uma verdadeira “metamorfose da lagarta” onde, pela primeira vez na história, o domínio econômico, na

forma de um mercado autorregulado, torna-se autônomo em relação às instituições sociais.

Segundo o autor:

[...] ao mesmo tempo, no nível da psicologia social, um dentre os múltiplos motivos de ação nas sociedades anteriores (costumes, direito, magia, religião etc), adquire primazia: o lucro. Em um tríplice processo de unificação, extensão e emancipação da economia de mercado, chega-se a uma inversão total dos princípios que regiam todas as sociedades do passado, que consiste em subordinar a substância da própria sociedade às leis do mercado (Polanyi, 2000).

Assim, o mercado, que antes existia como um meio de troca e não como um fim em si mesmo, passa a ser dentro do modo de produção capitalista o próprio fim desse sistema, suplantando as comunidades humanas. Essa transformação não apenas reconfigura as dinâmicas sociais e econômicas, mas também exerce uma profunda influência sobre a mentalidade e as aspirações individuais e coletivas, representando uma importante virada na trajetória histórica da humanidade. Löwy e Sayre (2015) destacam ainda que a transição do feudalismo para o capitalismo é um processo secular marcado por dois momentos significativos de ruptura. O primeiro ocorre durante a Renascença, ou Renascimento (séculos XIV a XVI), caracterizado pelo enfraquecimento dos laços sociais medievais em diferentes contextos e países, dando início ao processo de “acumulação primitiva”.

O segundo ponto determinante ocorre na Revolução Industrial do século XVIII, que conduz à hegemonia de um sistema de produção capitalista, fundamentado nas leis de mercado. É neste segundo momento, quando as tendências em curso se consolidam, criando as bases da indústria moderna e estabelecendo a dominação do mercado sobre a vida social como um todo, como já abordado anteriormente, que o Romantismo surge como resposta cultural. A complexidade e profundidade dessas transformações socioculturais encontram expressão no surgimento do movimento, marcando uma nova fase na história em que as bases do capitalismo moderno são solidificadas (Löwy & Sayre, 2015, p. 73) .

Os impactos da disseminação do mercado na cultura e nas artes, como a literatura, são evidentes: os artistas se tornam cada vez mais “agentes livres nos diferentes mercados de seus produtos culturais”. O sistema de mecenato diminui em favor da comercialização de obras, enquanto os produtores culturais enfrentam as contradições entre o valor de uso e o valor de troca (Löwy & Sayre, 2015, p. 73). Esse novo sistema socioeconômico afeta profundamente as artes em sua essência.

Antes de concluirmos, é relevante destacar o enfoque dos autores na arte romântica. Na arte, a crítica romântica adota meios “propriamente estéticos”, diferenciando-se de

ensaios ou tratados, e frequentemente carece de uma “denúncia franca e sem ambiguidades” dos males da sociedade contemporânea (Löwy & Sayre, 2015). A perspectiva do artista é predominantemente transmitida pela organização da narrativa, sugestão, ironia e uma variedade de técnicas literárias.

A exposição do significado do Romantismo por Michael Löwy e Robert Sayre permite identificar características e valores que influenciaram a ciência romântica do século XIX. A crítica ao reducionismo e à racionalização abstrata resultantes da aplicação direta dos métodos das ciências naturais aos problemas da psicologia se destaca em diferentes ramos de investigação, dentre eles, na Psicologia. Em contraposição a esse reducionismo, a ciência romântica como exposta por Luria (1974; 2015), propõe o estudo dos processos e fenômenos psicológicos como totalidades concretas, dinâmicas, contraditórias e constituídas por uma multiplicidade de determinações.

Além disso, é importante ressaltar que a nostalgia de Luria por uma tradição de eruditos do século XIX que perdeu terreno frente aos avanços de uma certa racionalidade moderna, revela-se numa época em que esses estudos e relatos não apenas possuíam rigor científico, mas também apresentavam uma alta qualidade estética e literária. Essa preocupação estética e literária está em sintonia com os ideais românticos: o esforço em compreender e expressar a complexidade e a riqueza da experiência humana. Veremos que embora Luria (2015) não lamente o desaparecimento de um passado “pré-capitalista” como os românticos, sua constatação indica a existência de uma época em que, pelo menos, existiam alternativas consistentes ao reducionismo como orientação do pensamento clínico, algo que ele avalia não existir quando escreve sua autobiografia de 1976 (Luria, 2015).

Na seção seguinte, abordaremos a ciência romântica como uma tradição influenciada pela crítica romântica surgida na segunda metade do século XIX. Tal perspectiva da produção do conhecimento carrega em seu cerne a problematização da necessidade do diálogo entre as artes e as ciências como via para se empreender uma análise complexa do psiquismo humano.

1.2. A ciência romântica

Na presente seção, buscamos examinar o conceito de ciência romântica, tendo como referência central o livro de Martin Halliwell, professor da Escola de Artes e Estudos Americanos da Universidade de Leicester, intitulado *Romantic Science and the Experience of Self: Transatlantic Crosscurrents from William James to Oliver Sacks* (1999). O autor analisa

historicamente a ciência romântica e sua expressão em diversos autores do final do século XIX e do século XX, incluindo Erik Erikson, Otto Rank, William James e Oliver Sacks. Além disso, o autor discute a importância de Luria para essa perspectiva, lembrando o neuropsicólogo soviético como sendo o único, além de Sacks, a utilizar o termo "ciência romântica" propriamente dito quando se refere às suas investigações clínicas em seus trabalhos de neuropsicologia.

Helliwell (1999) situa o surgimento da ciência romântica no final do século XIX, em meio a uma crescente insatisfação entre eruditos e cientistas de diversas áreas. A crítica principal realizada por eles incidia sobre o reducionismo e a predominância dos métodos quantitativos das ciências naturais ao serem aplicados aos problemas das ciências humanas. A ciência romântica não se apresenta como uma tradição coesa ou um grupo unificado de autores, mas sim como um conjunto de características compartilhadas, com destaque para a tentativa de combinar e sintetizar diferentes perspectivas de conhecimento. Os eruditos românticos, enquanto uma “contra-tradição”, representavam uma ruptura nesse processo demarcado pelo domínio e ênfase de métodos e técnicas quantitativas. Dessa crítica feita pelos eruditos românticos, evidencia que o período em que se desenvolveu as bases da ciência romântica foi marcado por um aumento do interesse na compreensão de como os sujeitos percebem, interpretam e se relacionam com o mundo exterior (Halliwell, 1999).

Halliwell (1999) identifica duas revoluções como as raízes da mudança na perspectiva do conhecimento: a industrial e a da ciência aplicada. Impulsionadas pela fé iluminista na razão e no progresso, essas revoluções geraram avanços tecnológicos, mas também provocaram uma divisão cultural. A partir dos séculos XVII e XVIII, a ciência aplicada priorizou a utilidade social e a eficiência econômica, relegando a segundo plano práticas não alinhadas com esses objetivos. O autor ilustra essa mudança com a pensadora socialista Winnifred Wygal, que definiu o capitalismo como uma época em que os problemas da humanidade são reduzidos a “problemas do aço”, simbolizando a primazia da lógica da produção e da eficiência.

No final do século XIX, especialmente na Alemanha, emergiram novas concepções que destacavam as dificuldades de se utilizar analogias da ciência natural para explicar o comportamento humano, em um período de crescente especialização. Nesse contexto de embate de perspectivas, a ciência romântica surge como uma crítica ao método científico tradicional, propondo “modos duais ou múltiplos de compreensão” que combinam investigação rigorosa com criatividade estética, aproximando-se das artes. Nas áreas médica e psicológica, esses métodos revelam as limitações das abordagens clássicas para lidar com a

complexidade da psique humana e abrem caminho para o desenvolvimento de técnicas terapêuticas alternativas (Halliwell, 1999).

No entanto, Halliwell (1999) ressalta que não se trata de uma tarefa fácil, e um desafio central se impõe aos cientistas românticos: como incorporar a interpretação do sujeito no processo científico, sem cair assim, numa metafísica.

De fato, a partir de uma perspectiva romântica do final do século XVIII, o artista é visto como defensor de uma verdade pessoal expressiva excluída das práticas científicas aplicadas para discernir leis causais e naturais. A arte romântica é geralmente caracterizada por 'coisas modificadas pelas paixões e imaginação da pessoa que percebe em oposição à 'descrição impessoal e objetiva característica da ciência física'. Se a ciência normal compreende o mundo a partir de um ponto de referência arquimediano, então a arte romântica foca na primazia do sujeito que percebe e imagina. Portanto, o desafio para os cientistas românticos é descobrir um método de investigação que incorpore a interpretação subjetiva, sem recorrer à especulação metafísica ou desconsiderar a expressão criativa como epifenômeno de criaturas essencialmente materiais (Halliwell, 1999, p. 05).

Para Halliwell (1999), a ciência romântica é um termo contraditório que situa seu objeto de estudo dentro de parâmetros filosóficos, ao mesmo tempo em que sugere pontos de tensão no domínio da investigação. Ela representa um modo de escrita que não pode ser facilmente classificado com base em categorias genéricas disponíveis, além de descrever uma abordagem específica para os complexos problemas teóricos encontrados nas ciências humanas, como lidar com as divisões em especialidades típicas da ciência moderna. Nesse sentido, a ciência romântica é tanto um gênero de escrita quanto uma “contra-tradição” do pensamento. A nosso ver, essa definição ressoa com os termos usados por Luria ao referir-se a seus “romances neurológicos”, tema que será abordado adiante deste trabalho, no quarto capítulo.

Assim, o termo "ciência romântica" possui uma relevância histórica específica, referindo-se às formas de investigação que floresceram na Alemanha entre o final do século XVIII e meados do século XIX. A máxima de Goethe⁶ de que “cinzas são as teorias, mas sempre verde é a árvore da vida”, lembrada por Luria (2015), é a epítome dessa perspectiva e opõe a “riqueza da realidade viva” ao reducionismo e a abstração extrema da ciência clássica. Halliwell afirma que na Alemanha - mais do que em outros países onde o movimento romântico também floresceu - houve uma coexistência entre o Romantismo e outras áreas de ciência, como a Medicina, bem como entre estas e as artes, como a literatura.

⁶ Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), polímata, autor e estadista alemão.

Assim como o movimento romântico, conforme discutido por Löwy e Sayre (2015), a ciência romântica também é caracterizada por uma tensão entre modernidade e anti modernidade. Halliwell (1999) descreve essa abordagem científica como modernista ao explorar aspectos da experiência humana negligenciados pela ciência tradicional, mas também como antimodernista ao resistir às forças da modernização tecnológica que podem comprometer a identidade individual, pelo menos em partes. Ele também afirma que os cientistas românticos rejeitam a dicotomia "objetividade versus subjetividade" para o estudo da atividade humana e da natureza, trabalhando por meio de uma série de desenvolvimentos empíricos e imaginativos, com o objetivo de relacionar perspectivas diversas e abranger possibilidades teóricas e práticas inalcançáveis pela perspectiva tradicional.

Halliwell (1999) sublinha que a ciência romântica não se trata de uma fusão entre esferas de conhecimento independentes, ao contrário do que hoje chamamos de "pluralismo" ou "holismo" científico. O holismo, destaca o autor, tende a generalizar a partir de um ponto de vista universalista em detrimento do específico e do contingente. Na esfera da investigação dos processos neuropsicológicos, Pinheiro (2005) discute a neuropsicologia luriana como uma superação do localizacionismo estreito e do holismo na compreensão da atividade cerebral através do conceito de sistema funcional. Este conceito, central na neuropsicologia de Luria, seria uma expressão científica de como tratar da "totalidade" sem se confundir com o holismo. Distinções entre esses modelos de investigação serão discutidas no capítulo 3.

De acordo com Halliwell (1999), a ciência romântica alemã adotava uma abordagem especulativa metafísica, embora fundamentada em observações empíricas dos fenômenos naturais. Assim, apesar de criticarem o excessivo mecanicismo do modelo newtoniano e serem influenciados pelo dinamismo da natureza da *Naturphilosophie*, os cientistas românticos também se preocupavam com a aplicação prática do conhecimento especulativo.

À época, não havia uma única forma de ciência romântica, ou seja, diferentes disciplinas das ciências naturais eram representadas por diversos cientistas. Eles percebiam as múltiplas dimensões da ciência como interconectadas e sujeitas a uma metafísica unitária da natureza. Segundo Halliwell (1999), vários ramos das ciências naturais estavam representados por uma perspectiva romântica, incluindo Justus Liebig (1803-1873) na química, Alexander von Humboldt (1769-1859) na ciência "universal", Johann Ritter (1776-1810) e o dinamarquês Hans Oersted (1777-1851) na física, Henrik Steffens (1773-1845) na geologia, e Carl Carus (1789-1869) e Gotthilf Schubert (1780-1860) na medicina. Em mais um contraponto geralmente associado à ciência tradicional, em que as disciplinas se apresentam como "isoladas" em domínios próprios, nenhum praticante

afirmava categoricamente que sua própria disciplina era distintamente separada das outras (Halliwell, 1999).

A ciência romântica, assim, busca abordar as "inadequações presentes em cada ponto de vista ao confrontar uma série de perspectivas aparentemente irreconciliáveis" (Halliwell, 1999, p. 05), visando a emancipação do reducionismo. Na vertente relacionada à Medicina e à Psicologia, também se apresenta um potencial libertador em contraste com as perspectivas reducionistas, devido à atenção dada aos indivíduos a quem ela se concentra.

A ciência romântica não constrói um modelo essencialista do eu que apaga diferenças culturais e de gênero específicas, mas tenta se concentrar em habilidades e capacidades que podem ter sido perdidas ou nunca adquiridas por indivíduos que sofrem formas específicas de disfunção mental ou corporal. A ciência romântica inscreve um modelo humanista e otimista da capacidade humana e enfatiza a versatilidade das pessoas para se adaptarem e se desenvolverem em circunstâncias adversas (Halliwell, 1999, p. 07).

A abertura promovida pela ciência romântica permite que ela se interessasse por formas ainda não estabelecidas de reabilitação ou manejo de condições muito difíceis. Podemos estabelecer um paralelo aqui. Os heróis românticos e outros personagens simbolizam sujeitos que, de algum modo, não se adequam aos padrões de normalidade ligados ao *status quo* do ser humano moderno, aquele fragmentado da coletividade, tanto em sua relação com a natureza quanto com outras pessoas, conforme já discutido no item anterior (Löwy & Sayre, 2015). O mesmo ocorre com a ciência romântica, que demonstra interesse no "humano" para além dos métodos tecnicistas e mecanicistas, os quais vêem o funcionamento psíquico dos seres humanos apenas como níveis de energia ou um sistema de habilidades perceptuais. Desse modo, a ciência romântica não substitui os termos clássicos de análise por uma metodologia definida. Assim, ela é uma área heterogênea que engloba investigações sobre individualidade, respostas estéticas, descrição fenomenológica e observação do comportamento. Com isso, ela reinterpreta os termos do discurso de um campo especializado da investigação científica (Halliwell, 1999).

Para realizar os procedimentos descritos acima, a ciência romântica presta atenção às expressões da realidade de formas que são desconsideradas pela ciência clássica. Em contraposição aos grandes sistemas abstratos e aos métodos de quantificação, os eruditos românticos concentram-se no fragmento, na narrativa dos sujeitos e recorrem a fragmentos aforísticos e poéticos. Halliwell (1999) evoca a crítica feita pelo pintor e poeta inglês William

Blake (1757-1827), que ecoa o valor romântico do prosaico e do diminuto: em vez de ser capaz de discernir a eternidade em um grão de areia, o único grão é negligenciado em prol da conceituação da eternidade.

Halliwell (1999) sugere que a ciência romântica tem suas raízes na *Naturphilosophie*, uma vez que esta última introduziu uma nova abordagem dinâmica para entender a natureza no início do século XIX. Esta abordagem contrastava com o paradigma mecanicista predominante da época, que via a natureza apenas como uma máquina obedecendo a regras fixas. Através da *Naturphilosophie* e das ideias de Schelling (1775-1854) e outros, a natureza passou a ser concebida tanto como a fonte quanto o resultado dos fenômenos, abrindo espaço para uma compreensão mais ampla e integrada do mundo natural.

Além de Schelling, Halliwell (1999) menciona como influências da ciência romântica os autores alemães associados ao movimento literário conhecido como *Sturm und Drang*, isto é, “Tempestade e Ímpeto”. Dessa escola, Goethe (1749-1832) e Novalis (1772-1801) são talvez os representantes mais proeminentes, sendo também considerados artistas “pré-românticos”, referidos como os “homens de sentimento” ou “mediadores históricos”. Eles valorizavam formas de Classicismo juntamente com um apreço por uma resposta emocional ao mundo, desempenhando o papel de mediadores históricos entre o intelectualismo do Iluminismo e a exaltação dos sentimentos na poesia romântica. Por fim, o papel desses autores foi estabelecer uma conexão estreita entre os cientistas naturais alemães e outros “pré-românticos”, como Herder (1744-1803).

Esses autores passaram a demonstrar uma maior cautela em relação à razão, percebendo uma aliança sufocante entre o racionalismo e a mecânica newtoniana. A explicação mecânica-atômica newtoniana de todos os fenômenos naturais foi substituída por um conceito dinâmico e orgânico, acompanhado da valorização do sentimento em detrimento da mente crítica. Buscava-se decifrar os fenômenos nas ciências naturais, assim como os enigmas da vida e da doença, por meio da intuição em vez de apenas por experimentação. A intuição e a imaginação criativa passaram a ser consideradas como faculdades poderosas para desvendar os mistérios da natureza que estavam além do alcance dos instrumentos científicos (Halliwell, 1999).

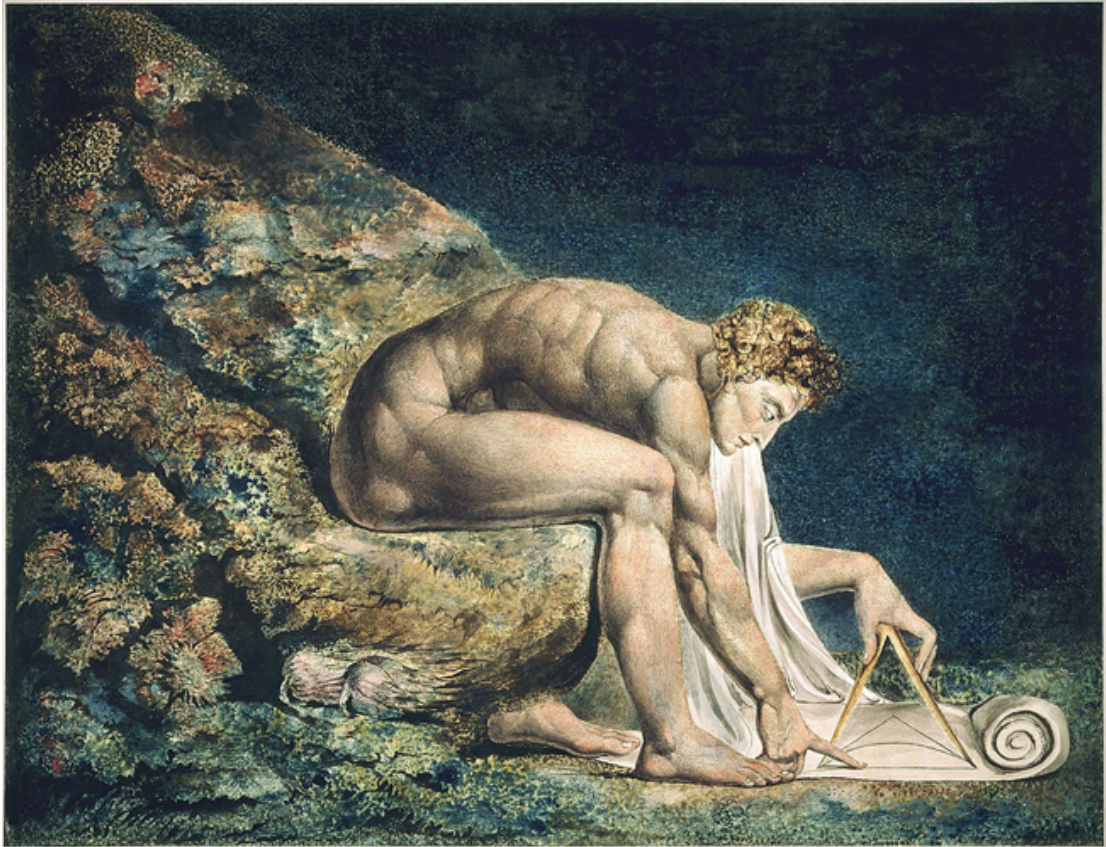


Figura 1. *Newton* (1795-1805), de William Blake.

Newton, pintado por William Blake entre 1795 e 1805, retrata o cientista Isaac Newton de uma forma que vai além da simples representação física desse indivíduo. Na obra, Newton está imerso em suas atividades intelectuais, concentrado em seu compasso e papel, mas parece desconectado do mundo ao seu redor. Com essa obra, Blake desafia a visão tradicional de cientistas como observadores objetivos, questionando a abordagem de Newton à ciência e criticando a mentalidade materialista e mecanicista que ele representa. A pintura contrasta a figura de Newton com o ambiente natural caótico ao seu redor, simbolizando as forças naturais e espirituais que vão além da compreensão da ciência convencional. Esta obra convida os observadores a refletir sobre as consequências do racionalismo extremo.

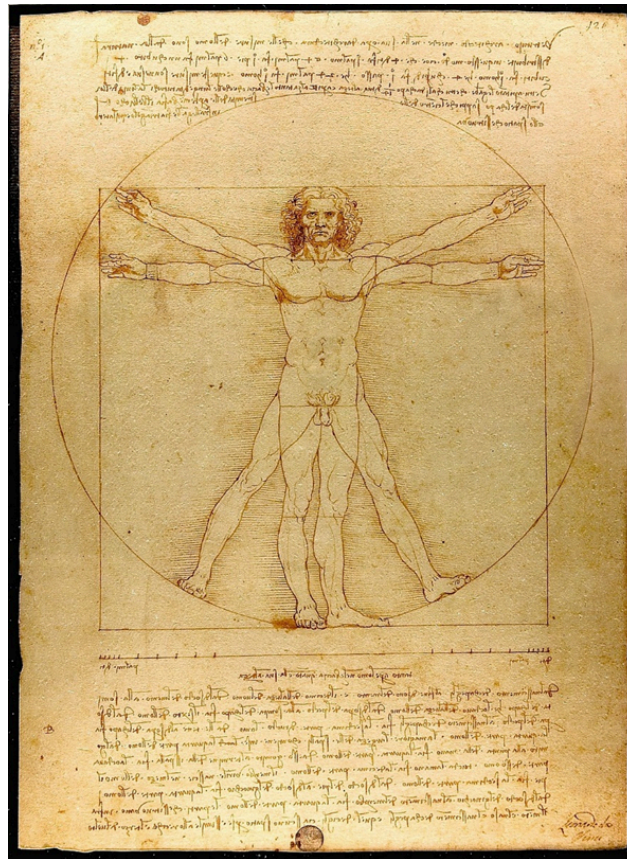


Figura 2. *O homem vitruviano* (1490), de Leonardo Da Vinci.

Em comparação a *O homem vitruviano* (1498) de Leonardo Da Vinci (1452-1519), a obra de Blake apresenta uma visão mais crítica e provocativa da relação entre o homem e o universo. Enquanto o desenho de Da Vinci destaca a harmonia e proporção do corpo humano dentro da ordem divina, *Newton* sugere uma desconexão entre o cientista e a espiritualidade do universo. Enquanto Da Vinci celebra a integração do homem com a natureza, Blake desafia a visão científica convencional que separa o conhecimento da totalidade da experiência humana. A comparação entre as obras permite vislumbrar as diferenças culturais entre as visões de mundo e de homem do Renascimento e do Romantismo, em contraposição.

Os cientistas românticos, em contraste com os métodos “clássicos”, também atribuem valor à narrativa fornecida pelos próprios sujeitos como parte integrante do processo de investigação. Isso representa um foco na individualidade das experiências do sujeito. No entanto, esse ato de narrar do sujeito é transposto para a narrativa como parte do texto analítico do cientista, abordando processos psicológicos, a personalidade, entre outros aspectos. Em outras palavras, a interpretação do relato inicial é incorporada à narrativa clínica - o que não ocorre sem conflitos, pois longe de ser uma transposição “pura” - servindo como ponto de partida para a análise e a interpretação posteriores (Halliwell, 1999). Halliwell

(1999) destaca ainda que a narrativa é considerada em sua potencialidade como um artefato ativo ou criador que cada cientista busca, indicando áreas em que os modos estéticos de expressão podem complementar o escopo convencional das ciências humanas.

Assim, a postura dos cientistas românticos também questiona as divisões tradicionais e rígidas entre arte e ciência, vendo-as como complementares e mutuamente influentes, apesar de suas distinções. Frisa-se ainda que, o procedimento descrito tem por objetivo ampliar a linguagem em relação ao que é conhecido. Isto é, apontar os limites dos métodos “clássicos” na abordagem e investigação do humano, com o objetivo de ampliar o conhecimento da realidade. É nesse ponto que há entre os românticos e os cientistas românticos uma diferença fundamental. O idealismo excessivo dos românticos e uma certa metafísica da natureza é afastada em prol da aplicação da imaginação e do sentimento aos dados empíricos e objetivos.

Halliwell (1999) dedica algumas páginas de seu livro a Luria e basicamente retoma os pontos que serão discutidos neste trabalho adiante, especificamente no capítulo 3. Para nossos propósitos, é importante destacar da discussão feita a partir desse autor que uma das principais características do que se convencionou chamar de uma ciência romântica é a combinação do que havia de mais avançado em termos de instrumental científico moderno com a imaginação, criatividade e qualidade estética. Além disso, essa abordagem orienta essa combinação para investigar aspectos pouco analisados à época, como síndromes e déficits fora do escopo convencional de análise.

São essas as características centrais que também são retomadas por Luria (2015) na sua defesa da perspectiva romântica, assumindo as qualidades estéticas como potenciais para a ampliação do conhecimento da realidade, em uma época de predominância do reducionismo tecnológico. No entanto, é importante fazermos ainda algumas observações. Por exemplo, Halliwell (1999) chega a caracterizar a ciência romântica de Luria como uma leitura fenomenológica que seria essencialmente diferente da natureza. Como veremos, Luria era crítico da divisão entre a “fenomenologia” de um lado e o “materialismo” do outro, de modo que sua descrição fenomenológica dos casos não se opõe ao empírico, mas, ao contrário, anda *pari passu* com a análise da atividade cerebral. Essa diferença é possibilitada por Luria (2015) a partir do método do materialismo histórico-dialético na sua análise da gênese extracortical das funções psicológicas superiores.

No entanto, um elo importante entre uma característica da ciência romântica em sua origem, conforme apontado por Halliwell (1999), é que um de seus objetivos é desenvolver técnicas que incentivem indivíduos que sofrem com a perda a reconstruir o eu incorporado

como um veículo significativo e ativo de agência. Entendemos que esse procedimento é característico dos “romances neurológicos” de Luria, nos quais a luta pela reabilitação é descrita não apenas como uma busca pela recuperação de funções, mas pela própria “identidade” dos sujeitos (Luria, 1999; 2008). Isso se torna ainda mais evidente com a necessidade de que essa possibilidade seja acompanhada por um compromisso de não se esquecer nem da provisoriedade nem da fragilidade do eu, especialmente em condições extremamente difíceis como as retratadas.

Dessa forma, Halliwell (1999), salienta a partir de Sacks (1991) que o papel da narrativa clínica não é o de meramente contar uma história ou construir um personagem, mas expressar aspectos subjetivos do adoecimento. Isto é, a pessoa por detrás do sofrimento. As histórias dos pacientes não são usualmente apresentadas como uma anedota ou conjunto de sintomas, mas como uma “narrativa temporal na qual a experiência da doença é integralmente influenciada pela personalidade e perspectiva de quem conta a história” (Halliwell, 1999, p. 284).

No próximo capítulo, avançaremos para o início do século XX, em um contexto no qual a psicologia científica já estava estabelecida, mas começava a enfrentar críticas mais contundentes. Apesar de outros problemas próprios do contexto histórico e social, a crítica ao reducionismo permanece como uma importante questão posta à psicologia clássica e incorporada na concepção de uma psicologia concreta que a substituiria. É nesse contexto de debate que Luria inicia sua trajetória na psicologia, profundamente influenciado tanto pela ciência romântica quanto pela busca da construção de uma psicologia concreta, que começa a ganhar força por volta dos anos de 1920. Exponentes centrais dessa orientação dentro da ciência psicológica são Georges Politzer e Lev Semionovitch Vygotsky, que introduzirão, de formas singulares. Uma categoria fundamental que revela afinidades com a perspectiva de ciência romântica de Luria, o drama e que ecoará em seus escritos sobre neuropsicologia: os romances neurológicos. Discutiremos a seguir as concepções de drama no pensamento desses dois autores precursores do neuropsicólogo.

CAPÍTULO 2. NOTAS SOBRE A PSICOLOGIA CONCRETA E A CATEGORIA DE DRAMA HISTÓRICO-CULTURAL

*“Neste teatro que é o mundo, nada causa mais
admiração do que o homem.”*

(Pico Della Mirandola)

Neste capítulo, investigamos os conceitos de Georges Politzer e L. S. Vygotsky relativos à psicologia concreta e ao papel do drama em sua formulação. A nosso ver, essa análise revela afinidades com os problemas teórico-metodológicos discutidos por Luria em sua ciência romântica. Entre essas afinidades, destacam-se: a) a crítica à abstração na análise dos processos psicológicos, que tende a apagar o sujeito concreto e o sentido pessoal; b) a ênfase no potencial dialógico entre as artes e a psicologia, promovida pela categoria do drama como um meio de “humanização” da psicologia e do texto psicológico, em contraposição ao reducionismo biológico.

A seguir, abordaremos o significado da categoria drama histórico-cultural dentro da psicologia concreta desses autores, que repercutiram na formulação de ciência romântica de Luria expressa em seus romances neurológicos.

A crítica à abstração na análise psicológica, que obscurece a individualidade e o sentido pessoal, contrastada com a ênfase no potencial dialógico entre as artes e a psicologia, tem na categoria drama a ponte para a “humanização” da ciência psicológica e do texto psicológico. Essa compreensão é abordada por Luria de maneira singular quando ele discute o conceito de ciência romântica, particularmente em sua autobiografia *A Construção da Mente* (2015). Apesar de não termos encontrado referências de Luria à obra de Politzer em nossa revisão bibliográfica, é evidente a proximidade entre as posições dos autores em relação aos dois pontos destacados: a crítica ao reducionismo e a inspiração nas artes como meio de ampliar a compreensão do processo psicológico diante das limitações da abordagem da ciência clássica na compreensão do psiquismo.

No que se refere a Vygotsky, como será demonstrado, sua influência é diretamente relevante, especialmente no que diz respeito ao conceito de cérebro histórico-cultural, que segundo Silva (2012) começa a tomar forma no manuscrito de 1929 (2000), também referenciado como *A Psicologia Concreta do Homem*, o mesmo texto em que Vygotsky dialoga com a noção de drama de Politzer (1998).

Dado o exposto inicial, este capítulo segue a trajetória a seguir: primeiramente, são apresentadas as críticas de Politzer (1998) aos pressupostos da psicologia clássica, os quais, em conjunto, promovem a abstração na análise dos processos psicológicos. Em seguida, delineamos o papel do drama na psicologia concreta a partir das contribuições de Politzer. No segundo tópico, é explorado o diálogo de Vygotsky com o conceito de drama, com foco no manuscrito supracitado. Neste contexto, são identificadas algumas diferenças em relação à proposta de Politzer, estabelecendo assim uma base teórico-metodológica que será desenvolvida por Luria ao longo de sua trajetória em relação ao papel do cérebro na análise do processo psicológico.

2.1. A arte como metáfora de uma nova psicologia: a psicologia concreta de Georges Politzer

Georges Politzer foi um filósofo e teórico marxista, naturalizado francês, mas de origem húngara-judia. Nasceu em Nagyvárad, Hungria (atualmente Oradea, Romênia), em 3 de maio de 1903, e morreu em 23 de maio de 1942, em Mont-Valérien, na França. Foi executado por um pelotão de fuzilamento nazista durante a ocupação na Segunda Guerra Mundial. Aos dezessete anos, como militante socialista, participou da breve república soviética da Hungria (entre março e agosto de 1919), liderada por Béla Kun (1888-1938). Com seu fim, partiu para o exílio, passando brevemente por Viena, onde teve contato com o trabalho dos psicanalistas Sigmund Freud (1856-1939) e Sándor Ferenczi (1873-1933). Chegou a Paris em 1921, onde se formou em filosofia e estudou com Léon Brunschvicg, que, apesar de ter exercido influência no pensamento de Politzer, foi alvo de suas críticas posteriormente. Graduiu-se em filosofia em 1926, e em 1928 publica sua obra mais importante e influente sobre a psicologia: *A Crítica aos Fundamentos da Psicologia: A Psicologia e a Psicanálise*.⁷

Entre 1929 e 1931, Politzer ingressou como professor e ativista político, desempenhando papéis importantes nos sindicatos de professores e no Partido Comunista Francês (PCF), onde assumiu a responsabilidade pela Comissão Econômica do Comitê Central. Além de suas atividades políticas, ele lecionou tanto na Universidade dos

⁷ Marxists Internet Archive. (s.d.). Politzer, Georges. In: Glossary of People: O. Recuperado de <https://www.marxists.org/glossary/people/p/o.htm#politzer-georges>.

Trabalhadores quanto na escola central do PCF, e foi um dos membros fundadores da revista *La Pensée* (Pardi, 2007).

Com a ocupação nazista da França em setembro de 1940, Politzer dedicou-se à resistência ao regime, estabelecendo dois jornais clandestinos: *L'Université Libre* e *La Pensée Libre*, onde contribuía com artigos sob o pseudônimo Rameau. Em fevereiro de 1942, ele e sua esposa Mai, também comunista e ativista da Resistência, foram presos por violarem a lei que proibia o Partido Comunista. Posteriormente, em 23 de maio de 1942, Politzer foi executado junto com um grupo de reféns. Mai Politzer foi deportada para Auschwitz e faleceu em março de 1943. Os cursos ministrados por Politzer na Universidade dos Trabalhadores durante os anos de 1935 e 1936 foram publicados postumamente como *Principes élémentaires de philosophie* (“Princípios Elementares de Filosofia”)⁸.

Os textos psicológicos de Politzer datam de 1924 e estão incluídos em outras obras publicadas na revista *L'Esprit*, durante o mesmo ano em que seu interesse público pela psicanálise começou a se manifestar. Isso ocorreu por meio da publicação de dois artigos na revista *Philosophies: Médecine ou philosophie?* (“Medicina ou filosofia?”) e *Le mythe de l'antipsychanalyse* (“O mito da antipsicanálise”). Dois temas principais emergem dessas publicações. Primeiramente, destaca-se a revolução que a psicanálise representava nas ciências humanas da época, graças a Freud ter inventado um método capaz de compreender o indivíduo em sua singularidade, evitando a abstração que caracterizava a psicologia contemporânea. No entanto, Politzer aponta que quando Freud tentou estabelecer uma fundamentação teórica para suas intuições gerais, ele voltou à psicologia clássica, com ênfase no formalismo, na abstração e no realismo⁹.

Essa discussão é aprofundada na *Crítica aos Fundamentos da Psicologia: A Psicologia e a Psicanálise* (CFP) de Politzer¹⁰, de 1928, onde o pensamento de Freud é usado como uma ferramenta contra a psicologia convencional e como um modelo para a construção do objeto da psicologia concreta do futuro: o drama, ou a vida dramática, na medida em que o sujeito é o protagonista de uma história. No entanto, o tom crítico e cético de Politzer em relação à psicanálise se intensificou em escritos posteriores à obra em questão, como os artigos publicados na *La Revue de Psychologie Concrète* e na *Commune*, e em 1939, por ocasião da morte de Freud, em *La fin de la psychanalyse* (“O fim da psicanálise”), também na

⁸ Boitempo Editorial. (2017, 17 de abril). Politzer: por uma psicologia concreta. Blog da Boitempo. Recuperado de <https://blogdaboitempo.com.br/2017/04/17/politzer-por-uma-psicologia-concreta/>.

⁹ Politzer considera o formalismo, a abstração e o realismo como parte integrante dos pressupostos da psicologia clássica. Suas definições e críticas serão melhor expostas ao longo do capítulo.

¹⁰ Para facilitar a leitura daqui em diante, adotaremos a sigla "CFP" para nos referirmos a esta obra de Politzer.

na revista *La Pensée*. Segundo Roger Brueyron¹¹, esses artigos articulam a divisão entre um marxista comprometido e a psicanálise, que ele condenou por seu suposto dogmatismo.

A CFP representa o primeiro volume de um projeto inacabado de Politzer, que visava realizar uma crítica abrangente à situação da psicologia científica de sua época e unir esforços coletivos para construir uma nova psicologia: a psicologia concreta. No entanto, apenas o primeiro volume, dedicado à Psicanálise, foi publicado, e o autor enfatiza em várias ocasiões o caráter introdutório e esboçado do texto (Politzer, 1998). O projeto de Politzer também tinha como objetivo analisar a Gestalt e o Behaviorismo, reconhecendo seus avanços em relação aos pressupostos da psicologia científica predominante, mas também buscava examinar como cada uma delas incorre em erros similares aos da psicologia tradicional.

Nosso enfoque se detém especialmente nas ideias de Politzer sobre o drama humano, devido ao seu potencial de “humanização” da psicologia, que contrasta com o reducionismo e a abstração, pois a centralidade do drama almeja justamente atribuir um sentido individual e histórico-social ao processo psicológico. Ou seja, Politzer (1998) destaca que esse processo é construído ao longo das relações objetivas estabelecidas pelo sujeito em sua vida concreta e cotidiana. No cerne desse conceito, como discutido pelo autor, percebemos um potencial crítico muito similar às preocupações de Luria sobre a hegemonia do reducionismo na análise dos processos psicológicos e nos textos psicológicos resultantes dessas interpretações clínicas. Abordaremos outras similaridades e diferenças entre esses autores nas conclusões deste capítulo. Por agora, é importante discutirmos as teses da CFP para compreendermos o papel do drama na humanização da psicologia.

Na década de 1920, diversos autores dedicaram seus esforços ao estudo da "crise da psicologia", que se caracterizava pela existência de múltiplas teorias com perspectivas e objetos de estudo distintos dentro de uma mesma disciplina. Essa situação era considerada confusa e indicativa de uma falta de coerência interna da ciência psicológica. Além disso, as teorias em embate refletiam a influência da concepção dualista entre mente e corpo. Consequentemente, a psicologia estava dividida em duas grandes correntes: uma linha materialista, de cunho explicativo, e uma linha subjetivista, de natureza descritiva (Luria, 1974; 1992). Luria aborda esse tema ao tecer comentários sobre a resolução dessa crise por meio das contribuições de Vygotsky (1999), debate que será melhor explorado no terceiro capítulo.

¹¹ Ver em “Politzer, Georges (1903-1942)”. International Dictionary of Psychoanalysis. Recuperado de: <https://www.encyclopedia.com/psychology/dictionaries-thesauruses-pictures-and-press-releases/politzer-georges-1903-1942>.

Para os críticos dessa divisão da ciência psicológica, essa situação acarretava uma série de problemas, uma vez que os dois modos de abordagem - o materialista e o subjetivista - fragmentavam a compreensão do psiquismo humano, ao estabelecerem-se como ciências de objetos diferentes dentro de uma mesma disciplina. Isso resultava na perda de uma visão integral e total da constituição do psiquismo humano. Em outras palavras, ao enfatizar um aspecto em detrimento do outro, perdia-se as principais propriedades que caracterizam o psiquismo humano. Assim, colocava-se o desafio da superação desse dilema na psicologia, o que teria importantes implicações para o seu futuro enquanto ciência.

Nesse contexto, Politzer redige e publica a CFP (1998), da qual faz parte a sua análise da "psicologia clássica". Segundo o autor, esta abordagem compreende a psicologia científica como herdeira do movimento da constituição da psicologia enquanto ciência independente a partir do legado de Wundt, e caracterizada pela aplicação do método científico moderno e da experimentação no estudo dos fenômenos e processos psicológicos. Politzer também dirige sua crítica aos psicólogos fisiologistas, que ele considera promoverem um reducionismo ao explicar o comportamento diretamente derivado da "química cerebral", destacando especialmente Helmholtz e Du Bois-Reymond (Safatle, 2007).

Para Politzer (1998), a psicologia clássica não gerava conhecimento original, mas sim adotava e importava métodos de explicação da fisiologia como o principal meio de compreender o comportamento humano. Dessa forma, a questão "o que é o ser humano?" foi subestimada e deixada de lado na era moderna, relegada ao "romantismo" (Politzer, 1998, p. 54). Politzer afirma que a "verdade sobre o homem" se refugiou na literatura e no "drama" até os dias contemporâneos. Ele dedica o primeiro volume de sua crítica à psicanálise, considerando-a a única teoria naquele tempo que realizou verdadeiras descobertas sobre os "fatos psicológicos" dos seres humanos. Politzer também via nas tendências da Gestalt e do Behaviorismo avanços em relação à psicologia clássica, mas tal como a psicanálise ambas apontam em direções diferentes e acabam por retornar aos mesmos erros¹².

Politzer (1998) argumenta que a psicologia clássica se fundamenta em um conjunto de pressupostos que resultam em abstração, sua a ideologia central. Ele observa que essa abstração do sujeito concreto realizada pela psicologia não é apenas um erro teórico, mas

¹² De modo muito sucinto, o Behaviorismo acerta ao negar a vida interior, mas erra ao rejeitar a participação do sujeito no significado do comportamento, relegando ao ambiente. A Gestalt avança ao dotar a formação do sentido psicológico uma totalidade perceptiva em um conjunto de funções psicológicas, e não mais funções isoladas, porém limita-se ao caráter formal da percepção enquanto totalidade dado que não a insere na história social. Por fim, a Psicanálise explica os processos psicológicos por meio do inconsciente em terceira pessoa, isto é, quem age em última análise é o inconsciente como uma entidade - o que considera um resquício do mito da vida interior - e não a pessoa como uma totalidade concreta inserida na vida cotidiana (Politzer, 1998).

também um procedimento ideológico que legitima a visão de mundo alinhada aos valores dominantes das sociedades capitalistas. Como discutido anteriormente no tópico sobre o Romantismo, a abstração racionalista das qualidades humanas é uma característica das sociedades capitalistas modernas, e suas ramificações são evidentes tanto nas esferas culturais como na ciência. Assim, a burguesia, como classe social no leme das transformações sociais estabelecidas com o capitalismo moderno, encontrou na sua psicologia uma ciência para suas justificativas e, desse modo, transformou-a em uma espécie de mística.

A ideologia da burguesia não teria sido completa se não tivesse encontrado sua mística. Após diversas tentativas, ela parece tê-la, enfim, encontrado: na vida interior da psicologia. A vida interior convém perfeitamente a esse destino. Sua essência é a mesma da civilização, a saber, a abstração: só implica a vida em geral e o homem em geral, e o “sábios” atuais são felizes em herdar essa concepção aristocrática do homem com um maço de problemas de alto luxo (Poltzer, 1998, p. 45).

A “vida interior” da qual fala Poltzer (1998) remete à ideia de que a explicação dos processos psicológicos são, por essência, estruturas internas das quais apenas o sujeito é privilegiado em acessá-las, como se vê, por exemplo, no caso da introspecção. Mas a ideia da vida interior também se relaciona ao “realismo psicofisiológico”. Essa perspectiva parte da ideia de que os processos psicológicos só podem ser compreendidos como fenômenos internos, porém não mais como dados da consciência do sujeito, e sim traduzíveis em processos fisiológicos que ocorrem dentro do seu organismo, e que se confundem com a explicação dos processos psíquicos.

Mas a vida interior é somente um dos pressupostos da psicologia clássica discutidos por Poltzer (1998). O autor também aborda em CFP, outras premissas, como a ideia de que o processo psicológico é atomístico. Ou seja, o processo psicológico funciona a partir de elementos atomizados e isolados, que podem ser apreendidos de forma imediata pela percepção da vida interior. Além disso, há o postulado de que o psíquico resulta de processos e não de atos de pessoas concretas. E, por fim, o pressuposto da convencionalidade do significado: os relatos feitos pelos sujeitos têm apenas um sentido convencional, isto é, são significados dados e não interpretados ou analisados em suas particularidades (Gabi Jr., 1998).

De acordo com Poltzer (1998) todos esses pressupostos podem ser encontrados nas teorias clássicas sobre o sonho, analisadas e contrapostas por Freud em sua obra seminal *A Interpretação dos Sonhos*, de 1900 (Sousa Lino, 2010). Nas teorias clássicas, o sonho é

considerado um fenômeno negativo, isto é, sem importância positiva para ser devidamente analisado como um processo psicológico. As interpretações tradicionais, portanto, se dedicaram a elucubrações sobre a fisiologia do sono ou focaram ainda no caráter desorganizado e sem sentido do sonho.

Freud, por sua vez, sublinha Politzer (1998), ao definir que o sonho é a realização de um desejo, aponta para um fator central para a psicologia concreta: a construção do sentido pessoal no desenvolvimento do processo psicológico em oposição às classificações abstratas e impessoais. Nas palavras do autor, “em terceira pessoa”. Desse modo, abstração da psicologia clássica:

[...] começa a destacar o sonho do sujeito de quem o sonho é, considerado - não como feito pelo sujeito, mas como produzido por causas impessoais: consiste em aplicar aos fatos psicológicos a atitude que adotamos para a explicação dos fatos objetivos em geral, isto é, o método da terceira pessoa. Enfim, a abstração elimina o sujeito e assimila os fatos psicológicos aos fatos objetivos, ou seja, aos fatos em terceira pessoa (Politzer, 1998, p. 59-60).

Politzer (1998) segue o raciocínio ao exemplificar a diferença entre a perspectiva da “terceira pessoa” e da “primeira pessoa” por meio da figura de uma lâmpada elétrica. Na ótica da terceira pessoa a lâmpada é considerada um objeto externo, um fato objetivo, pois está separada do sujeito que a observa. De forma oposta, na perspectiva da primeira pessoa a lâmpada adquire um significado psicológico porque é o sujeito que lhe atribui sentido. Assim, a lâmpada pode ser objeto de estudo tanto da Física quanto da Psicologia, dependendo do contexto em que é enquadrada.

Cabe a ambas as disciplinas transformar os fatos estudados de acordo com seu ponto de vista, de modo a capturar sua originalidade e complexidade. Na abordagem mecanicista, típica da explicação física, os fatos psicológicos são reduzidos a relações imanentes, onde uma coisa determina outra em uma sequência causal. Isso resulta em uma explicação que negligencia a singularidade e a complexidade das experiências vividas pelos sujeitos. Por outro lado, a psicologia concreta busca uma abordagem em primeira pessoa. Para ser objetiva, ela precisa situar os fatos psicológicos dentro de um "eu" individualizado, com sua ligação intrínseca com o drama da vida cotidiana.

Ou seja, a psicologia concreta, para Politzer (1998), se concentra no eu individual particular. Este não é apenas o sujeito de um ato transcendental, como a percepção, mas é

entendido como o ato de viver, com toda a complexidade e singularidade dramática de toda a existência social dos seres humanos¹³.

É essa complexidade dramática que Freud teria captado ao devolver o sonho ao sujeito e à sua história. Um exemplo é o "sonho da injeção de Irma", relatado por Freud n'*A Interpretação dos Sonhos* (Sousa Lino, 2010). Nesse sonho, Freud sonha com uma paciente chamada Irma, que expressa insatisfação com o tratamento que ele ofereceu. No sonho, Freud examina Irma e descobre várias anomalias em seu corpo, atribuindo a culpa a outros médicos que também a trataram. Freud se sente culpado e angustiado por não ter sido capaz de ajudar sua paciente Irma.

Através de sua análise, Freud associa as diferentes imagens e elementos do sonho a conteúdos inconscientes e traumas vividos por ele mesmo em relação ao tratamento de Irma. O sonho representa sua própria autocrítica e autorreflexão, revelando seus desejos e ansiedades inconscientes. A interpretação de Freud sugere que o sonho da injeção de Irma era uma forma simbólica de expressar suas preocupações e conflitos internos em relação à eficácia de seu trabalho terapêutico (Sousa Lino, 2010). O sonho revela o palco de conflitos, desejos, anseios, angústias e reflexões ligadas à vida individual de uma pessoa concreta. É importante notar que o termo "individual" aqui se difere do individualismo abstrato, pois o sonho ressoa constantemente os conflitos e relações com outras pessoas, mas mantém o ponto de vista do sentido pessoal do sujeito que sonha revelado no relato.

O procedimento descrito acima só é possível porque os atos do sujeito que sonha são analisados como atos da vida do indivíduo singular, e não como manifestações de funções psicológicas isoladas, ao gosto da psicologia clássica. Assim, temos então a incorporação do drama humano na análise do processo psicológico, conforme almejado por Politzer na forma do projeto de uma psicologia concreta.

Ora, caso tenha sua razão de ser, a psicologia só pode existir como ciência "empírica". Ela deve interpretar a exigência da primeira pessoa e da homogeneidade de maneira apropriada a seu plano. Tendo de ser empírico, o eu da psicologia só pode ser o indivíduo particular. Por outro lado, esse eu não pode ser o sujeito de um ato transcendental, como a percepção, pois é preciso uma noção que esteja no mesmo plano que o indivíduo concreto e que seja simplesmente o ato do eu da psicologia. Ora, *o ato do indivíduo concreto é a vida, mas a vida singular do indivíduo singular, isto é, a vida no sentido dramático do termo* (Poltizer, 1998, p. 67 - destaques nossos).

¹³ Como afirma Aldo Pardi (2007), um dos principais biógrafos de Politzer: "[...] aqui não se trata nem da vida em termos lógicos, nem da vida em termos psicológicos, nem tampouco da vida em termos biológicos: trata-se precisamente da vida humana enquanto humana, ou seja, não como objeto de ser, seja lá o que isso signifique, mas como ação - isto é, expressão em primeira pessoa" (p. 35 - tradução livre).

Aqui somos apresentados a uma importante categoria: o drama. O texto de Politzer (1998) é um tanto hermético, como se demandasse do potencial leitor um conhecimento prévio para uma compreensão adequada do termo. Ao mesmo tempo, apresenta-se um tanto indefinido em relação a esse conceito.

No entanto, é possível reconhecer nessa categoria seu papel fundamental para a psicologia concreta. Destaca-se a sua habilidade de unificar a ação, o sentido e o significado em torno da história de um indivíduo que age, intenciona e vivencia as consequências dessas ações, conforme bem delineado no texto de Politzer (1998). O drama representa uma evolução da perspectiva da “terceira pessoa” ao situar os eventos psicológicos em um indivíduo específico, considerado uma totalidade dinâmica e concreta, isto é, que tem como base a própria vida, e não noções abstratas. Com a introdução do drama, agora observamos uma atenção mais cuidadosa ao processo de personificação, que engloba a aquisição e a produção de intenções, ações, significados e sentidos. O drama preserva o caráter social e relacional dos sujeitos, estando intimamente ligado à atividade, ações e atos, bem como aos eventos e conflitos decorrentes deles.

Disso decorre que para a psicologia surge a tarefa fundamental de compreender os eventos psicológicos como partes integrantes da vida cotidiana de um indivíduo específico, conforme destacado pelo autor a seguir.

O indivíduo é singular porque sua vida é singular e essa vida, por sua vez, só é singular pelo seu conteúdo: sua singularidade não é pois *qualitativa, é dramática*. A exigência da homogeneidade e da primeira pessoa será respeitada se as noções de psicologia permanecerem no plano desse “drama”: os fatos psicológicos deverão ser os *segmentos da vida do indivíduo particular* (Politzer, 1998, p. 68 - destaques do autor).

Dessa maneira, o sujeito deixa de ser visto como um “centro funcional” onde coisas acontecem, um lugar onde ocorrem “andanças pelas células cerebrais” (Politzer, 1998, p. 68). Em vez de buscar abstrações universais, a exploração dos sonhos se volta para o “indivíduo da vida real”, em oposição a um “centro funcional”, sendo ele mais o “protagonista dos eventos únicos” do que o sujeito da introspecção. Em suma, retorna-se ao “eu (*moi*) da vida cotidiana” (Politzer, 1998).

Das análises de Politzer (1998) sobre a centralidade do drama na análise psicológica, portanto, a psicologia não deve se preocupar em apenas traduzir o que ocorre na atividade

fisiológica do sujeito, mas atentar-se aos segmentos que formam um todo dramático. Assim, o que o psicólogo investiga não são funções isoladas mas acontecimentos realizados por pessoas concretas.

O que o sujeito vive são acontecimentos, e o termo “acontecimento” exprime que se trata do sujeito todo. Meu filho chora porque o mandam deitar. Eis o acontecimento. Mas para a psicologia clássica só há nisso secreção lacrimal consecutiva a uma representação que contraria uma tendência profunda. Isso é tudo o que aconteceu. Abandonamos o plano do “drama humano”, cujo autor é o indivíduo concreto, substituindo-o por um drama abstrato. No primeiro caso, o indivíduo é algo de essencial, no segundo, os verdadeiros figurantes são impessoais e o indivíduo faz, no mais, papel de empresário. Aí está o verdadeiro sentido da abstração: a psicologia clássica busca substituir um drama pessoal por um drama impessoal, o drama cujo ator é o indivíduo concreto, que é uma realidade, por um drama cujos figurantes são criaturas mitológicas: em última análise, a abstração consiste em admitir a equivalência desses dois dramas, em afirmar que o drama impessoal, o “verdadeiro” explica o drama pessoal que é só “aparente”. O ideal da psicologia clássica consiste na busca de dramas puramente “nocionais”(Politzer, 1998. p. 68).

Ou seja, enquanto o sujeito experimenta os eventos como parte integrante de si mesmo, a psicologia clássica os reduz a processos físicos e representações mentais. A abstração na psicologia clássica busca substituir a complexidade da experiência individual por uma explicação simplificada e impessoal, enfatizando a equivalência entre os dramas pessoais e os conceituais. A noção de drama de Politzer (1998) se contrapõe justamente à abordagem da psicologia clássica, que na busca por compreensão conceitual dos processos, acaba por despersonalizar o comportamento humano.

[A psicologia concreta] não admite a substituição do drama pessoal pelo drama impessoal. O acontecimento ou o ato, se quisermos, representa para ela o termo da análise e é pelo pessoal que procura explicar o pessoal. O psicólogo terá, então, algo do crítico de teatro: um ato sempre se lhe apresentará como segmento do drama que só tem existência no e pelo drama. Seu método não será, portanto, um método de observação pura e simples, mas um método de interpretação (Politzer, 1998, p. 68).

Podemos destacar desse trecho que Politzer sublinha a semelhança entre o papel do psicólogo e o do crítico de teatro, pois ambos concentram suas interpretações na análise do drama, em oposição ao enfoque restrito aos eventos internos dos protagonistas. Como explica Gabbi Jr. (1998), diante de um drama teatral, o objeto da atenção se concentra no personagem, e não em algum processo transformado em objeto. “Assim, por exemplo, o que

nos impressiona é o ciúme de Otelo e não o ciúme; a ambição de Ricardo III e não a ambição. A psicologia concreta está voltada para o estudo do agente” (Gabbi Jr., 1998, p. 14).

A crítica de Politzer à Psicanálise transcende amplamente essas notas sobre o papel do drama na psicologia concreta e não serão abordadas aqui. Indicamos apenas que, para Politzer, Freud não leva a exigência do drama pessoal concreto até às últimas consequências e, com o conceito de inconsciente, acaba por reproduzir os limites da psicologia clássica, como a análise em “terceira pessoa”. Ou seja, o “inconsciente” substitui o agente intencional produtor do significado revelado na narrativa interpretada pelo psicólogo (Politzer, 1998).

É interessante notar que a perspectiva dos processos psicológicos em “terceira pessoa” é amplamente difundida na cultura. Em um episódio de *A Invenção da Solidão* (1999), o escritor Paul Auster relata a história da irmã e sua luta contra um intenso sofrimento mental, e a reação do pai de ambos a essa condição. O relato de Auster ilustra um paralelo entre um modo cotidiano de entender o sofrimento com a impessoalidade típica de um certo “quimismo” mental.

Pouco a pouco, conforme a situação continuava a piorar cada vez mais, ele teve de começar a admitir. Porém, mesmo então, a cada etapa do caminho, seu modo de admitir era heterodoxo, assumia formas extravagantes, quase autodestrutivas. Convenceu-se, por exemplo, de que a única coisa capaz de ajudá-la era um programa de choque com uma terapia de megavitaminas. Essa era a abordagem química da doença mental. Embora nunca se tivesse comprovado que proporcionava uma cura efetiva, esse método de tratamento contava com numerosos adeptos. Dava para entender por que razão deve ter atraído meu pai. Em vez de ter de brigar com um fato emocional devastador, meu pai poderia considerar a doença como uma imperfeição física, algo que pode ser curado do mesmo jeito que se cura uma gripe. *A doença tornou-se uma força exterior*, uma espécie de vírus que podia ser erradicado com uma força exterior oposta e equivalente. A seus olhos, minha irmã poderia permanecer curiosamente intocada por tudo isso. *Ela era simplesmente o local onde a batalha seria travada*, o que significava que tudo o que estava acontecendo não afetava de fato a ela (Auster, 1999, p. 35 - destaques nossos).

O excerto de memórias de Auster (1999) ecoa a crítica de Politzer sobre a compreensão do psicológico como um centro funcional. Abstrai-se a história do drama particular do sujeito relacionada à sua vida cotidiana e, em última análise, à história social que compartilha com seus familiares.

Outro exemplo é a popularidade da explicação do “desequilíbrio químico” para justificar intervenções medicamentosas e psiquiátricas na saúde mental. Whitaker (2017) analisou como esse discurso funciona como um fio ideológico por trás da expansão do

número de diagnósticos de crianças com TDAH e Transtorno Bipolar, sem, no entanto, nenhuma evidência de melhora desse quadro, mas ao contrário, com inúmeros agravos registrados. Na extensa pesquisa e nos relatos recolhidos pelo jornalista, fica evidente o risco das piores consequências que a intervenção medicamentosa impessoal pode causar em crianças e adolescentes (Whitaker, 2017).

A obra de Whitaker (2017) traz relatos de pessoas que foram diagnosticadas com transtornos psiquiátricos de diversas categorias, como depressão, esquizofrenia, bipolaridade, entre outros. Ao final de um destes relatos, o de uma jovem que aos 11 anos estava com receio de urinar na cama durante uma viagem escolar, e foi receitada um antidepressivo que lhe trouxe efeitos colaterais. Por sofrer de hostilidade e agressividade devido ao medicamento, ela foi encaminhada para psiquiatras que a diagnosticaram com transtorno obsessivo-compulsivo e bipolar. Após anos sofrendo com os efeitos de uma série de coquetéis medicamentosos, e vivendo numa instituição psiquiátrica, o depoimento da mãe atesta para a perda de vida e de identidade de pessoas erroneamente diagnosticadas e medicadas.

Os médicos me disseram que ela sempre seria esquizofrênica", disse-me a mãe. "Mas nenhum médico jamais perguntou por esta história, por como era ela antes de lhe darem remédios. E sabe o que é muito difícil de aceitar? Nós fomos procurar ajuda, naquele verão em que ela estava com 11 anos, por um problema insignificante, que não tinha nada a ver com a psiquiatria. Na minha cabeça, ainda a escuto rindo, do jeito que ela era naquela época. Mas a vida dela foi roubada. Nós a perdemos, apesar de seu corpo continuar aqui. A cada minuto que passa, eu vejo o que perdi (Whitaker, 2017, p. 258).

Em relação à ciência romântica explorada nas histórias de caso de Luria em destaque nesse trabalho, é possível estabelecer diversas relações com as exigências da psicologia concreta e do drama para Politzer, que ficarão mais explicitadas adiante nesta tese. As principais estão na crítica à abstração da psicologia clássica do sujeito concreto e da dramaticidade da vida cotidiana, além da inspiração das artes para a apreensão do psíquico em uma época em que as ciências voltadas para tal são majoritariamente reducionistas. Ou seja, há em algumas artes, como forma de conhecimento, análises psicológicas mais profundas e complexas do que as realizadas pelas ciências que se propõem a explicar o comportamento. Como lembra Politzer (1998):

Por certo as descobertas da psicanálises só traduzem em fórmulas científicas certo número de observações que podem ser encontradas nos escritores de todo gênero e de todos os tempos. Isso porque a psicologia oficial, herdeira da teologia da alma, de

certas teorias antigas sobre a percepção e, mais tarde, da psicologia filosófica, oriunda das duas, foi inteiramente absorvida por trabalhos puramente nocionais. E a psicologia verdadeira refugiou-se na literatura e no drama (...) (Poltzer, 1998, p. 55).

Além desse fator, algumas afirmações são bastante similares. Poltzer fala do drama como segmentos da vida do indivíduo particular. Luria, por sua vez, como veremos em mais detalhes no capítulo 3, opõe a defesa da multiplicidade da vida e da “riqueza da realidade vivida” (Luria, 2008, p. 13) ao reducionismo da ciência clássica.

Desses aspectos delineados sobre o drama em Poltzer, nossa primeira intenção foi definir esses paralelos e estabelecer a ciência romântica de Luria como uma continuidade direta das exigências da psicologia concreta do filósofo marxista. No entanto, ao longo do processo de pesquisa, embora essas afinidades e preocupações tenham se evidenciado para nós, também surgiram o que consideramos ser diferenças fundamentais.

Em primeiro lugar, enquanto buscávamos referências de comentadores para ampliar nossa compreensão sobre as propostas de Poltzer, chegamos ao curso de Fundamentos da Psicologia oferecido pelo Prof. Dr. Vladimir Safatle em 2007, na Universidade de São Paulo (USP), em que ele aborda a CFP como um ponto de partida de uma tradição francesa de epistemologia crítica para uma prática clínica em psicologia. Ao dar continuidade ao ponto inicial de Poltzer através da obra do filósofo e médico francês Georges Canguilhem (1904-1995), Safatle (2007) comenta que esse autor sublinha que havia nas obras de Poltzer uma rejeição da dimensão orgânica do corpo humano.

Isso de fato aparece em uma série de afirmações de Poltzer sobre o papel da biologia e do cérebro na análise dos processos psicológicos. Por exemplo, quando afirma que fundamental à psicologia seria “*definir o psíquico enquanto psíquico, isto é, evitando toda confusão com a fisiologia, a biologia ou qualquer outra ciência da natureza ou do homem enquanto natureza, fazendo abstração da hipótese de que o psíquico é dado numa percepção sui generis*” (Poltzer, 1998, p. 171 - destaques do autor). Além desse trecho, também se vê ao longo da leitura de CFP que Poltzer desconfia do papel do cérebro na explicação do drama humano e só vê nos estudos sobre o cérebro um tipo de “teologia” digna somente de ironia.

São posturas muito diferentes da Psicologia Histórico-Cultural em relação à construção da psicologia. Como veremos mais profundamente no próximo capítulo, tanto em Vygotsky como em Luria a questão não é abstrair os processos fisiológicos da explicação do comportamento, mas compreendê-los a partir da sua reorganização e desenvolvimento

ocorridos pela mediação de instrumentos e signos culturais. Ou seja, como a atividade humana concreta e socialmente determinada acaba por reorganizar os processos fisiológicos, dos mais simples aos mais complexos. É isso que Luria tem em mente quando escreve na introdução de *A mente e a memória* (1999) sobre esta obra ser seu esforço de construção de uma psicologia concreta, por meio da investigação das síndromes apresentadas por seus pacientes através da análise neuropsicológica, isto é, uma “psicologia concreta porém científica” (Luria, 2011, p. 18).

Nesse sentido, alguns autores apontam para a proximidade de Politzer com a Fenomenologia. É o caso de Bento Prado Jr., que aponta que o texto do autor não chega a ser fenomenológico, mas um “estilo” aliado a essa perspectiva percorre todo o ensaio (Gabbi Jr., 1998, p. 13). Também Nakamura (2000), em seu artigo sobre a psicologia concreta em Politzer e Vygotsky, faz importantes observações sobre as diferenças entre ambas as perspectivas. Para Nakamura (2000), o texto de Politzer não pode ser considerado marxista na medida em que não há menção a uma concepção histórico-social bem delimitada, e sua noção de “vida” parece estar atrelada a uma espécie de interindividualidade. Além disso, sua ênfase na “intencionalidade” e na “significação” são bastante similares à fenomenologia.

Ele ainda traz um trecho de uma carta do filósofo Henri Lefebvre (1901-1991), amigo de Politzer, afirmando que o autor, no final daquela década, ainda não tinha se tornado o marxista ortodoxo que viria a ser em seguida. É claro que esse trecho por si só não é suficiente para afirmar categoricamente a afiliação de Politzer ao marxismo ou a outras correntes do pensamento. Uma afirmação dessa magnitude exigiria uma pesquisa extensa, porém são pontos que julgamos necessário destacar. Vale ainda lembrar que a noção de “intencionalidade” é originada com um autor que é geralmente considerado uma influência da fenomenologia, o alemão Franz Brentano (Penna, 1990).

Nakamura (2000) destaca que a adesão de Vygotsky à dialética materialista é claramente delineada em comparação à abordagem politzeriana, que ele classifica como uma “psicanálise existencial”. No entanto, Vygotsky ao abordar o drama está preocupado com a preservação da individualidade - o significado pessoal - nos processos de internalização do social. Essa dramaticidade também é histórica, pois as pessoas internalizam a partir de contextos históricos diversos e até mesmo de traços corporais e individuais diferentes. Ademais, os próprios termos “social” e “história” não são usados por Politzer, tornando as interpretações dos mesmos dentro do texto CFP apenas inferências.

Em termos de conclusão desta seção, buscamos demarcar que consideramos a psicologia concreta e o papel do drama na humanização da psicologia, conforme apresentado

por Politzer (1998), uma tendência bastante similar e, de certa forma, um antecedente indireto dos problemas teóricos levantados pela ciência romântica de Luria. Quando este escreve sobre a atualidade dessa tradição devido a sua perspectiva da vida concreta como multideterminação, e ainda em relação ao texto clínico e à qualidade estética das observações e descrições psicológicas que haviam se tornado incipientes na segunda metade da década de 1970, época em que escrevia seus romances neurológicos. Mas há diferenças significativas e elas acabam por demonstrar um diferente papel que os autores atribuem ao cérebro no comportamento humano.

Como veremos a seguir, Vygotsky incorporou a noção de drama de Politzer (1998), e um dos principais momentos em que isso ocorre está no manuscrito de 1929, intitulado *Psicologia Concreta do Homem* (2000). De acordo com Silva (2012), este texto é também um dos documentos que demonstra os delineamentos de Vygotsky do que viria a ser sua concepção de cérebro histórico-cultural, que iremos tratar a seguir.

2.2. Vygotsky, cérebro e drama humano na psicologia concreta

Nesta seção, introduzimos considerações de Vygotsky no debate sobre o drama e a psicologia concreta com base em textos do autor (Vygotsky, 2000; 1996) e comentários de estudiosos (Silva, 2012; Delari Junior, 2011). Nosso foco no momento são as ideias de Vygotsky sobre o drama, embora a sua importância para a construção da Psicologia Histórico-Cultural e sua influência sobre Luria sejam temas a serem aprofundados no capítulo 3. Iremos nos deter especialmente em seu manuscrito de 1929¹⁴. Segundo Silva (2012), neste texto, o autor faz referências claras ao cérebro e ao seu papel no psiquismo humano e também ao papel dos instrumentos e dos signos (chamados por Vygotsky nesse texto de *sinais*) no desenvolvimento do psiquismo humano.

Poderia-se dizer, então, que Vygotsky incorpora o cérebro no drama? Se nossa hipótese for correta, é possível delinear que Vygotsky de fato incorpora o cérebro no drama, ao situar o cérebro dentro do contexto do drama histórico-social, no qual a dimensão interpessoal desempenha um papel mediador fundamental.

Entretanto, essa dimensão também é compreendida a partir de sua origem e contextualização na história e na cultura humanas, sendo essas condições “extracorticais” a

¹⁴ Publicado pela primeira vez em 1986 no Boletim da Universidade de Moscou, por A. A. Puzirei, após ter sido cedido pela filha de Vigotski, G. L. Vigotskaia. A tradução brasileira foi realizada por Alexandra Marenitch, assistida por Luís Carlos de Freitas, e revisada por Angel Pino para a revista *Educação & Sociedade* (2000).

origem da internalização e do desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Essa é, em resumo, a concepção histórico-cultural do cérebro de Vygotsky (2000), que será desenvolvida por Luria ao longo de quase quatro décadas após a morte de seu grande amigo e professor, em 1934. Assim, o manuscrito *Psicologia Concreta do Homem* tem a importância histórica de um esboço das ideias que seriam elaboradas posteriormente de forma mais consistente em *História do desenvolvimento das funções psicológicas superiores*, de 1931, no caso, o pressuposto da localização dinâmica das funções psíquicas superiores, não restritas à áreas estreitas do cérebro (Vygotsky, 2000), como Luria irá desenvolver em seus estudos de neuropsicologia. Como destaca Silva (2012):

A proposta de que as funções psíquicas não se localizam em áreas cerebrais estanques, mas atuam mais como uma rede, envolvendo a contribuição de diversas áreas cerebrais de forma sistêmica, foi proposta por Vigotski e desenvolvida por Luria. Porém, como adverte Shuare (1990), Luria destacou-se por pesquisa a partir de um enfoque histórico-cultural, a partir do qual considerava os processos psíquicos como sendo processos sociais em sua origem, um reflexo do desenvolvimento social e cultural humano, não se limitando a substituir um enfoque mecanicista por outro mais moderno (Silva, 2012, p. 24).

Silva (2012) alude ainda que, mais do que ser um mero continuador dos pressupostos de Vygotsky sobre a organização das funções psíquicas superiores, as contribuições de Luria são distintas por ter realizado pesquisas que enfatizam o caráter histórico e sistêmico do problema investigado, com ênfase nas qualidades próprias da ciência romântica, como exposto anteriormente. Segundo Silva (2012), Luria colaborou:

[...] inclusive pela criação de ferramentas metodológicas para enfrentar a desafiadora tarefa de estudar a condição humana, como é o caso da exposição das situações clínicas que vai além da mera descrição de dados diagnósticos, o que chamava de “ciência romântica”, como destacam Oliveira e Rego (2010) e cujo estilo de narrativa que encontrou continuadores (Silva, 2012, p. 24).

Desse modo, podemos ler a obra de Luria como uma continuação das ideias de Vygotsky em muitos aspectos já conhecidos, mas também como um aprofundamento da preocupação do autor em realizar um estudo rigoroso sobre o cérebro sem perder de vista o drama humano histórico-social singular dos pacientes ou sujeitos de pesquisa envolvidos. É nessa direção que vamos expor algumas notas sobre o drama para Vygotsky (2000) como um

importante último antecedente do que viria a ser a ciência romântica na perspectiva de Luria (2015).

De acordo com Delari Junior (2011), definir o termo “drama” para Vygotsky é uma tarefa complexa e sua sistematização apresenta desafios significativos. Isso se deve tanto à abordagem "lacunar" adotada pelo autor em relação ao termo, quanto ao tema estar em uma "região de fronteira" entre a psicologia e as artes. Ou seja, é difícil determinar se estamos lidando com uma interpretação psicológica das artes ou com uma contribuição das artes para a psicologia. No entanto, apesar dessa “zona cinzenta”, o tema da “dramaticidade da existência do homem como ser social” (Delari Junior, 2011, p. 184) tem um caráter de urgência e implicações programáticas para uma orientação teórica histórico-cultural em psicologia, sendo apreciado coletivamente por importantes pesquisadores de diferentes empreendimentos de investigação, como nos campos da filosofia, da educação e, mais recentemente, da saúde.

A urgência decorre, conforme destacado pelo autor, do potencial crítico atrelado à aceção de drama (Delari Junior, 2011). Ao aludir ao caráter transformador, conflituoso, contraditório, dinâmico e histórico, o drama potencializa a visão crítica da psicologia contra o risco de transformar mesmo as concepções críticas em um conjunto de fórmulas e regras de comportamento e processos psicológicos.

Dos diversos significados de drama na obra de Vygotsky, destacam-se e articulam-se dois sentidos mais amplos para o termo. O primeiro refere-se à “arte teatral”, enquanto o segundo aborda a “dinâmica da personalidade” (Delari Junior, 2011). Esses sentidos são delineados ao longo de três momentos distintos da produção teórica de Vygotsky: o pré-psicológico, o período reflexológico, e o período histórico-cultural propriamente dito (Delari Junior, 2011).

No primeiro momento, pré-psicológico, o sentido de drama o identifica como peça teatral. Vygotsky concebe o desenvolvimento ontogenético como uma sucessão de “atos”, onde novos acontecimentos são inseridos, comparáveis à entrada de um “novo personagem” em cena. Vygotsky utiliza exemplos como a dentição, o andar e a linguagem infantil para ilustrar os “atores secundários desse drama”. Essa mesma lógica é aplicada nas observações de Vygotsky sobre o “drama histórico” dos sentidos produzidos pelos conceitos da psicologia científica em sua trajetória e em todas as suas áreas de estudo. Em resumo, este primeiro sentido de drama refere-se principalmente à transformação dos conjuntos de relações sociais e dos sistemas de relações interfuncionais correlacionados (Delari Junior, 2011).

O segundo sentido define o drama como a própria “dinâmica da personalidade” e é encontrado, principalmente, no manuscrito de 1929 e demonstra a discussão favorável de Vygotsky ao termo “drama” em Politzer.

Por trás de todas as funções superiores e suas relações estão relações geneticamente sociais, relações reais das pessoas. Homo duplex [Homem duplo]. *Daí* o princípio e método da *personificação* na pesquisa do desenvolvimento cultural, isto é a divisão das funções *entre* as pessoas, personificação das funções: por exemplo, atenção voluntária: um domina - outro está dominado. *Divisão novamente em dois, daquilo que está unido em um* (veja o trabalho moderno), desenvolvimento experimental do processo superior (atenção voluntária) *em um pequeno drama*. Compare Politzer: *psicologia em termos de drama*. (Vygotsky, 2000, p. 26 - destaques do autor).

Vygotsky introduz ainda uma noção complexa que considera os choques entre sistemas psicológicos, abrangendo tanto a dimensão diacrônica, relacionada a atos sucessivos, quanto a dimensão sincrônica, referente a um mesmo momento histórico na vida humana. Esta noção engloba conflitos e lutas que ocorrem no interior dos sistemas orgânicos, mas que nos sistemas histórico-sociais apresentam particularidades específicas inaplicáveis ao reino biológico (Delari Junior, 2011).

O conceito de "conflito" mencionado por Vygotsky (2000) é exclusivo do ser humano, que vivencia diferentes impasses como ser social. O drama surge como um “choque de sistemas”, manifestando-se no indivíduo quando há conflito entre esferas distintas da vida de uma mesma pessoa. Vygotsky (2000) argumenta que é precisamente esse confronto entre sistemas que humaniza a psicologia: “O drama sempre é a luta de tais ligações (dever e sofrimento; paixão, etc.). Caso contrário, não pode ser drama, isto é, choque dos sistemas. A psicologia humaniza-se” (Vygotsky, 2000, p. 35). Parece-nos que o drama caracteriza a dinâmica, por vezes contraditória, motivadora de estagnação, retrocessos, dilemas, entre outras dificuldades, do processo de personalização, isto é, de toda individualidade em tornar-se um sujeito. São temas esboçados que serão desenvolvidos em investigações relativas à periodização do desenvolvimento¹⁵, que escapam ao escopo deste trabalho, mas que reafirmam o estudo da vida humana enquanto processo dinâmico, e não objeto estático.

Vygotsky (2000) incorpora a acepção politzeriana de drama no trato do desenvolvimento da personalidade, mas se afasta do filósofo húngaro na medida em que desenvolve o papel do cérebro no comportamento humano. Veremos a seguir, a partir de Silva (2012) pontos importantes dessa discussão feita por Vygotsky.

¹⁵ Para mais detalhes ver em Obras Escogidas Tomo IV (Vygotsky, 2012).

Em primeiro lugar, a autora aponta algumas dificuldades de leitura que o manuscrito de 1929 oferece. Silva (2012) considera este texto inconclusivo e hermético, cujos estudos mais aprofundados são ainda aguardados. No entanto, é possível fazer aproximações em sua sistematização sobre a acepção do “cérebro histórico-cultural” na obra do autor. Dois pontos de destaque são o caráter instrumental, e mediado por signos, do psiquismo humano. O primeiro diz respeito ao salto qualitativo ocasionado pelo uso de instrumentos na atividade de trabalho no desenvolvimento histórico das sociedades humanas. Delineia-se aqui a ideia de que o psiquismo humano é resultado de uma síntese entre a evolução enquanto espécie, produto da luta pela sobrevivência na natureza, e da história social, específica dos seres humanos (Vygotsky, 2000).

As funções psicológicas básicas, como a atenção e a memória, têm raízes profundas em nossos instintos e biologia. No entanto, à medida que os seres humanos desenvolvem cultura e internalizam o uso de instrumentos e signos, essas funções se transformam e adquirem qualidades mais complexas e refinadas. Por exemplo, a atenção instintiva, essencial para nossa sobrevivência, evolui para a atenção concentrada, permitindo-nos focar em tarefas específicas por períodos prolongados, sem distrações. Da mesma forma, a memória eidética, que nos permite reter imagens com grandes detalhes, se transforma em memória mnemotécnica, onde utilizamos técnicas e estratégias para melhorar não só a retenção, mas principalmente a recuperação de informações. Essas transformações evidenciam a influência da cultura no desenvolvimento das funções psicológicas humanas (Vygotsky, 2000; Vygotsky & Luria, 1996).

Vygotsky (2000) postula então a origem externa ou social das funções psicológicas superiores, sublinhando que antes de se tornarem funções internalizadas estas foram relações sociais entre pessoas. Ele esboça então a lei geral da internalização (Vygotsky, 2000; 1996), e explica como ela se relaciona com o seu conceito de “social”.

A palavra social em aplicação no nosso caso tem muitas significações: 1) mais geral - todo cultural é social - 2) sinal - *fora* do organismo, como instrumento, meio social. 3) todas as funções superiores constituíram-se na filogênese, não biologicamente, mas socialmente 4) mais grosseira- significação - os mecanismos dela são uma cópia do social. *Elas são transferidas para a personalidade, relações interiorizadas de ordem social, base da estrutura da personalidade* (Vygotsky, 2000, p, 26 - destaques do autor).

Silva (2012) aponta que as relações sociais agem de forma similar aos instrumentos, mas Vygotsky as conceitua como sinais que conduzem o desenvolvimento da personalidade humana. Desse modo, o foco da análise psicológica “clássica” é invertido. Não é a “vida interior” dos sujeitos que explicam suas relações, mas antes suas relações sociais que explicam seus modos de ser, agir, pensar, relacionar-se (Silva, 2012, p. 34). E Vygotsky coloca o cérebro como o objeto da influência do sinal.

Inicialmente, o sinal (instrumento) coloca-se entre o sujeito e o objeto externo, atuando como um instrumento, a partir de fora e fisicamente. A partir do momento em que essa operação é internalizada e torna-se subjetiva, o sinal se coloca entre o sujeito e a própria memória. Assim, a principal diferença entre o sinal e o instrumento estaria no posicionamento, já que a função exercida é semelhante - enquanto o instrumento se coloca entre o sujeito e o objeto internalizado, que é a memória ou o próprio cérebro. A relação do sujeito consigo mesmo, ou com esses conteúdos internalizados, é mediada pelo sinal, e a sua influência passa a ser psicológica, ou sobre o comportamento. Vigotski assinala que o objeto da influência do sinal (ou estímulo instrumental internalizado) é o cérebro (Silva, 2012, p. 134).

Nessa perspectiva, as origens das funções psíquicas complexas são encontradas nas condições concretas da vida social e na história do comportamento. Vygotsky, ao incorporar a concepção de Marx (2010) de que a história humana é a história da humanização do corpo e dos sentidos, direciona seu estudo para o desenvolvimento dos processos psíquicos humanos. Assim, a resposta para os enigmas do cérebro não deve ser procurada apenas dentro dele. Surge, então, a noção vygotskiana, posteriormente elaborada por Luria, de atividade extracortical do cérebro. Luria a descreve da seguinte forma:

Não se pode esperar encontrar a fonte da ação livre nos reinos etéreos da mente ou nas profundezas do cérebro. A abordagem idealista dos fenomenologistas é tão infrutífera quanto a abordagem positivista dos naturalistas. Para descobrir as fontes da ação livre, é necessário ir além do organismo - não à esfera íntima da mente, mas às formas objetivas da vida social. É necessário procurar as fontes da consciência e da liberdade humana na história social da humanidade. Para encontrar a alma, é necessário perdê-la (Luria apud Silva, 2012, p. 134.).

A discussão realizada por Vygotsky (2000) sobre o processo de internalização e o papel do cérebro neste processo é muito mais complexa do que foi possível abordar nos limites desta tese. No entanto, o que foi discutido aponta para uma diferença importante na perspectiva da psicologia concreta em relação a Politzer (1998): o papel do cérebro no

desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Este não apenas serve como o local onde as transformações ocorrem, mas também se reorganiza como um sistema funcional a partir da internalização e do uso de instrumentos e signos. Essa discussão será ampliada com mais detalhes quando abordarmos seu desenvolvimento em Luria através de seus principais conceitos em neuropsicologia no próximo capítulo. Antes, apresentaremos uma síntese com relação ao papel do drama em Politzer e Vygotsky, e suas repercussões para o desenvolvimento da perspectiva neuropsicológica de Luria ancorada na Psicologia Histórico-Cultural.

2.3. A visão negativa do cérebro em Politzer e o caminho aberto para Luria: o cérebro no drama

Pudemos apresentar neste capítulo algumas reflexões sobre o ideal de psicologia concreta e a concepção do drama humano, conforme discutido por autores críticos da psicologia clássica, no caso, Georges Politzer e L. S. Vygotsky, na busca pela construção de uma psicologia materialista, porém dialética, ou seja, capaz de capturar a complexidade humana sem os reducionismos típicos da ciência psicológica clássica. Observamos como o drama humano é incorporado na análise psicológica para enfatizar o sentido pessoal e a singularidade, situados a partir do exterior do sujeito, nas relações interpessoais e na história social de maneira mais abrangente.

No entanto, destacamos distinções no papel da dimensão biológica e fisiológica na explicação do comportamento humano nestes ideais de psicologia concreta entre os mesmos autores. Enquanto em Vygotsky (2000) há uma formulação de um conceito de “cérebro histórico-cultural”, relacionado, por sua vez, com a preocupação de destacar o caráter dramático, transformador e conflituoso do processo de internalização, de certa forma o cérebro “inexiste” para Politzer (1998) como assunto da psicologia.

Foi importante ressaltar o caráter de diálogo entre as ciências e as artes, promovido pelo drama, como destacado por Delari Junior (2011). Nessa perspectiva, as discussões sobre o drama encontram ecos nas preocupações dos cientistas românticos do século XIX, que se opunham ao reducionismo dos clássicos e defendiam a incorporação de elementos estéticos para ampliar a criticidade em relação ao conhecimento da realidade.

Essa perspectiva será desenvolvida por Luria e acompanharemos sua trajetória dentro do campo da neuropsicologia, bases para a escrita de seus romances neurológicos, temas que serão tratados mais de perto a partir do próximo capítulo.

CAPÍTULO 3. O CÉREBRO NA NEUROPSICOLOGIA DE LURIA

“O cérebro é somente órgão da atividade psíquica: o homem é o sujeito dessa atividade.

Os sentimentos, como os pensamentos do homem, surgem na atividade do cérebro, mas quem ama ou odeia, quem entra no conhecimento do mundo e o transforma, é o homem, não seu cérebro.”

(Sergei Leonidovich Rubinstein)

Neste capítulo, exploramos a vida e obra de Alexander Romanovitch Luria (1902-1977), destacando a sua trajetória intelectual na neuropsicologia, desenvolvida a partir das ideias de Vygotsky, e que julgamos fundamentais para a compreensão do cérebro na perspectiva histórico-cultural do neuropsicólogo.

3.1. A vida e obra de Luria em *Histórias das ideias psicológicas em autobiografia*

Nesta seção, apresentamos uma síntese de aspectos importantes da trajetória de Luria na psicologia e na neuropsicologia. Veremos que ao longo do percurso da vida intelectual do autor, ele esteve comprometido desde a juventude em empreender uma crítica à psicologia clássica. A partir de influências decisivas, algumas particularidades de estudo se delinearão em sua perspectiva neuropsicológica, em como o autor desenvolveu sua compreensão sobre o cérebro na perspectiva histórico-cultural (Luria, 1974). Destaca-se ainda o valor crítico dessa postura do autor quando contraposta ao reducionismo tecnicista que estava em voga nas análises e interpretações clínicas na década de 1970 (Luria, 2015) e que observamos persistir até os dias atuais.

A fonte primária para a base deste resumo é o sexto volume de *A History of Psychology in Autobiography* (“Uma história da psicologia em autobiografia”, em tradução livre), um texto de Luria publicado em 1974, em uma coletânea organizada pelo professor norte-americano Edwin Boring, que reúne contribuições de importantes figuras da história da

psicologia. Neste texto, Luria (1974) apresenta de forma sucinta, mas com seu habitual rigor conceitual e metodológico, as principais ideias e conceitos relacionados à sua trajetória de investigação, assim como o papel desempenhado por amigos e colaboradores nesse processo. O texto pode ser acessado, juntamente com outros menos conhecidos para nós, no site da Universidade da Califórnia em San Diego (UCSD)¹⁶. Além disso, utilizamos como fontes principais a sua autobiografia mais conhecida (Luria, 2015), e os textos de Homskaya (2001), Proctor (2020) e Tuleski (2011).

Em 1963, Luria foi convidado pelo então professor de psicologia experimental de Harvard, Edwin Boring a contribuir com um volume sobre sua trajetória para a coletânea "A História da Psicologia em Autobiografia". No pequeno prólogo do texto publicado em 1974, no volume VI da coletânea, ele relata ter feito o seguinte questionamento sobre o convite.

Questionei se era adequado ter apenas uma autobiografia russa quando a ciência soviética deveria ser representada por, pelo menos, alguns pesquisadores. O professor Boring propôs que eu e alguns colegas, que mencionei, enviássemos nossos materiais escritos para serem publicados até 1970. "Se você viver até 1970", escreveu o Professor Boring, "o material que você escreveu será incluído no próximo volume de 'A História da Psicologia em Autobiografia'. Se você morrer antes disso, será publicado como uma auto necrologia" (Luria, 1974, p. 254).

A objeção de Luria não se limitava a uma mera opinião pessoal; estava fundamentada em sua perspectiva sobre a relação entre a individualidade e a história, revelando, assim, o traço de coletividade característico da ciência soviética. Ele destaca que um retrato detalhado de sua vida não seria de grande utilidade quando comparado à conexão da biografia do autor com a história social de seu tempo. Luria considera isso uma condição essencial para um "retrato verdadeiro da história da ciência", e argumenta:

Indivíduos vêm e vão, contribuindo com fragmentos de conhecimento que, para eles, podem parecer insuficientemente distintos para o empreendimento geral. O verdadeiro interesse reside nas condições em que viveram, nas ideias que compuseram a atmosfera científica de sua época e na influência daqueles indivíduos importantes cuja experiência incorporaram em si mesmos (Luria, 1974, p. 254).

¹⁶ Disponível em: http://luria.ucsd.edu/Luria_Boring_Lindzey_autobiography.pdf A tradução de todos os excertos da obra citados neste trabalho é de responsabilidade do autor.

O tom adotado por Luria nos textos sobre os quais ele reflete e sintetiza sua trajetória e a da psicologia soviética é permeado por uma consciência histórica. Para ele, a psicologia era, de fato, uma ciência da história social. Além disso, ele percebia o papel da ciência não como simples observação de um objeto isolado e inerte, mas sim como a compreensão desse objeto no contexto das diversas relações que o determinam, isto é, como uma totalidade concreta, complexa, multideterminada, contraditória, e portanto, histórica.

Alexander Romanovich Luria nasceu no dia 16 de julho de 1902, na cidade de Kazan, em uma família de classe média alta de origem judia, cujos ideais e valores eram simpáticos aos bolcheviques e a Revolução de Outubro. Seu pai, Roman Albertovich Luria, tornou-se um médico renomado especializado em doenças gastroenterológicas, destacando-se especialmente por sua habilidade diagnóstica. Por um longo período, Roman Albertovich trabalhou como professor na Universidade de Kazan. Após a Revolução Russa, ele desempenhou um papel fundamental como fundador e líder do Instituto de Educação Médica Avançada de Kazan. Ele também ganhou destaque por meio de várias monografias, incluindo *Doenças do Estômago e Esôfago* e *Uma Visão Interna sobre Doenças e Doenças Iatrogênicas*, ambas de 1935. Este último lhe conferiu popularidade, pois apresentava a ideia de que a percepção do paciente sobre sua própria doença poderia influenciar o curso e os resultados do tratamento (Homskey, 2001).

Filho de Roman Albertovich, Alexander Luria iniciou sua carreira como psicólogo na esteira dos eventos e das consequências da Revolução de Outubro de 1917. Em 1923, mudou-se para Moscou, onde passou a maior parte de sua vida, exceto por um curto período na cidade ucraniana de Kharkiv, no início da década de 1930. Em 1937, Luria graduou-se em medicina, ampliando suas pesquisas para incluir investigações neurológicas. Esse passo representou uma significativa expansão de seus interesses acadêmicos, destacando sua versatilidade e abordagem interdisciplinar ao longo de sua notável carreira. A lista de instituições, disciplinas e organizações relacionadas a Luria é de uma “diversidade desconcertante” dentro da psicologia e, em alguns momentos, fora dela (Proctor, 2020).

Ele também esteve envolvido em áreas como a psicanálise, a criminologia, a neurocirurgia, a defectologia, a medicina experimental e a pedagogia. Em russo, sua bibliografia conta com aproximadamente 350 publicações, tão expansivas quanto diversificadas. Seus temas de interesse abrangem monografias sobre caligrafia, memória, linguagem e brincadeiras infantis; artigos teóricos sobre a relação entre o marxismo e a psicanálise; manuais repletos de diagramas sobre a localização de funções no córtex cerebral;

baterias de testes para uso clínico; e dois estudos de caso escritos em estilo literário para um público amplo. Seu trabalho clínico colocou-o em contato com uma ampla gama de sujeitos de teste e pacientes, tanto os considerados sujeitos “normais” quanto patológicos (Proctor, 2020). Isto é, tanto indivíduos com um desenvolvimento típico quanto atípico eram de interesse de Luria.

Proctor¹⁷ (2020) destaca, como bem explorado por Tuleski (2011), que as mudanças no foco disciplinar e nas filiações institucionais de Luria foram “parcialmente ditadas pelas propriedades mutáveis do estado soviético, que o forçaram a abandonar abordagens disciplinares específicas em momentos particulares” (Proctor, 2020, p. 03). No entanto, apesar das demandas externas e da amplitude de seus interesses, as “preocupações centrais de Luria permaneceram notavelmente consistentes ao longo de sua carreira” (Proctor, 2020, p. 03). Conforme corrobora Evgenia Homskaya, sua ex-aluna e biógrafa:

Uma característica particular de Luria foi sua habilidade de assimilar na psicologia as ideias de diferentes disciplinas adjacentes, como neurologia, fisiologia, anatomia, biologia e outras, a fim de criar uma abordagem multidisciplinar para seus próprios problemas de estudo. Durante toda a sua vida, ele trabalhou na interseção de várias ciências diferentes. Ele sempre via o objeto de seu estudo como um todo e era capaz de sintetizar conhecimentos fragmentados em um sistema harmonioso. Essa habilidade o distinguia de outros cientistas que tendiam a se especializar em uma área estreita, nunca ultrapassando as fronteiras fora de seu campo específico (Homskaya, 2001, p. 02 - tradução nossa).

Em seu *Curso de Psicologia Geral*, Luria (1979) argumenta que a psicologia só pode se desenvolver em uma "estreita ligação" com outras ciências, não as substituindo, mas proporcionando-lhes informações cruciais. É nesse contexto que compreendemos também seu interesse pela ciência romântica. Como discutido no capítulo anterior a partir de Halliwell (1999), este é um dos aspectos centrais que define a tradição romântica: a busca por expressar os conteúdos objetivos da ciência por meio de expressões estéticas, visando evitar um reducionismo tecnicista na análise dos processos psicológicos.

De acordo com Homskaya (2001), Luria ingressou no ensino superior em Kazan, e sua formação em ciências sociais o aproximou da psicologia. No entanto, a leitura da psicologia acadêmica da época, a "psicologia clássica", provocou uma série de inquietações e levou-o a esboçar um livro, nunca publicado, quando tinha 20 anos. Neste trabalho

¹⁷ A tradução de todos os excertos da obra de Proctor (2020) citados neste trabalho é de responsabilidade do autor.

embrionário, já se vislumbram algumas características que acompanhariam o autor ao longo de sua obra, como a crítica à tendência da psicologia clássica em excluir a "personalidade vivida". Luria explorou as obras de figuras como Wundt, Ebbinghaus, Titchener e Hoffding para demonstrar seu ponto. Mas, ainda em Kazan, teve contato com professores que apresentaram ideias originais sobre a psicologia e fundou a "Associação de Ciências Sociais", promovendo a publicação de livros com novas abordagens psicológicas (Homskaya, 2001).

Nesse contexto, Luria estabelece como fundamental para seu desenvolvimento intelectual partir do princípio de que a nova psicologia científica deveria encontrar um caminho entre os extremos das ciências nomotéticas - aquelas que interpretam leis gerais, mas perdem as características individuais - e das ciências ideográficas - que descrevem as características individuais, mas que não conseguem combiná-las em leis gerais. A influência dessa perspectiva no jovem Luria originou-se da leitura de cientistas românticos alemães e filósofos neokantianos. É desse contato que deriva a ideia, conforme destacado por Homskaya (2001), de que a ciência deveria unificar métodos contrastantes. Em outras palavras, a investigação científica deveria ser tanto ideográfica, buscando leis gerais e universais nos fenômenos, quanto nomotética, estudando-os em sua individualidade, conforme definido por Windelband em sua História da Filosofia, de 1901 (Homskaya, 2001).

Podemos afirmar que desde as primeiras preocupações de Luria com a psicologia havia uma inclinação para a análise do fenômeno concreto, e nesse contexto, a ciência romântica se configura como uma de suas bases para fundamentar essa orientação em direção a uma psicologia concreta, em contraposição à abstração da psicologia clássica. No entanto, em termos de método de análise, essa abordagem está situada numa fase pré-marxista do autor, pelo menos no sentido que essa abordagem tomará após sua associação com L. S. Vygotsky, após se conhecerem em Leningrado, em 1924 (Luria, 2015).

A busca de Luria por uma "psicologia viva" o levou a concentrar-se na Psicanálise de Freud, resultando na fundação de um círculo psicanalítico em 1922, quando Luria tinha apenas dezenove anos. Durante esse período, ao entrar em contato com Freud por correspondência, recebeu uma resposta calorosa e a autorização para traduzir suas obras (Homskaya, 2001). Luria (1974) destaca que, naquela época, ele e seus colegas viram na "psicologia concreta" de Freud e Adler um ponto de partida, reconhecendo a significativa contribuição da Psicanálise em relação às teorias dominantes da época. No entanto, logo rejeitaram o "tipo de interpretação arbitrária em voga na psicanálise da época" (Luria, 1974, p. 258).

Na direção oposta, a geração de Luria assumiu a tarefa de utilizar métodos objetivos para a análise de estados afetivos, atuais e de complexos afetivos reprimidos, buscando aproximar a dinâmica concreta da vida mental para uma posição fisiológica e objetiva. Em alguns casos usaram a “associação livre”, de origem junguiana, combinada com medições das manifestações corporais “externas”, como as medições de pulso, respiração e batimento cardíaco. Para Luria, o passo dado pela psicologia soviética estava em unir processos internos (verbais-associativos) com as manifestações motoras do comportamento (Luria, 2015).

O desenvolvimento da psicologia objetiva soviética foi beneficiado pela ideia de unir processos internos (verbais-associativos), os quais podem ser utilizados para fundir estados afetivos em um único sistema funcional, juntamente com suas manifestações externas, motoras. Isso visa criar um contorno dinâmico único no qual as mudanças internas são necessariamente refletidas em um processo motor externamente observável (Luria, 1974).

Com base nesses princípios, Luria iniciou suas investigações que culminaram em uma publicação com uma série de pesquisas sobre o “método motor combinado”, intitulada *The Nature of Human Conflicts*, publicada em 1932 (1960). Conforme explicado por Tuleski (2011, p. 35), Luria “[...] parte do pressuposto de que um distúrbio afetivo gera uma desorganização do comportamento ativo, havendo uma destruição involuntária dos movimentos voluntários, que pode ser medida por meio de alterações psicofisiológicas”. Além de descobrir os mecanismos subjacentes a esses distúrbios, e definir uma sintomatologia, o autor também planejava estudar meios eficazes para contorná-los.

É importante ressaltar como a perspectiva de Luria sobre a psicologia concreta esteve desde muito cedo vinculada a um estudo objetivo e experimental do comportamento. Portanto, para o autor, a psicologia concreta vai além de uma ciência sustentada na interpretação ou descrição. Isso significa que ela não exclui o estudo objetivo e experimental do comportamento, pelo contrário, considera-o fundamental.

Avaliando essa época, ele demarca que um passo importante foi dado na relação entre processos verbais associativos e controles de reações motoras na psicologia científica, mas que o projeto não atingiu todo o programa planejado, por limitações próprias. Mas o principal motivo da reviravolta empreendida nas pesquisas de Luria se deu por seu encontro com Vygotsky (Luria, 1974; 2015).

Os estudos de *The Nature of Human Conflicts*¹⁸ (“A natureza dos conflitos humanos”), de 1932, levaram a Luria a necessidade de compreender as formas pelas quais

¹⁸ Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/luria/works/1932/nature-conflicts/luria-conflicts.pdf>.

ocorre a reorganização do processo fisiológico nas formas psicológicas complexas, denominado por ele nessa altura de "fisiologia psicológica" – termo que ele indica nunca ter usado em uma publicação até então. Esses estudos também ressaltaram a importância de se investigar mais detalhadamente os processos pelos quais o comportamento se organiza. Em outras palavras, o estudo da psicologia do desenvolvimento tornou-se essencial (Luria, 1974).

Como já adiantado, o fator fundamental para essa mudança de direção foi o impacto das ideias de Vygotsky na época, a quem se aproximou na década de 1920, posteriormente se associando e trabalhando em conjunto também com Alexei Nikolaevich Leontiev. Luria afirma que Vygotsky definiu, por muitos anos, o desenvolvimento da psicologia soviética, e entre os muitos fatores que contribuíram para a aproximação de ambos estava a determinação de Vygotsky em superar a dicotomia entre as correntes naturalistas e subjetivistas existente na psicologia científica (Luria, 2015).

Contrariamente à abordagem subjetivista e introspectiva, delimitada na descrição “fenomenológica” das manifestações complexas da consciência, Vygotsky reconhecia a base reflexa dos processos psicológicos, mesmo os mais complexos. Contudo, tensionando sua visão com o reducionismo dos reflexologistas, ele não reduzia a consciência a um sistema de reflexos. De acordo com Luria (2015), Vygotsky estabelecia que os processos mentais complexos, como a consciência, não poderiam ser reduzidos a atos reflexos isolados e simples. Ou seja, a complexidade das formas superiores do psiquismo humano não é compreendida pelo estudo de elementos isolados, como o reflexo, a “subjetividade”, entre outros.

A “análise em elementos” eleva o processo observado a um “processo geral”, que é comum aos fenômenos psicológicos elementares e complexos, mas ainda não explica o nascimento de algo qualitativamente novo. Nessa direção, Luria afirma que:

Não há dúvida de que a água é composta por átomos de hidrogênio e oxigênio; no entanto, pensar que a qualidade 'água' se reduz às qualidades de hidrogênio e oxigênio, perdendo assim as peculiaridades da molécula H₂O, resulta em excluir do estudo as propriedades especiais da água (Luria, 1974, p. 261).

O autor complementa que na época alguns questionamentos intrigantes para os intelectuais da psicologia giravam em torno desse problema. As indagações estavam centradas sobre o que constituiria as unidades desse processo de desenvolvimento, o que reteria todas as propriedades fundamentais da atividade psicológica humana e como essas

unidades se formariam e funcionariam. Luria expressava sua própria dúvida ao se questionar: “É possível construir um modelo simples de uma unidade que possua uma estrutura reflexa, mas adquira novas propriedades características apenas dos processos psicológicos do ser humano?” (Luria, 1974, p. 261).

Vygotsky foi aquele que identificou essa unidade elementar, característica da consciência humana, nos processos de mediação. Essa mediação emerge das sociedades humanas devido ao uso de instrumentos direcionados ao domínio do ambiente e ao uso de signos voltados para o controle do comportamento humano. Luria (1974) resume o processo com o exemplo da “força de vontade” e do “livre arbítrio”.

O ser humano não é capaz de ultrapassar os limites das leis naturais e, por "força de vontade", mover sequer uma única molécula do mundo externo; ele não é capaz, por "livre arbítrio", de dominar seu próprio comportamento, inibindo seus reflexos ou fazendo com que mova a mão sequer um milímetro. Ele pode realizar tudo isso apenas de acordo com as leis objetivas da natureza, utilizando processos reflexos objetivamente existentes e criando a partir deles os meios de organizar seu próprio comportamento (Luria, 1974, p. 261).

De acordo com Luria (1974), Vygotsky chegou a denominar sua psicologia de “psicologia instrumental”. Afirma que o conhecimento estabelecido reconhece que tanto o comportamento de animais quanto de seres humanos segue uma estrutura reflexa, de estímulo e resposta, simbolizada pela relação S-R. Entretanto, diante da impossibilidade direta de o ser humano superar sua dependência, ele busca contorná-la por meio de uma abordagem indireta e mediada. Ao introduzir alterações no ambiente externo, o ser humano se submete posteriormente às condições modificadas que ele mesmo criou. Ao intervir na natureza, o indivíduo, de alguma maneira, influencia a si mesmo, e ao conquistar a natureza, alcança autodomínio.

Nesse processo, o processo reflexo, essencial para o comportamento animal, mantém-se presente e passa por transformações. O esquema S-R é substituído por um sistema reflexo complexo, no qual o uso de ferramentas voltadas para o mundo externo funciona como um sinal direcionado para o próprio indivíduo. O determinismo do esquema reflexo persiste, incorporando características próprias das formas complexas de comportamento voluntário e organizado (Luria, 1974). O modelo de Vygotsky destitui o mundo mental de uma essência espiritual, mas também implica na rejeição de modelos super simplificados de

investigação. No lugar da relação direta entre estímulo e resposta, Vygotsky então propõe o “método instrumental” ou “método da dupla estimulação” (Luria, 1974, p. 261-262).

Este método é exemplificado pelos experimentos descritos no terceiro capítulo de *Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança* (Vygotsky & Luria, 1996) e pode ser resumido da seguinte maneira: o sujeito é apresentado a uma tarefa (S) e recebe um tipo de sinal ou meio (X), com o qual pode realizar a tarefa e adquirir uma resposta apropriada (R). Em conformidade com um modelo fundamental de processo psicológico complexo, esse método manifesta necessariamente a forma S-X-R, e o objetivo da investigação se volta para a compreensão de como o sujeito forma meios auxiliares de resolução e o grau em que ele é capaz de usá-los para atingir a resposta almejada. O estudo dessas atividades “significativas” com ferramentas e sinais tornou-se uma tarefa central na pesquisa objetiva das funções psicológicas superiores¹⁹. Conforme destacado por Luria (1974), os conceitos elaborados por Vygotsky entre o final da década de 1920 e o início de 1930 apresentam uma relevância em duplo aspecto.

Ao introduzir uma abordagem inovadora para compreender a essência dos processos psicológicos complexos, a concepção de Vygotsky desempenhou um papel fundamental na superação da crise na psicologia. Vygotsky (1999) identificava essa crise como decorrente do tratamento determinista da psicologia em relação à análise dos processos psicofisiológicos elementares, bem como da persistência na definição das funções psíquicas superiores como fenômenos intrínsecos à “vida espiritual” e, portanto, inexplicáveis cientificamente. De acordo com Luria (1974), a partir das contribuições de Vygotsky, os pesquisadores passaram a dispor de uma abordagem mais apropriada para analisar os fenômenos complexos da vida mental, decompondo-os em “unidades” adequadas e reproduzindo modelos experimentais de suas formas mais complexas.

O segundo aspecto relevante é a apresentação convincente de que uma abordagem científica para a análise da consciência humana demanda a rejeição não apenas da abordagem espiritualista, mas também da naturalista em relação ao fenômeno mental (Vygotsky, 1999). É necessário buscar o núcleo das formas superiores de atividade psicológica na história social, nos fatores objetivos que levam a maioria das sociedades humanas antigas a utilizar

¹⁹ O trabalho de Vygotsky com Sakharov sobre a formação de conceitos é um exemplo dessa orientação, e essa linha de pesquisa foi continuada por muitos outros estudiosos. Para mais detalhes, consultar a obra *A construção do pensamento e da linguagem* (2010).

ferramentas e desenvolver linguagem. Esse processo, por sua vez, emerge como o principal determinante na formação do processo mental humano.

Aqui se destaca a importância do conceito de trabalho conforme descrito por Marx e Engels (2009). Conforme observado por Luria (1974), as perspectivas desses pensadores em relação às bases sociais das formas produtivas de atividade objetiva (*Tätigkeit*), e seu papel na formação da consciência humana, constituíram os fundamentos para a reorganização da psicologia. Foi a partir desse ponto que começou a tomar forma o trabalho dos jovens psicólogos soviéticos (Luria, 2015).

Influenciado por Marx, Vygotsky concluiu que as origens das formas superiores do comportamento estavam nas relações sociais do indivíduo com o meio externo. Mas o homem não é só um produto do seu meio ambiente; também é um agente ativo na criação desse meio ambiente (Luria, 2015, p. 48).

Ele segue ao afirmar que a partir da investigação sobre como os processos naturais e os processos culturalmente determinados se inter relacionam no processo de formação e desenvolvimento das funções psicológicas superiores, possibilitaria a transposição da lacuna entre as explicações científicas naturais dos processos elementares e as descrições mentalistas dos processos complexos. E finaliza explicitamente que era preciso “[...] tomar certa distância do organismo, para descobrir as fontes das formas especificamente humanas da atividade psicológica” (Luria, 2015, p. 48).

Em síntese, se processos como a memória significativa, a atenção dirigida e o pensamento abstrato não são intrínsecos à vida mental, e só podem ser descritos, então é possível realizar uma análise de causa e efeito desses processos, indicando como se formam e em que estágios se manifestam. Essas questões fundamentais continuaram a orientar a busca pela “formação social da atividade mental” ao longo dos cinquenta anos subsequentes (Luria, 1974).

De acordo com Luria (1974), Vygotsky foi o primeiro a corretamente notar o caráter interpsicológico das funções psíquicas superiores. O direcionamento voluntário do comportamento individual não é um produto do desenvolvimento natural, conforme evidenciado pelo estudo da ontogênese. Inicialmente, a criança move a própria mão em resposta a um comando, como “me dê o copo”, ou altera seu olhar em resposta à pergunta “onde está o copo?”. Contudo, em um estágio posterior, a criança incorpora seu próprio sinal direcionador em sua fala, tornando possível regular seu próprio comportamento.

Assim, surge a formulação da lei posteriormente conhecida (Vygotsky, 2000) como a lei geral da internalização, um dos pilares da Psicologia Histórico-Cultural: “funções inicialmente compartilhadas por duas pessoas tendem a tornar-se voltadas para si mesmas ou encurtadas e, assim, tornar-se uma forma interna de organização das funções psicológicas do próprio indivíduo’ (Luria, 1974, p. 263). Vygotsky via na transição dos processos intersíquicos para processos intrapsíquicos a gênese social das formas complexas de atividade mental individual. A investigação dessa gênese serviu como base para o trabalho de diversos pesquisadores da época.

De acordo com Luria (1974), por fim, os estudos ressaltam a importância fundamental da linguagem no desenvolvimento das funções mentais superiores na infância. Nos anos iniciais, a linguagem apenas reflete aspectos isolados do mundo percebido, mas posteriormente a criança isola e generaliza atributos fundamentais. É o que possibilita ao indivíduo ir além da superficialidade das coisas e dos objetos e estabelecer conexões e relações entre eles. Entende Vygotsky (2012) que:

[...] tanto o conhecimento da natureza como o conhecimento da personalidade se realiza com ajuda da compreensão de outras pessoas, com a compreensão dos que o rodeia, com a compreensão da experiência social. A linguagem é inseparável da compreensão. A indivisibilidade da linguagem e da compreensão se manifesta tanto no uso social da linguagem como meio de comunicação, assim como em seu emprego individual como meio de pensamento (p. 73 - tradução livre).

Desse modo, nota-se também que, no processo de desenvolvimento psicológico, ocorrem não apenas mudanças na estrutura dos atos mentais, mas também alterações nas “relações interfuncionais” subjacentes a esses atos. Segundo Luria (1974), Vygotsky considerava essas mudanças na “estrutura significativa e sistêmica da consciência” como uma das mais importantes tarefas da psicologia.

Ao longo do desenvolvimento psicológico, ocorrem não apenas mudanças na estrutura dos atos mentais, mas também alterações nas "relações interfuncionais" subjacentes a esses atos. Em investigações específicas, foi estabelecido que durante o processo de desenvolvimento psicológico, a criança não apenas modifica a estrutura interna de sua atividade psicológica, mas também passa por uma reconstrução radical das relações entre suas complexas funções mentais.

Em resumo, no final da década de 1930, Luria estabeleceu como princípios fundamentais a noção de que os processos psicológicos complexos derivam do

desenvolvimento sócio-histórico e estão vinculados ao amplo domínio da experiência humana. Suas pesquisas subsequentes concentraram-se em compreender como fatores psicológicos essenciais, como a estrutura da percepção, a memória “significativa” e o pensamento abstrato, são moldados pelas condições históricas em que a fala abstrata permeia cada vez mais a experiência cotidiana. Esse fenômeno resulta em uma influência decisiva e na reestruturação dos processos psicológicos fundamentais, impactando não apenas o conteúdo, mas também a própria estrutura desses processos. Temas que irão tomar centralidade em suas obras subsequentes dentro do campo da neuropsicologia, cujo percurso será discutido no próximo item.

3.2. Desenvolvimento da neuropsicologia

Luria (1974) destaca que ao final da década de 1920 as pesquisas de Vygotsky sobre as funções psicológicas superiores o conduziram a ampliar sua atenção para os mecanismos cerebrais, proporcionando assim os alicerces para uma nova teoria explicativa dessas funções, ancorada em sua natureza material. Esse desenvolvimento situou a nova psicologia no âmbito das ciências naturais. Entretanto, diante da compreensão de que os processos psicológicos complexos têm uma origem histórico-social, a nova teoria não busca por "centros corticais" restritos e específicos, nos quais essas funções estariam localizadas.

Em contrapartida, para a Psicologia Histórico-Cultural a atenção volta-se para os “sistemas funcionais”. Quando uma função é mediada pela linguagem, ela adquire uma complexidade maior e altera a estrutura psicológica, assim como as relações interfuncionais. Em outras palavras, essas funções, agora concebidas como “sistemas funcionais complexos”, não estão confinadas a uma base material restrita, opondo-se à ideia de um grupo de células nervosas desempenhando uma função constante (Luria, 1974; 2015).

Segundo Luria (1974), a observação de pacientes com afasia levou Vygotsky a se convencer de que os distúrbios da fala desencadeiam uma gama mais ampla de efeitos no comportamento do que inicialmente suposto, afetando percepção, pensamento e organização do próprio comportamento, ou seja, impactando um determinado sistema funcional. Um dos estudos que serviu de base para pesquisas subsequentes foi o realizado por Vygotsky com pacientes parkinsonianos. Nele, pessoas incapazes de se orientarem por conta própria para seguir um determinado trajeto conseguiram realizar o exercício com o auxílio de sinais auxiliares, como placas e sinais no chão, para orientar seus passos. Dessa forma, ocorreu uma

reconstrução do sistema através da compensação, em que os estímulos visuais passaram a “guiar” a atividade cortical deteriorada em seu sistema original devido à condição neurológica criada pelo Parkinson. As investigações sobre afasia e parkinsonismo fundamentaram o conceito de funcionamento sistêmico do cérebro, desenvolvido por Vygotsky (Luria, 1974, p. 269).

Após se graduar em Medicina, Luria deu início a um novo programa de investigações clínicas sobre a afasia na cidade de Kharkov, na Academia Ucraniana de Psiconeurologia e também em Moscou. Luria aprofundou a análise dos fundamentos cerebrais das funções psicológicas superiores sistêmicas e em particular o processamento da fala. Esses estudos levaram a publicação da obra *Afasia Traumática* em 1947, que tratou da restauração das funções psicológicas, o que abriu caminho para uma série de trabalhos sobre reabilitação, como o livro *Restoration of functions following war-caused trauma of the brain*, escrito em 1948, e publicado em inglês em 1963 (Luria, 1974).

Luria destaca que os avanços obtidos por ele e seus colegas no campo da neuropsicologia representaram o desenvolvimento das ideias de Vygotsky. Não apenas a compreensão dos mecanismos do cérebro foi aprimorada, mas também a possibilidade de reabilitá-los foi fortalecida.

Provavelmente, a conquista mais importante desta série de investigações foi a verificação de nossa hipótese de que a formação de sistemas funcionais complexos ocorre “de fora para dentro”. Inicialmente, o sistema funcional baseia-se no uso de meios de suporte externos e somente mais tarde, e sob certas condições, ele muda para uma reestruturação da organização interna da atividade psicológica. Este método de reconstituição de sistemas funcionais foi bem-sucedido não apenas na restauração da fala, mas também na restauração de processos tão complexos como o pensamento ativo (Luria, 1974, p. 269).

Na década de 1950, as investigações de Luria sobre os sistemas funcionais complexos se ampliaram, ao mesmo tempo que se concentraram mais detidamente nas funções reguladoras da linguagem. O autor ressalta que esse período foi marcado por diversas publicações dentro dessa temática, ocorrendo entre 1956 e 1961. Assim, as investigações sobre os mecanismos da regulação voluntária do comportamento voltaram ao centro das atenções. No entanto, mais de duas décadas após os primeiros estudos, o cenário se mostrava bastante diferente daquele da década de 1930.

É importante ressaltar que ao longo da década de 1950, Luria precisou contornar a censura stalinista, utilizando “jargões pavlovianos” em seus trabalhos, ao mesmo tempo em que incorporava de maneira singular suas descobertas, fundamentadas em seus próprios princípios e métodos (Tuleski, 2011). No entanto, em sua autobiografia mais referenciada nesse contexto, Luria (1974) fornece um tratamento lacunar, relatando apenas um retorno ao interesse pela formulação pavloviana da linguagem como um "sistema de segundo sinal". Entretanto, é precisamente através da influência da fala que se pode estudar a característica fundamental da consciência humana. A formação dos níveis mais elevados do comportamento humano está entrelaçada com o papel adquirido pela fala, sendo esta a origem de toda uma série de anomalias no desenvolvimento, e condições patológicas podem ser encontradas na perda da fala e sua influência reguladora. As descobertas em desenvolvimento, patologia e função reguladora da fala, incluindo experimentos com crianças, revelam mudanças patológicas reais, ricas e multifacetadas.

Os anos de 1960 e 1970 testemunharam avanços significativos no campo da neuropsicologia, representando a síntese de décadas de experiência prévia. Durante esse período, as publicações buscaram estabelecer bases sólidas para uma ciência dedicada aos fundamentos cerebrais da atividade psicológica humana, as quais relataram o emprego de métodos experimentais de investigação psicológica, diagnóstico focal de lesões cerebrais e restauração de funções cerebrais. Esses esforços foram especialmente evidentes na Unidade de Moscou e no Instituto de Neurocirurgia de Burdenko (Luria, 1974).

A concepção geral da estrutura sistêmica das funções psicológicas superiores, desenvolvida ao longo das décadas de 1930, 1940 e 1950, proporcionou uma base crucial para esses avanços. Um método neuropsicológico especial, conhecido como “análise sindrômica” de lesões focais do cérebro, foi desenvolvido nesse contexto. Essa abordagem é entendida por Luria (1974) como potencializadora de não apenas descrever as mudanças na atividade psicológica resultantes de lesões cerebrais focais, mas também de auxiliar na identificação dos fatores subjacentes aos distúrbios das funções corticais superiores nessas condições.

Retornando momentaneamente à década de 1940, Luria (1974) destaca a época como aquela em que seus esforços investigativos se concentraram em alcançar uma concepção geral da estrutura sistêmica das funções corticais superiores e encontrar novos métodos para lidar com lesões focais do cérebro. Isso resultou na publicação das importantes obras citadas anteriormente, como *Afasia Traumática*, de 1947, e *Restauração das Funções Causadas por*

Traumas de Guerra no Cérebro, de 1948. Além destas, um artigo de 1945, intitulado *A Localização das Funções no Córtex Cerebral*, escrito em colaboração com N. I. Graschenkov, foi uma das primeiras sínteses da perspectiva de Luria sobre a localização sistêmica dos processos psicológicos superiores e seus distúrbios decorrentes de lesões cerebrais.

Nos anos de 1960, as pesquisas sobre os danos causados por ferimentos de guerra deram lugar a um foco renovado na análise das mudanças comportamentais resultantes de tumores cerebrais. Esse período viu a integração da neuropsicologia com a neurocirurgia, impulsionada pela necessidade de diagnósticos mais precisos das lesões. A restauração dos distúrbios nos processos psicológicos causados por lesões focais do cérebro emergiu como uma aplicação fundamental dos pressupostos da neuropsicologia desenvolvidos até aquele momento (Luria, 1974).

A neuropsicologia, delineada como um novo campo que transcende os limites entre a psicologia e a neurologia clínica, emergiu como resultado desse árduo trabalho tanto teórico quanto prático. Uma série de publicações ilustra o desenvolvimento da abordagem neuropsicológica de Luria, destacando-se *Higher Cortical Functions in Man*, publicada em 1962. Essa obra seminal foi traduzida para o inglês pela primeira vez em 1966. No entanto, até os dias atuais, permanece inédita em língua portuguesa. Em seu lugar, *Fundamentos de Neuropsicologia* (1981) é amplamente conhecido entre os estudiosos brasileiros, sendo uma tradução de *The Working Brain*, obra de compreensão relativamente mais acessível (Luria, 1974).

Luria (1974) argumenta que todas essas publicações em neuropsicologia compartilham a posição e as linhas de trabalho estabelecidas por Vygotsky na década de 1920 e desenvolvidas ao longo de cerca de quarenta anos. O autor destaca que o ponto de partida dado por Vygotsky nas publicações de neuropsicologia mantém-se como a posição fundamental subjacente e as linhas de trabalho desenvolvidas desde aqueles anos iniciais. Luria também observa que a psicologia estava efetivamente dividida em duas disciplinas distintas. Uma delas abordava os fenômenos mais complexos da vida espiritual do ser humano, mas evitava uma análise causal profunda. Enquanto isso, um segundo ramo se dedicava a explicar os mecanismos fisiológicos dos processos elementares, excluindo das suas esferas de interesse as áreas mais complexas da atividade consciente. Vygotsky propôs uma solução para essa dicotomia ao advogar pela criação de uma ciência psicológica que investigasse as origens e as leis que regem a organização das formas mais complexas de

atividade consciente, sem rejeitar completamente uma abordagem determinista na sua explicação causal. Essa perspectiva integradora visava superar a fragmentação da psicologia e permitir uma compreensão mais abrangente dos processos mentais (Luria, 1974; 2015).

Evidenciou-se com esses destaques autobiográficos que Luria dedicou sua vida ao estudo dos mecanismos cerebrais envolvidos em atividades psicológicas complexas, desenvolvendo um método para a análise neuropsicológica. Sua abordagem à neuropsicologia pode ser resumida pela compreensão de que os processos psicológicos superiores representam sistemas funcionais complexos, com origens sociais, estrutura mediada e realização por meio de complexos de áreas cerebrais que trabalham de forma integrada. Esses processos são também influenciados por mecanismos sociais externos, como ferramentas e sinais (Luria, 1974).

Um aspecto fundamental da visão de Luria (1981) é que cada área do cérebro, incluindo o córtex, desempenha um papel específico e contribui de maneira única para o funcionamento do sistema funcional como um todo. Portanto, lesões em diferentes áreas cerebrais afetam o sistema de maneiras distintas. Esta compreensão permite que as perturbações resultantes de lesões cerebrais sejam utilizadas para diagnosticar o local específico da lesão, possibilitando um diagnóstico tópico (Luria, 1974). Essa perspectiva integrativa e detalhada do autor sobre a relação entre atividade cerebral e processos psicológicos superiores é uma contribuição significativa para o campo da neuropsicologia, fornecendo uma base sólida para o diagnóstico e tratamento de distúrbios neurológicos.

As investigações sobre as três unidades funcionais cerebrais foram intensificadas por Luria (1974) no final da década de 1960 e início de 1970. Segundo essa perspectiva, essas unidades participam necessariamente de toda a atividade psicológica, mesmo as menos complexas, e cada uma delas assume uma participação especial no processo psicológico (Luria, 1974; 1981).

A primeira unidade funcional está localizada no tronco cerebral e nas áreas límbicas subcorticais do cérebro designada como área do tônus ou da energia. A segunda unidade inclui as áreas posteriores do córtex (occipital, parietal e temporal), e é designada como área de recepção, processamento e armazenamento de informações. A terceira unidade, a qual inclui o córtex frontal, é caracterizada como a área da programação, regulação, controle dos movimentos e da atividade complexa (Luria, 1979; 1981).

O avanço da análise neuropsicológica, conforme delineado por Luria (1974), foi fundamental para destacar diferenças substanciais entre processos que, à primeira vista,

podem parecer similares, como a audição musical e a fonemática. Adicionalmente, essa abordagem permitiu a identificação de similaridades subjacentes entre processos aparentemente distintos, como a orientação para relações espaciais, as estruturas lógico-gramaticais e o processo de contagem, entre outros. Luria também enfatiza que, no final da década de 1960, concentrou-se no papel específico dos lobos frontais na atividade psicológica.

Essa região cerebral foi por muito tempo considerada responsável pelos atributos conscientes dos seres humanos. No entanto, de acordo com o autor, a compreensão do papel dos lobos frontais em sua interação com o restante do cérebro, incluindo sua conexão com a formação reticular, ainda não havia sido completamente explorada. Ele e seus colaboradores empreenderam esforços para preencher essa lacuna no conhecimento, investigando a intrincada rede de relações entre os lobos frontais e processos como o movimento voluntário, por exemplo (Luria, 1974).

A análise neuropsicológica da atividade dos lobos frontais também esteve intimamente ligada à preocupação em restaurar funções perturbadas devido a lesões focais nessas regiões. A experiência de Luria e seus colaboradores durante a guerra, realizando neurocirurgias e dando continuidade a esse trabalho, ampliou significativamente o campo da reabilitação (Luria, 2015). Os avanços nesse tópico foram sintetizados em um livro escrito em conjunto com sua aluna e colaboradora L.S. Tsvetkova, intitulado *Re-habilitative Training in Local Brain Lesions*, publicado em 1972, que apresenta os achados de um programa de reabilitação desenvolvido por ambos em 1964. Essa obra representou uma contribuição importante para a compreensão e a prática da reabilitação neuropsicológica (Luria, 1974).

Luria (1974) e seus colaboradores também se dedicaram nesse período ao estudo da influência dos núcleos da base em processos considerados funções corticais superiores, como por exemplo o impacto das áreas límbicas em processos psicológicos complexos como a memória. Esse é um dos tópicos em que Luria se concentra na década de 1970. O segundo é o debate travado no campo da psicolinguística, o qual podemos ver uma importante síntese em seu livro *Pensamento e Linguagem: as últimas conferências* (2001). De acordo com Luria, a partir da psicolinguística e suas descobertas sobre as características fonêmicas, sintáticas e semânticas das estruturas linguísticas, houve uma revisão de aspectos de estudos sobre a afasia.

As investigações neuropsicológicas que ocuparam a maior parte da vida de Luria (1974) são tão ricas e diversificadas quanto foi sua produção teórica, desde o período pré-marxista até seu encontro com Vygotsky. Este, como vimos, reorganizou sobremaneira a orientação de seus estudos a partir do pressuposto da origem social e da interfuncionalidade dos processos psicológicos, e ajudaram o autor a clarificar uma posição fundamental com a qual ele conclui o texto autobiográfico para a coletânea de E. Boring.

3.3 O cérebro histórico-cultural e os conceitos básicos da neuropsicologia

Nessa seção, examinamos a perspectiva histórico-cultural do cérebro, elaborada por Vygotsky (2000) e aprofundada por Luria (1974; 1979; 1981; 2015). Dado que suas histórias de caso em destaque estão atreladas à teoria e práticas da neuropsicologia, nosso objetivo é retomar alguns conceitos básicos fundamentais, quais sejam: unidades funcionais, localização, função, sintomas e análise sindrômica. Junto a elas, a própria interpretação da atividade cerebral como “órgão da atividade concreta da psicologia humana” (Luria, 1981), organizada em um sistema funcional complexo.

No primeiro volume de seu *Curso de Psicologia Geral* (1979), Luria inicia sua exposição retomando os meandros da crise da psicologia e sua divisão entre uma perspectiva naturalista e subjetivista, além da proposta de superação de Vygotsky, conforme discutido no tópico anterior. Notamos ao longo dessa pesquisa que Luria retoma esse tema em muitas de suas publicações, porém, com diferentes focos a depender do texto.

É notável como, em várias ocasiões em que ele revisita esse processo de crise, Luria destaca fatores específicos. Em *Pensamento e Linguagem: as últimas conferências*, publicação com seus últimos discursos, o foco recai sobre o comportamento “categorial” do ser humano (Luria, 2001), o que provavelmente reflete o aumento de seu interesse na psicolinguística no final da década de 1960 e início de 1970. No entanto, no *Curso de Psicologia Geral* (Luria, 1979), seu foco está no cérebro e em como ele é compreendido pela psicologia inaugurada por Vygotsky.

A concepção de cérebro histórico-cultural por Vygotsky (2000) pôde ser efetivada com maior amplitude na prática social por Luria durante a construção de sua neuropsicologia sobretudo a partir da década de 1940, durante seu período de trabalho no hospital dos Montes Urais durante a Segunda Guerra Mundial. Luria explica em seu *Curso de Psicologia Geral* (1979) a partir de Vygotsky que o cérebro é responsável pela vida psíquica no organismo.

Porém, em sua concepção, estudar o psiquismo humano como função imediata do cérebro seria insuficiente. Ele argumenta que a vida e a mente humana não podem ser reduzidas apenas às atividades cerebrais, mas são resultados da forma social específica de vida característica do ser humano.

Luria (1979) apresenta, portanto, a tese histórico-cultural de que o surgimento das funções psicológicas superiores, características dos seres humanos, e seu desenvolvimento cultural - como a atenção voluntária, a memória lógica, o pensamento e a abstração, entre outras - não é inato à natureza, mas sim uma progressão gradual vinculada ao avanço do trabalho, das capacidades produtivas e da utilização de ferramentas e símbolos, sendo a linguagem simbólica o elemento fundamental ao longo da trajetória histórica da sociedade. Nessa perspectiva, o "cérebro", sendo o principal órgão executor dessas funções, não pode ser compreendido isoladamente, mas sim como o desdobramento do desenvolvimento histórico.

A vida psíquica dos animais surge no processo de sua atividade e é uma forma de representação da realidade, é realizada pelo cérebro mas pode ser explicada somente pelas leis objetivas dessa atividade representativa. De modo semelhante, as formas superiores de atividade consciente, de atenção ativa, memorização arbitrária e pensamento lógico que são específicas do homem não podem ser consideradas produto natural da evolução do cérebro, sendo o resultado da forma social específica de vida, que é característica do homem. Para explicar por via causal as funções psíquicas superiores do homem, é necessário ir além dos limites do organismo e procurar-lhes as fontes não no recôndito da alma ou nas peculiaridades do cérebro mas na história social da humanidade, nas formas de linguagem e trabalho social que se constituíram ao longo da história da sociedade e trouxeram para a vida tipos mais aperfeiçoados de comunicação e novas formas de atividade consciente (Luria, 1979, p. 11 - grifos do autor).

Portanto, a tarefa da psicologia é “ocupar-se da análise das formas complexas de representação da realidade, que se constituíram ao longo da história da sociedade e são realizadas pelo cérebro humano” (Luria, 1979. p. 11). Mas, do mesmo modo que sua perspectiva rejeita o subjetivismo e busca a análise científica objetiva dos processos psicológicos superiores, ela não substitui essa análise pelo estudo dos processos fisiológicos que lhes servem de base nem limitam-se a descrevê-los. Em síntese:

Essa é a tarefa da ciência psicológica, que deve estabelecer as leis da sensação e percepção humana, regular os processos de atenção e memorização, realizar o pensamento lógico, compreender a formação das necessidades complexas e da personalidade, considerando todos esses fenômenos como produtos da história social

e sem separar esse estudo da análise dos mecanismos fisiológicos que lhes servem de base. É isso que constituirá a essência da Psicologia geral como um todo e da psicologia do ser humano em particular (Luria, 1979. p. 7).

Nossa exposição mais detalhada dos conceitos da neuropsicologia luriana partem agora de seu livro *Fundamentos de Neuropsicologia* (Luria, 1981). Na obra, Luria destaca uma mudança significativa na compreensão do funcionamento cerebral ao longo do século XX, onde o cérebro deixou de ser visto como um órgão passivo e passou a ser compreendido como um órgão ativo, capaz de refletir as complexidades do mundo ao nosso redor. Anteriormente, predominava na ciência uma visão do cérebro como um conjunto de esquemas reativos, mas a evolução do pensamento científico levou a uma busca por entender como o cérebro recebe, analisa e armazena informações do ambiente, além de como ele programa, regula e verifica a atividade consciente para alcançar metas e objetivos (Luria, 1979).

Essa mudança na compreensão do comportamento humano revelou o cérebro como um órgão notável, capaz não apenas de criar modelos do futuro, mas também de direcionar o comportamento de acordo com estes modelos. Ao reconhecer a importância dos planos e intenções na moldagem do comportamento humano, Luria (1979) enfatiza a necessidade de analisar esses mecanismos de forma científica e determinística, incorporando-os ao escopo do conhecimento científico.

Luria (1981) destaca uma mudança de paradigma na compreensão do cérebro como um órgão passivo para um órgão ativo, influenciada por obras como *The Living Brain* de Grey Walter, de 1953, e *The Waking Brain* de H. Magoun, de 1958. Embora essas obras tenham reconhecido o cérebro como um sistema ativo, elas não exploraram as formas fundamentais da atividade psicológica humana concreta.

Porém, novos fatos descobertos em vários campos da ciência “*levantaram os alicerces de uma ciência do cérebro como órgão da atividade mental concreta*” (Luria, 1981, p. 04 - destaques do autor). Entre eles, o progresso na psicologia científica moderna permitiu uma abordagem analítica dos fatos relacionados à atividade humana consciente. Essa disciplina visa descrever a estrutura da atividade humana, explorando a fundo a percepção, memória, atividade intelectual, fala, movimento, ação e seu desenvolvimento durante a ontogênese. A neurologia clínica e a neurocirurgia contribuíram com uma quantidade

significativa de informações, permitindo o estudo detalhado das formas complexas de comportamento perturbadas por lesões cerebrais²⁰.

Nesse contexto, foi criada a neuropsicologia²¹, com o objetivo “específico e peculiar” de investigar o papel de sistemas cerebrais individuais em formas complexas de atividade mental. A neuropsicologia teve papel fundamental no estudo e na reabilitação de pessoas com lesões cerebrais e consequentes déficits funcionais. No entanto, para Luria (1981), para abordar a localização cerebral da atividade mental humana, foi necessário realizar um reexame dos conceitos fundamentais dos estudos sobre o cérebro à luz das descobertas orientadas pela perspectiva histórico-cultural do cérebro. A seguir, são apresentados conceitos básicos da neuropsicologia luriana conforme fundamentadas por essa corrente psicológica.

3.3.1 Conceito de função

O primeiro conceito reexaminado por Luria é o de função. O conceito clássico de “função” resultava do trabalho de pesquisadores que estudaram a localização cortical de funções elementares, atribuindo seu significado a um tecido específico. Há uma lógica aparente considerável nessa definição, destaca Luria (1981). Por exemplo, a secreção de bile é função do fígado, a secreção de insulina é função do pâncreas²², a percepção de luz depende dos elementos fotossensíveis da retina e dos neurônios especializados do córtex visual, e a geração de impulsos motores é função das células piramidais gigantes de Betz. No entanto, essa definição não se aplica a todas as funções do corpo, como a digestão e a respiração, que envolvem múltiplos processos em diferentes partes do corpo (Luria, 1981).

A função de digestão e respiração não pode ser atribuída a um único tecido. A digestão envolve o transporte de comida, processamento dos alimentos pelo suco gástrico,

²⁰ O estudo de cérebros lesionados oferece oportunidades valiosas para compreender a dinâmica normal do cérebro - bem como os processos de reabilitação - em contraste com cérebros saudáveis. Ver por exemplo: A. R. Lurii & L. S. Tsvetkova (1966). *Rehabilitative Education and its Importance for Psychology and Pedagogy*, Soviet Education, 8:5, 46-55.

²¹ “O termo ‘neuropsicologia’ foi utilizado pela primeira vez em 1913 em uma conferência proferida por Sir William Osler, nos Estados Unidos (Bruce, 1985, citado em Mäder, 1996). Apareceu ainda como um subtítulo na obra de 1949 de Donald Hebb chamada *The Organization of Behavior: A Neuropsychological Theory*.” Retirado de: Kristensen, C. H., Almeida, R. M. M. D., & Gomes, W. B. (2001). *Desenvolvimento histórico e fundamentos metodológicos da neuropsicologia cognitiva*. *Psicologia: reflexão e crítica*, 14, pp. 259-274.

²² O apelo ideológico ao uso de medicamentos para o tratamento de questões relacionadas à aprendizagem ou outros problemas sociais presentes no fenômeno da medicalização, usa a metáfora da secreção para justificar a eficácia da medicação. Para mais detalhes sobre essa discussão, consultar em Whitaker (2017).

secreções do fígado e pâncreas, contração das paredes do estômago e intestino, propulsão ao longo do trato digestivo e absorção dos componentes pelo intestino delgado. O mesmo com a função da respiração. Ela envolve o suprimento de oxigênio aos alvéolos pulmonares e sua difusão para o sangue. No entanto, para alcançar esse objetivo, é necessário um sistema muscular complexo, incluindo o diafragma e os músculos intercostais, controlado por estruturas nervosas no tronco cerebral e centros superiores (Luria, 1981).

De modo similar, Luria (1981), explica a necessidade de incorporar o modelo de um sistema funcional para a compreensão do cérebro.

É óbvio que o conjunto desse processo é levado a cabo não como uma “função” simples, mas como um sistema funcional completo, que incorpora muitos componentes pertencentes a diferentes níveis dos aparelhos secretor, motor e nervoso. Um sistema funcional (termo introduzido e desenvolvido por Anokhin, 1935; 1940; 1949; 1963; 1968a; 1972) assim concebido se distingue não apenas pela complexidade de sua estrutura, mas também pela mobilidade de suas partes constituintes. A tarefa original (restauração da homeostase perturbada) e o resultado final (o transporte de nutrientes para as paredes do intestino ou de oxigênio aos alvéolos pulmonares, seguido pela entrada dessas substâncias na corrente sanguínea) permanecem obviamente inalterados em qualquer caso (ou, como se diz às vezes, permanecem invariáveis). Entretanto, a maneira pela qual essa tarefa é desempenhada pode variar consideravelmente. Por exemplo, se o grupo principal de músculos em ação durante a respiração (o diafragma) pára de agir, os músculos intercostais são recrutados; se, entretanto, por qualquer razão, estes últimos estão prejudicados, os músculos da laringe são mobilizados e o animal, ou ser humano, passa a deglutir ar, que alcança, assim, os alvéolos pulmonares por uma via completamente diversa. A presença de uma tarefa constante (invariável), desempenhada por mecanismos diversos (variáveis), que levam o processo a um resultado constante (invariável), é um dos aspectos básicos que caracterizam a operação de qualquer “sistema funcional”. O segundo aspecto característico é a composição complexa do "sistema funcional", que sempre inclui uma série de impulsos aferentes (ajustadores) e eferentes (efetadores). (Luria, 1981, p. 13).

Em resumo, essa segunda definição de função se refere a um sistema funcional completo, que é distinta da definição de função como a função de um tecido específico. Os processos autonômicos e somáticos complexos se enquadram nesse tipo de sistema funcional, mas o conceito é especialmente apropriado para descrever as funções complexas do comportamento. Luria (1981) destaca ainda que a compreensão do cérebro como um órgão ativo permite avaliar e regular nosso comportamento, e isso só é possível através de impulsos aferentes, como no caso do movimento. A posição ativa do cérebro abre flancos de

possibilidades de reabilitação por destacar a capacidade do cérebro de realizar funções “invariáveis” por meios “variáveis” (Luria, 1981).

Luria (1981) parte do movimento como exemplo para ilustrar a complexidade da atividade humana. Mesmo os movimentos mais simples nunca são executados de um único modo; estamos constantemente corrigindo os movimentos iniciais. Isso se deve ao fato de que impulsos aferentes fornecem informações sobre a posição do membro em movimento e sobre modificações no tom muscular, permitindo a introdução de correções durante o curso do movimento. Essa estrutura complexa do processo de locomoção é fundamental para preservar a tarefa invariável, garantindo sua execução por meio de variações e obtendo um resultado consistente através desses meios dinamicamente variáveis (Luria, 1981). De modo sucinto, a autorregulação do comportamento permite atingir o mesmo resultado por meios diferentes. Essa é a concepção de que funções invariáveis podem ser realizadas por meios variáveis.²³

Luria enfatiza a presença da estrutura sistêmica em atos comportamentais simples, porém ressalta sua ainda maior relevância em formas mais complexas de atividade mental. É crucial reconhecer que os processos mentais, como percepção, memorização, habilidades cognitivas, linguagem (fala e pensamento), escrita, leitura e aritmética, não podem ser tratados como faculdades isoladas ou indivisíveis, cuja função esteja diretamente atribuída a um grupo celular limitado ou esteja localizada em uma área específica do cérebro (Luria, 1981).

Aqui, Luria (1981) sublinha o caráter histórico-cultural de sua perspectiva ao defender uma necessária revisão no conceito de localização das funções psicológicas superiores da psicologia clássica, visto que as formas fundamentais da atividade consciente humana são socialmente formadas, complexas e hierárquicas em sua estrutura, e baseadas em um sistema complexo de métodos e meios, conforme demonstrado pelo trabalho de Vygotsky e seus alunos e colegas. Portanto, a compreensão dessas formas de atividade consciente como sistemas funcionais complexos, resultantes de um longo desenvolvimento histórico, exigia uma nova perspectiva sobre a relação da localização das funções com o cérebro (Luria, 1981).

²³ Essa concepção é o cerne do conceito de reabilitação na neuropsicologia de Luria. Um exemplo prático é a intervenção com pacientes que sofrem do mal de Parkinson. Incapazes de exercer um autocontrole razoável sobre seu próprio movimento, esses pacientes, por exemplo, quando instruídos a andar em linha reta em uma sala, conseguem fazê-lo com o auxílio de símbolos e imagens no chão. Ou seja, embora a função em sua localização original - os lobos frontais - possa ter sido comprometida, ela pode ser compensada através da aprendizagem de estímulos visuais que guiam as ações motoras do corpo (Luria, 1974).

Logo, compreender o cérebro de modo concreto é compreender também a história do modo com que os sujeitos se apropriam da cultura. Ou seja, o cérebro dos seres humanos são potencialmente similares, mas não se desenvolvem todos do mesmo modo, dada a singularidade desse processo de internalização da cultura mediada pelo contexto social de desenvolvimento do sujeito.

3.3.2 Conceito de localização

Após revisar o conceito de função, Luria (1981) reexamina o conceito de localização e explica que, ao analisar a estrutura dos sistemas funcionais em geral e das funções psicológicas superiores em particular, surge uma nova compreensão contrária às ideias clássicas de localização da função mental no córtex humano. Enquanto as funções elementares de um tecido podem ser precisamente localizadas em agrupamentos celulares específicos por definição, o mesmo não ocorre com a localização de sistemas funcionais complexos em áreas restritas do cérebro ou de seu córtex.

As formas superiores dos processos mentais possuem uma estrutura complexa e se desenvolvem durante a ontogênese (Vygotsky, 2012). Inicialmente, essas formas envolvem uma série expandida de movimentos manipulativos, que gradualmente se tornam condensados e adquirem o caráter de “ações mentais” internas. Aqui, Luria (1981) se baseia em Vygotsky e Galperin. Essas formas de processos mentais são baseadas em auxílios externos, como a linguagem e o sistema de contagem digital, que são mediados culturalmente. Elas estão sempre relacionadas com o mundo exterior e perdem seu significado se consideradas separadamente. Portanto, as funções mentais não podem ser localizadas em áreas restritas do córtex ou em grupos de células isoladas, mas devem ser organizadas em sistemas de áreas que atuam em conjunto. Tais áreas podem estar localizadas em regiões diferentes e muitas vezes distantes umas das outras no cérebro (Luria, 1981).

Nesse ponto, Luria se distancia explicitamente de uma postura dos estudos de neuropsicologia conhecida como localizacionismo estreito. Segundo Pinheiro (2005), essa corrente remonta aos estudos de Franz Gall (1758-1828), o primeiro a propor a localização das faculdades psíquicas, mais especificamente 27 funções afetivas e intelectuais. Dessa noção, os estudos de neuropsicologia de teor localizacionista se concentravam na descrição de faculdades encontradas nas áreas circunscritas do cérebro: a partir do sintoma, que levava a certa perturbação no comportamento, em tese era possível localizar a região afetada.

Pinheiro (2005) explica que uma resposta fundamental à corrente localizacionista foi dada por Marie-Jean-Pierre Flourens (1794-1867), que afirmava que o cérebro funcionava como um todo integrado. Essa posição crítica ao localizacionismo repercutiu no século XX na noção de plasticidade neuronal, isto é, da capacidade de outras partes do cérebro assumirem funções da parte lesionada. Essa posição ficou conhecida na neuropsicologia como holismo.

Ao afirmar a localização dinâmica das funções psíquicas, unidades funcionais formadas por zonas corticais organizadas hierarquicamente (Pinheiro, 2005), Luria (1981) representou para a neuropsicologia moderna uma revisão crítica tanto do localizacionismo estreito quanto do holismo. Segundo Luria (1979), os avanços do localizacionismo estão relacionados com seu enfoque materialista sobre os processos psíquicos. Porém, os limites são sobremaneira teóricos, pois se trata de uma corrente que reduz os processos complexos, como a fala, a escrita e a leitura, a áreas limitadas do córtex. Já o holismo avança na consideração de que os processos psíquicos são função de todo o cérebro, e não de porções restritas. No entanto, segundo o autor, já à época haviam pesquisas histológicas que mostravam o cérebro como um “aparelho bastante diversificado”, com diferentes níveis de especialização de suas partes componentes. Ou seja, a participação de “todo” o cérebro nos processos psíquicos, é também dinâmica. “A saída para essa crise estava relacionada com a revisão radical do conceito de ‘funções psíquicas’ e com a mudança radical dos principais enfoques dos princípios da ‘localização’ cerebral dessas ‘funções’” (Luria, 1979, p. 89).

Luria (1981) aborda a construção do cérebro humano, destacando que sua formação funcional é fundamentada em bases orgânicas. No entanto, essa constituição não é estática e modifica-se a partir dos mecanismos externos que produzem e impulsionam o desenvolvimento. Nesse contexto de influências externas, que envolvem tanto avanços quanto retrocessos no desenvolvimento, surge o elemento do drama. O drama é apresentado como um aspecto dinâmico e contraditório dessa construção cerebral, inserindo-se no contexto das apropriações que possibilitam o desenvolvimento de novas formações cerebrais.

Luria (1981) oferece dois exemplos que distinguem o funcionamento do cérebro humano - e suas formas superiores de atividade consciente - das formas psicológicas elementares dos cérebros dos animais. O primeiro é o uso de instrumentos e signos, como dispositivos externos que utilizamos, como nós em um lenço para nos lembrarmos de algo importante, combinações de letras escritas para não esquecermos de uma ideia ou uma tabuada de multiplicação para operações aritméticas. Esses suportes externos desempenham

um papel essencial na criação de conexões funcionais entre diferentes partes do cérebro, transformando-as em componentes de um sistema funcional unificado.

Essas medidas historicamente desenvolvidas para a organização do comportamento humano estabelecem novas conexões na atividade cerebral, o que diferencia a organização funcional do cérebro humano em relação ao cérebro animal. Esse princípio de construção de sistemas funcionais do cérebro humano, denominado por Vygotsky como “princípio da organização extracortical das funções mentais complexas” (Luria, 1981, p. 16), enfatiza que todos os tipos de atividade consciente humana são sempre formados com o auxílio de instrumentos externos.

A segunda característica distintiva da “localização” dos processos mentais superiores no córtex humano é a sua natureza dinâmica e mutável ao longo do desenvolvimento da criança e nos estágios subsequentes de treinamento e autorregulação. Inicialmente, a atividade consciente requer uma expansão e depende de vários auxílios externos para sua execução, e somente mais tarde se torna condensada e convertida em uma habilidade motora automática. Por exemplo, no estágio inicial de aprendizado da escrita, é necessário memorizar a forma gráfica de cada letra e executar impulsos motores isolados para cada elemento da estrutura gráfica (Luria, 1981).

Com a prática, essa estrutura é radicalmente alterada e a escrita se torna uma “melodia cinética” única (Luria, 1981), não exigindo mais a memorização visual de cada letra individual ou impulsos motores individuais para cada traço. O mesmo ocorre com outros processos psicológicos superiores, nos quais a automação e a unificação do desempenho ocorrem ao longo do desenvolvimento.

No decorrer desse desenvolvimento, ocorrem não apenas alterações na estrutura funcional do processo, mas também mudanças na organização cerebral. A participação das áreas corticais auditivas e visuais, que é essencial nos estágios iniciais da formação da atividade, torna-se desnecessária nos estágios mais avançados. A atividade passa a depender de um sistema distinto de áreas corticais que operam em conjunto (Luria, 1981). Portanto, não se trata apenas de uma alteração na estrutura dos processos mentais, mas sim da sua inter-relação, conforme definido por Vygotsky como a “organização interfuncional” das funções psicológicas superiores.

Um outro exemplo interessante dado por Luria (1981) é a mudança da memória ao longo da ontogênese. Por exemplo, a criança pequena pensa em termos de formas visuais de percepção e memória, ou, em outras palavras, ela pensa por meio da recordação. Em estágios

ulteriores de adolescência ou na vida adulta, o pensamento abstrato com a ajuda das funções de abstração e generalização é tão altamente desenvolvido que mesmo processos relativamente simples como percepção e memória são convertidos em formas complexas de análise e síntese lógicas, e a pessoa na verdade começa a perceber ou recordar por meio da reflexão (Luria, 1981).

Portanto, durante o desenvolvimento, as relações entre os processos psicológicos fundamentais e as áreas corticais no cérebro sofrem mudanças significativas. Em crianças, lesões em áreas corticais responsáveis por atividades mentais simples têm um efeito sistêmico, afetando o desenvolvimento de estruturas superiores relacionadas. Em adultos, onde essas estruturas complexas já estão formadas, lesões em áreas “inferiores” têm menos impacto, enquanto lesões e áreas “superiores” causam a desintegração de funções elementares que dependem dessas áreas. Essa concepção é a teoria da “localização dinâmica” das funções mentais superiores, proposta por Vygotsky, a qual destaca a importância do desenvolvimento e inter-relação das áreas corticais no cérebro ao longo do tempo (Luria, 1981).

Portanto, foi imperativo para Luria (1981) reexaminar as concepções clássicas sobre a localização dos processos psicológicos superiores no córtex cerebral. Em vez de uma abordagem que simplesmente atribui esses processos a áreas específicas do cérebro, a tarefa fundamental consiste em identificar, por meio de uma análise minuciosa, quais regiões cerebrais operam de forma conjunta para executar atividades mentais complexas. É justamente nesse contexto que sua abordagem científica se direciona, uma vez que não se limita apenas a mapear e quantificar lesões e funções comprometidas ou hiperfuncionais em seus pacientes. O foco reside na compreensão do impacto dessas condições por meio das mediações externas, considerando tanto as dificuldades enfrentadas quanto os meios de superação adotados (Luria, 2015).

Além disso, é importante compreender como a relação entre essas partes do cérebro que trabalham em conjunto se modifica nos diferentes estágios do desenvolvimento. Em suma, a abordagem sistemática dos processos psicológicos superiores requer uma análise das zonas cerebrais envolvidas e de como elas se relacionam ao efetuar atividades mentais complexas, considerando também as mudanças durante o desenvolvimento. Ou seja, antes de tentar determinar a base cerebral de um processo mental específico, é necessário fazer um estudo cuidadoso da estrutura desse processo psicológico em questão e identificar os componentes que podem ser classificados como sistemas definidos do cérebro (Luria, 1981).

Esclarecendo a estrutura funcional precisa dos processos psicológicos, identificando seus componentes e analisando sua posição entre os sistemas cerebrais, cria-se uma possível solução para o “antigo problema da localização” dos processos mentais no córtex cerebral (Luria, 1981). Os processos psicológicos são agora entendidos a partir da neuropsicologia luriana como organizados em sistemas ou unidades funcionais, com centros que constituem o cérebro humano e possibilitam as formas complexas de atividade mental.

3.3.3 Unidades funcionais

Como já mencionado anteriormente, de acordo com Luria (1981) existem três principais unidades cerebrais funcionais que são necessárias para qualquer tipo de atividade mental. São elas: a unidade responsável por regular o estado de sono e vigília; a unidade responsável por receber, processar e armazenar informações do mundo exterior; e a unidade responsável por programar, regular e monitorar a atividade mental. Os processos mentais, em geral, e a atividade consciente, em particular, sempre ocorrem com a participação dessas três unidades, cada uma delas desempenhando seu papel e contribuindo para o desempenho desses processos (Luria, 1981).

Além disso, cada uma dessas unidades básicas possui uma estrutura hierárquica própria, consistindo em pelo menos três zonas corticais sobrepostas, formadas por conjuntos de neurônios com papéis específicos (Luria, 1979). As áreas primárias (de projeção) que recebem ou enviam impulsos da periferia ao centro. As áreas secundárias (de projeção-associação) são onde as informações são processadas ou os programas são preparados. Por fim, as áreas terciárias (zonas de superposição) constituem os últimos sistemas dos hemisférios cerebrais a se desenvolverem e são responsáveis, no ser humano, pelas formas mais complexas de atividade mental que exigem a participação coordenada de muitas áreas corticais (Luria, 1981).

De modo sucinto, retomamos a estrutura e as propriedades funcionais de cada unidade a seguir. A primeira unidade funcional responsável por regular o estado de vigília é essencial para que os processos mentais humanos ocorram adequadamente. Durante a vigília, o indivíduo é capaz de receber e analisar informações, ativar sistemas seletivos de conexões, programar atividades mentais, verificar e corrigir erros, e manter a atividade mental em um curso apropriado (Luria, 1981). No entanto, é bem conhecido que tais processos de regulação mental são impossíveis durante o sono. Durante o sono, as reminiscências e associações que

surgem são desorganizadas, e a atividade mental direcionada de forma adequada não é possível.

Foi apenas no século XX que foi descoberto que as estruturas que regulam o estado de sono-vigília não estão localizadas no próprio córtex, mas sim abaixo dele, no subcórtex e no tronco cerebral. Além disso, observou-se que essas estruturas têm uma relação bidirecional com o córtex: influenciam o relaxamento cortical e são influenciadas por ele. Em 1949, Magoun e Moruzzi identificaram uma formação nervosa especializada no tronco cerebral, conhecida como formação reticular, que desempenha um papel essencial na regulação do estado de vigília do córtex cerebral (Luria, 1981).

De acordo com Luria (1981), a formação reticular influencia o córtex tanto quanto é influenciada por ele. Isso é possível devido a um conjunto de fibras que a constituem e se organizam em duas partes principais da formação reticular: o sistema reticular ascendente e o sistema reticular descendente. O sistema reticular ascendente é composto por fibras que correm rostralmente (em direção à frente) e terminam em estruturas nervosas superiores, como o tálamo, núcleo caudado, arquicórtex e neocórtex. Esse sistema desempenha um papel central na ativação do córtex cerebral e na regulação do seu estado de atividade. Por outro lado, o sistema reticular descendente é composto por fibras que correm no sentido oposto, começando em estruturas nervosas superiores, como o neocórtex, arquicórtex, núcleo caudado e núcleos talâmicos, e dirigindo-se a estruturas mais baixas no mesencéfalo, hipotálamo e tronco cerebral (Luria, 1981).

Essas fibras subordinam as estruturas inferiores ao controle exercido por programas que surgem no córtex cerebral e que exigem modulação e modificação do estado de vigília para sua execução. Essas duas partes da formação reticular, o sistema reticular ascendente e o sistema reticular descendente, formam um único sistema funcional verticalmente organizado. Esse sistema funciona como um “anel reflexo” auto-regulador capaz de alterar o estado de atividade do córtex cerebral (Luria, 1981).

No entanto, ele próprio também é influenciado pelo córtex cerebral, sendo regulado e modificado por mudanças que ocorrem nessa região. Além disso, o sistema reticular responde prontamente às condições ambientais e ao curso da atividade, adaptando-se de acordo com esses fatores. Luria (1981) destaca que a descoberta da formação reticular introduziu o princípio da organização vertical de todas as estruturas do cérebro. Isso marcou o fim de um período em que a atenção dos cientistas estava voltada exclusivamente para o córtex cerebral, considerado capaz de operar de forma independente das estruturas inferiores.

Observa-se que o sistema reticular desempenha um papel fundamental no controle dos neurotransmissores. Uma parte significativa dos medicamentos psicotrópicos concentra-se na modulação desses neurotransmissores, como é o caso da dopamina, entre outros. No entanto, a abordagem biomédica tende a limitar-se à formulação de hipóteses que associam certas condições de adoecimento a variações nos níveis de neurotransmissores (Whitaker, 2017). Isso frequentemente resulta em diagnóstico e prescrição de medicamentos, sem uma exploração profunda das origens dessas alterações ou dos eventos que desencadearam essas mudanças em determinados momentos da vida da pessoa.

Além disso, a abordagem biomédica tende a negligenciar a análise da gênese dessas condições ou a investigação das circunstâncias que contribuíram para essas mudanças bioquímicas, se de fato existirem e forem comprovadas (Whitaker, 2017). Nesse contexto, o drama humano e as complexas contradições da vida muitas vezes são marginalizados. O enfoque biomédico não costuma se aprofundar na análise das situações de vida, nas experiências pessoais e nas emoções que podem ter levado a essas transformações neurológicas.

Em suma, a descrição da formação reticular revela a primeira unidade funcional do cérebro, um sistema responsável pela manutenção do tom cortical e do estado de vigília, além de regular esses estados de acordo com as demandas reais enfrentadas pelo organismo. Essa descoberta mostra que o cérebro é composto por diferentes estruturas interconectadas e que a regulação do estado de vigília é essencial para o funcionamento adequado do organismo (Luria, 1981).

A segunda unidade funcional tem como função primária a recepção, análise e armazenamento de informações (Luria, 1981). Esta unidade é composta por neurônios isolados que operam de acordo com o princípio do “tudo-ou-nada”, recebendo impulsos individuais e transmitindo-os a outros grupos de neurônios. Esses sistemas são adaptados para receber estímulos dos receptores periféricos, analisá-los em elementos componentes menores e combiná-los em estruturas funcionais dinâmicas (Luria, 1981).

Cada parte desta unidade possui especificidade modal, ou seja, é estruturada para realizar funções de maneira muito específica. É adaptada para receber informações visuais, auditivas, vestibulares, sensoriais gerais e também gustativas e olfativas, embora estas últimas sejam menos representadas no córtex humano devido à predominância dos sistemas exteroceptivos superiores (Luria, 1981).

As áreas primárias e secundárias do córtex cerebral desempenham papéis fundamentais no processamento de estímulos visuais. A segunda unidade básica é formada pelas áreas primárias, compostas por neurônios altamente especializados. Esses neurônios exibem uma notável especificidade, respondendo a propriedades visuais específicas, como cores, linhas e direção de movimento (Luria, 1981; Kruszielski, s/d). Neurônios altamente diferenciados mantêm sua especificidade modal estrita, ou seja, sua especialização, e não mudam sua função para processar outros tipos de informações sensoriais. Porém as informações processadas para as áreas primárias são transmitidas para áreas responsáveis pela interpretação do que foi recebido.

Nessa unidade, encontram-se três áreas ou zonas corticais denominadas primárias, secundárias e terciárias. As regiões primárias são as zonas de projeção, especializadas em receber os estímulos e as informações do mundo externo. As áreas secundárias iniciam o processamento da informação recebida, sendo conhecidas como "áreas gnósticas" (Luria, 1981) Além dos neurônios altamente especializados, existem também células multimodais nas zonas primárias do córtex, capazes de responder a diferentes tipos de estímulos. Essas células desempenham um papel importante na integração de informações sensoriais provenientes de diferentes modalidades (Luria, 1981).

Em síntese, o segundo sistema funcional do córtex cerebral é responsável por receber, codificar e armazenar informações. Ele está localizado nas áreas posteriores dos hemisférios cerebrais e envolve regiões visuais (occipitais), auditivas (temporais) e sensoriais gerais (parietais) do córtex. A organização desse sistema é hierárquica, com áreas primárias que recebem as informações e as analisam em seus componentes elementares. Em seguida, há áreas secundárias que codificam esses elementos e convertem projeções somatotópicas em organização funcional. As zonas terciárias, por sua vez, são responsáveis pelo funcionamento coordenado dos vários analisadores e pela produção de esquemas supramodais, que são a base para formas complexas de atividade cognitiva (Luria, 1981).

Explicadas as zonas corticais e sua integração, Luria (1979; 1981) destaca três leis de seu funcionamento: a da estrutura hierárquica, a da especificidade modal decrescente e a da lateralização funcional crescente. A primeira lei descreve a interdependência e complexificação progressiva das zonas corticais, onde o desenvolvimento adequado das zonas inferiores é crucial para as superiores, tanto em crianças quanto em adultos. A segunda lei enfoca a especialização modal decrescente das áreas corticais, indicando que as secundárias e terciárias, embora menos específicas, desempenham funções mais complexas e

integrativas. A terceira lei aborda a progressiva lateralização das funções, destacando o domínio do hemisfério esquerdo em atividades linguísticas e lógicas (Luria, 1981).

Essas leis são cruciais para entender a organização funcional do córtex cerebral, com as áreas primárias responsáveis pela análise de informações simples, as secundárias pela codificação e síntese, e as terciárias pela coordenação e produção de esquemas supramodais. Esses princípios são essenciais para a compreensão dos processos cognitivos complexos e têm aplicações clínicas significativas, como na determinação da dominância hemisférica para planejar intervenções neuropsicológicas. (Luria, 1981).

Luria (1981) explica que os seres humanos não apenas reagem a informações como organizam seu próprio comportamento, mas elaboram programas de ação, regulam a execução desses programas e verificam sua efetividade. Esse conjunto de habilidades está vinculado à terceira unidade funcional (Luria, 1981) e se diferencia de todos os outros porque dá a base para que o homem execute e avalie a execução da atividade.

O homem não somente reage passivamente a informações que chegam a ele, como também cria intenções, forma planos e programas para as suas ações, inspeciona a sua realização e regula o seu comportamento de modo a que ele se conforme a esses planos e programas; finalmente, o homem verifica a sua atividade consciente, comparando os efeitos de suas ações com as intenções originais e corrigindo quaisquer erros que ele tenha cometido (Luria, 1981, p. 60).

As estruturas da terceira unidade funcional estão localizadas nas regiões anteriores dos hemisférios, ou seja, no córtex pré-frontal e frontal, as últimas regiões a se desenvolverem no cérebro dos seres humanos. Luria (1981) dá uma descrição bastante detalhada de estruturas de ligação com as saídas motoras e seu fluxo, através de estruturas como grande trato piramidal e sistema extra piramidal, os quais não abordaremos aqui. Mas vale destacar o principal papel dessas células piramidais de “gerar impulsos que devem tornar-se cada vez mais controlados” (Luria, 1981, p. 61).

Mas as áreas mais complexas responsáveis pela organização do comportamento não estão no giro central, mas nas áreas secundárias e terciárias superpostas, isto é, nas regiões pré-frontais e frontais. Essas áreas se organizam através das mesmas leis mencionadas na segunda unidade funcional - organização hierárquica e especificidade decrescente - com a diferença fundamental, mencionada neste trabalho no exemplos do desenvolvimento da leitura, que a rota é invertida em relação às regiões “inferiores” do cérebro:

[...] no segundo sistema, aferente, do cérebro, os processos vão das zonas primárias para as secundárias e terciárias, no terceiro sistema, eferente, eles seguem em uma direção descendente, começando nos níveis mais altos das zonas terciárias e secundárias, onde os planos e programas motores são formados, e passando então às estruturas da área motora primária, que envia os impulsos motores preparados à periferia (Luria, 1981, p. 63).

Fica evidente a diferença decisiva para a humanização do comportamento que é exercida pelos lobos frontais. A região pré-frontal do cérebro possui um sistema complexo de conexões com outras partes do cérebro, tanto em níveis inferiores como em várias regiões do córtex. Essas conexões bidirecionais permitem que as divisões pré-frontais recebam e sintetizem impulsos provenientes de todo o cérebro, além de regular essas estruturas (Luria, 1981).

Os lobos frontais, especialmente suas porções mediais e basais, também se conectam com a formação reticular, influenciando seu funcionamento. Essa influência moduladora pode ter efeitos inibitórios, ativadores e reguladores sobre a formação reticular, contribuindo para a conformação de padrões dinâmicos de comportamento formados no córtex frontal (Luria, 1981). Estudos eletrofisiológicos confirmaram a presença dessas influências inibitórias e ativadoras do córtex frontal sobre estruturas inferiores, evidenciando a importância dos lobos frontais na regulação do comportamento.

Em resumo, a neuropsicologia estabeleceu que as regiões pré-frontais do córtex cerebral estão altamente conectadas com várias outras áreas do cérebro e desempenham uma função de regulação geral do comportamento. Essas regiões são como uma superestrutura que se destaca das partes posteriores do córtex, tendo uma influência mais abrangente do que o centro associativo posterior ou as áreas terciárias da segunda unidade funcional (Luria, 1981).

Uma outra atribuição importante dos lobos frontais, além da organização do comportamento, está o planejamento do comportamento futuro e a verificação da execução desse comportamento. De modo que os “lobos frontais não desempenham apenas a função de síntese de estímulos externos, de preparação para a ação e de formação de programas, mas também a de levar em conta o efeito da ação levada a cabo e de verificar que ela tenha tomado o curso adequado” (Luria, 1981, p. 72).

Os lobos frontais humanos são altamente desenvolvidos e desempenham um papel crucial na programação, regulação e verificação da atividade consciente. A regulação da atividade consciente humana é diferenciada pela participação íntima da fala, o que a distingue

da regulação de processos orgânicos e comportamentos simples. Aqui Luria (1981) se refere a um conjunto de trabalhos de Vygotsky, Leontiev, Zaporozhets e Galperin. Assim, assevera que embora a experimentação em humanos seja limitada em comparação com animais, àquela época já havia informações significativas sobre o papel do córtex pré-frontal na regulação dos processos mentais humanos.

Luria destaca que a atividade de fala desempenha um papel fundamental nos estágios iniciais de desenvolvimento e se contrai à medida que os processos mentais superiores se formam. Daí a tarefa de se buscar a ação programadora, reguladora e verificadora do cérebro humano na atividade consciente que envolve a participação da fala. Um instigante exemplo dado por Luria (1981) é a atuação dos lobos frontais na criação de todo ato de expectativa.

Ele explica que os lobos frontais estão intimamente envolvidos na regulação das expectativas no ser humano e que a expectativa de um evento específico evoca potenciais lentos característicos no córtex cerebral humano. Esses potenciais lentos são sinais elétricos que ocorrem no cérebro e têm sua amplitude aumentada à medida que a probabilidade de o estímulo esperado se materializar aumenta (Luria, 1981).

Por outro lado, a amplitude diminui quando a probabilidade diminui. Além disso, esses potenciais lentos desaparecem assim que a tarefa de aguardar o estímulo é interrompida. Esses resultados indicam que os lobos frontais, uma região do cérebro associada a funções executivas e controle cognitivo, desempenham um papel fundamental na criação e modulação das expectativas. Eles são responsáveis por regular as respostas neurais diante da expectativa de eventos futuros, ajustando a amplitude dos potenciais lentos de acordo com a probabilidade percebida desses eventos ocorrerem (Luria, 1981).

Esses sinais elétricos foram descritos por Gray Walter e ajudaram a entender a relação entre os lobos frontais e a criação de expectativas, o que também demonstra como essa região do cérebro desempenha um papel crucial na forma como interpretamos o mundo ao nosso redor. Eles nos permitem antecipar eventos e ajustar nossas respostas com base nas probabilidades percebidas, desempenhando um papel importante em processos cognitivos complexos, como planejamento, tomada de decisões e comportamento adaptativo (Luria, 1981).

Antes de concluir a exposição sobre os sistemas funcionais, Luria (1981) enfatiza a necessidade de compreender a interação entre as três unidades funcionais do cérebro, em vez de considerá-las isoladamente. Cada forma de atividade consciente é um sistema funcional complexo que envolve essas três unidades cerebrais. Os pontos de vista modernos sobre os processos mentais adotam um modelo de anel reflexo, onde cada componente tem elementos

aférentes e efeitores, resultando em uma atividade mental ativa e complexa. A percepção e os movimentos voluntários dependem da interação dessas unidades funcionais, com a primeira fornecendo o tom cortical, a segunda realizando a análise e síntese das informações sensoriais, e a terceira controlando os movimentos e ações. A complexa estrutura da percepção explica por que ela pode ser afetada por lesões em diferentes sistemas cerebrais, e o mesmo princípio se aplica aos movimentos voluntários.

Com a síntese a respeito dos sistemas funcionais cerebrais e o destaque que Lúria (1981) faz em considerar a inter-relação dos mesmos na atividade consciente, a própria investigação sobre o funcionamento e a desintegração de funções psíquicas tem abordagem modificada.

3.3.4 “Análise sindrômica” do sintoma

Em relação à revisão do conceito de sintoma, Lúria (1981) retoma as investigações clássicas sobre a localização das funções mentais no córtex partiram da suposição simplificada de que a destruição de uma determinada área do cérebro resulta em um distúrbio específico de uma função mental correspondente. Por exemplo, distúrbios em funções mais “simples” como de sensibilidade em geral indicam lesões no giro pós-central ou em seus tratos, assim como a perda parcial do campo visual indica lesões na retina, tratos ópticos ou córtex visual. Ou seja, distúrbios de casos mais “simples” tendem a ter uma correlação direta com seu substrato material cerebral. No entanto, essa abordagem simplista foi reconsiderada diante de evidências que mostram a complexidade da atividade mental superior.

Quando se trata de distúrbios em processos mentais superiores, a situação é diferente. Uma vez que a atividade mental é um sistema funcional complexo, envolvendo várias áreas do córtex operando em conjunto, uma lesão em qualquer uma dessas áreas pode resultar na desintegração de todo o sistema funcional. Portanto, um sintoma ou perda de uma função específica não fornece informações sobre sua localização precisa²⁴ (Lúria, 1981).

²⁴ Lúria frequentemente utiliza a metáfora de uma orquestra musical para ilustrar o funcionamento do cérebro. Essa analogia é especialmente relevante, pois não apenas reflete a complexidade da interação entre os elementos envolvidos, mas também destaca como eles podem se recuar ou inibir quando não é apropriado para agir. Essa comparação é interessante por capturar a dinamicidade e a harmonia necessárias para o funcionamento integrado e preciso do cérebro em suas diversas atividades. Outra imagem sugestiva da distribuição das “localizações dinâmicas dos sistemas funcionais no córtex cerebral”, conforme descrito por Lúria em *Afasia Traumática*, como uma constelação ou mosaico de zonas inter-relacionadas (Lúria, 2011).

Portanto, se a função depende do sistema para ser executada, isso implica que sua localização é dependente de todo o sistema em algum nível, e não de uma área definida, limitadamente circunscrita. Em resumo, reconhecer o sintoma como perda de uma função e identificar a estrutura correspondente à atividade mental requer um processo complexo, com a análise minuciosa da estrutura do distúrbio sendo a etapa mais crucial. Essa análise deve investigar as causas imediatas do colapso do sistema funcional, o que significa descrever detalhadamente os sintomas observados.

Luria (1981) utiliza o exemplo da apraxia, um sintoma comum em casos de lesões cerebrais localizadas, em que o paciente é incapaz de manipular objetos de maneiras específicas. Tradicionalmente, a neurologia clássica associava a lesão a regiões específicas do cérebro, como a região parietal inferior, considerada o "centro da praxia complexa", ou áreas do córtex anteriores a essa região, no caso de dificuldades na execução de esquemas de movimento (Luria, 1981).

A neuropsicologia contemporânea à Luria (1981) complexificou a explicação sobre o movimento. Ele argumenta que o movimento é um sistema funcional mais elaborado, que requer várias condições para ser executado corretamente. Primeiramente, a cinestesia aferente é crucial, pois fornece informações sobre a tensão muscular e a posição das articulações. A ausência desses impulsos pode levar à apraxia cinestésica, onde os pacientes têm dificuldade em posicionar a mão para ações específicas.

Além disso, um sistema de coordenadas espaciais é necessário para localizar o movimento no espaço. Lesões nas regiões parieto-occipitais podem resultar em dificuldades para arrumar objetos ou atingir alvos com precisão. Por fim, a realização de uma tarefa motora específica é essencial. Luria (1981) destaca o papel dos lobos frontais na formação de intenções complexas, mediadas pela fala. Lesões nessa região podem resultar em movimentos repetitivos ou estereotipados. Em resumo, o autor demonstra que a execução de movimentos complexos depende da interação entre diferentes regiões corticais e estruturas subcorticais do cérebro. Lesões em diferentes áreas podem levar a distúrbios específicos, enfatizando a importância da análise estrutural para entender a organização cerebral do movimento.

Com o exemplo do movimento, Luria (1981) ilustra a complexidade do sistema funcional que envolve várias condições e fatores dependentes da interação entre diferentes regiões corticais e estruturas subcorticais. Cada uma dessas áreas contribui de forma única para a realização do movimento. Lesões em diferentes áreas corticais ou estruturas subcorticais podem afetar a manipulação complexa de objetos, porém, esses distúrbios

variam em cada caso e têm estruturas diferentes. Dessa forma, o objetivo principal do pesquisador é estudar a estrutura dos defeitos observados e qualificar os sintomas. Somente ao identificar o fator básico por trás do sintoma observado é possível concluir a localização do foco responsável pelo defeito. No entanto, é importante ressaltar que a noção de “localização de um foco” não coincide com a de “localização de uma função” (Luria, 1981).

Antes de nos concentrarmos nas lesões para compreender a organização cerebral de um sistema funcional, é necessário realizar uma “análise estrutural complexa da síndrome”, que é a base da avaliação neuropsicológica luriana. Esta análise não se restringe à funcionalidade isolada dos processos psicológicos, mas sim volta-se ao “complexo completo de sintomas” (Luria, 1981, p. 23). Luria ressalta que, por ser um sistema funcional, isso implica na possibilidade de lesões em certas áreas cerebrais afetarem o sistema como um todo. Lesões em um grande número de áreas podem prejudicar o sistema de forma abrangente, enquanto lesões em locais diferentes podem perturbá-lo de maneiras distintas (Luria, 1981). Dessa forma, cada área do cérebro produz seu “próprio fator particular” (Luria, 1981, p. 23), e a remoção desse fator impossibilita o funcionamento normal do sistema.

Desse modo, o neuropsicólogo que se depara com esses problemas precisa, em primeiro lugar, identificar os fatores envolvidos na atividade mental específica e determinar quais estruturas cerebrais estão envolvidas nesse processo neuronal. Esses dois desafios só podem ser resolvidos por meio da comparação de todos os sintomas que surgem em lesões estritamente localizadas no córtex (ou em estruturas subcorticais) e por uma análise detalhada da natureza do distúrbio desse sistema causado por lesões cerebrais em diferentes locais. (Luria, 1981).

Luria (1981) comenta que descobertas neuropsicológicas cuidadosas na época demonstram que todo foco patológico localizado no córtex cerebral perturba alguns processos psicológicos enquanto deixa outros intactos, o “princípio da dupla dissociação funcional”, (p. 24). Por exemplo, um foco local na região parieto-occipital (ou parietal inferior) do hemisfério esquerdo, afetando a organização espacial da percepção e do movimento, também resulta em outros sintomas. Esses pacientes geralmente têm dificuldade em interpretar a posição dos ponteiros de um relógio ou localizar-se em um mapa, não conseguem resolver problemas aritméticos simples e ficam confusos ao realizar operações de subtração de dois dígitos que envolvam “emprestar” algarismos da coluna das dezenas. Além disso, apresentam dificuldades no entendimento de estruturas gramaticais que envolvem relações lógicas mais

complexas, enquanto a compreensão de estruturas gramaticais mais simples permanece intacta. (Luria, 1981).

Entretanto, esses pacientes geralmente não desenvolvem distúrbios de processos como a fala fluente, compreensão ou execução de melodias musicais²⁵. Em suma, o primeiro grupo de processos mencionados contém um fator “espacial” que não está presente no segundo grupo de processos. Isso significa que o segundo grupo de processos permanece intacto em uma lesão parieto-occipital do córtex, enquanto lesões locais do córtex temporal (auditivo) têm o efeito oposto (Luria, 1981).

Essas observações destacam a importância de uma análise neuropsicológica cuidadosa da síndrome e das chamadas "dupla dissociação" observadas em lesões cerebrais localizadas. Essa abordagem pode fornecer uma contribuição significativa para a análise estrutural dos processos psicológicos, identificando os fatores envolvidos em um grupo de processos mentais, mas não em outros (Luria, 1981).

Essa abordagem é especialmente útil para resolver o problema da composição interna dos processos psicológicos, que não pode ser solucionado apenas por meio de investigações psicológicas convencionais. Isso ocorre porque, dessa forma, processos psicológicos aparentemente idênticos podem ser diferenciados e formas aparentemente diversas de atividade mental podem ser conciliadas (Luria, 1981).

Outro exemplo fornecido pelo autor é o da comparação entre ouvir música e ouvir material falado que podem parecer duas versões de um mesmo processo psicológico. Entretanto, observações em pacientes portadores de lesões cerebrais locais mostram que a destruição de certas partes da região temporal esquerda leva a um distúrbio pronunciado da escuta da fala (a discriminação entre sons semelhantes da fala é completamente impossível), estando a escuta de música não comprometida (Luria, 1981).

No relato de um dos casos de Luria há a descrição de um compositor famoso que, após uma hemorragia na região temporal esquerda, era incapaz de diferenciar sons da fala ou de compreender palavras ditas a ele, e, não obstante, continuava a compor brilhantes trabalhos musicais²⁶. Isto significa que processos mentais aparentemente semelhantes, tais

²⁵ Em *O Último Hippie*, Oliver Sacks (2006) relata o caso de um paciente chamado Greg F., diagnosticado com uma forma rara de amnésia causada por um tumor cerebral. As memórias pessoais de Greg F. estão restritas ao período em que era hippie nos anos 1960. Sacks explora os desafios e peculiaridades dessa condição, evidenciando como Greg F. vive em um estado de eterna juventude mental, imerso em suas memórias do passado. Essa história foi adaptada para o cinema no filme *The Music Never Stopped* (A Música Nunca Parou), lançado em 2011.

²⁶ Ver: Luria, Tsvetkova e Futer, 1965 Luria, A. R., Tsvetkova, L. S., & Futer, D. S. (1965). Aphasia in a composer. *Journal of the neurological sciences*, 2(3), 288-292.

como ouvir música e ouvir material falado, não apenas incorporam fatores diferentes, mas também dependem do funcionamento de áreas bastante diversas do cérebro. Entre muitos outros exemplos, isso implica que todas essas diversas funções aparentes incluem um elemento em comum, permitindo assim a exploração mais detalhada da estrutura dos processos mentais (Luria, 1981).

Em resumo, a análise sindrômica pode revelar ao neuropsicólogo *insights* significativos sobre a organização cerebral dos processos mentais e proporciona uma compreensão substancial da estrutura interna desses processos. De acordo com Luria (1981), até então, a psicologia não havia conseguido realizar essa tarefa. O fato de que toda atividade mental complexa é um sistema funcional suscetível a perturbações em diferentes componentes e pode ser comprometida por lesões cerebrais em várias situações significa que podemos nos aproximar mais da descrição de seus fatores constituintes²⁷ e, assim, descobrir novas formas de análise neurofisiológica da estrutura interna dos processos mentais (Luria, 1981).

Por fim, Luria (1981) faz o alerta de que o método da análise sindrômica só é viável se evitarmos a busca pela localização direta dos processos mentais no córtex cerebral. Em vez disso, devemos analisar como a atividade mental é alterada em diferentes lesões cerebrais locais e quais fatores são introduzidos na estrutura de formas complexas de atividade mental por cada sistema cerebral.

Essa tarefa fundamental estabelece a direção geral da neuropsicologia, que é a ciência da organização cerebral dos processos mentais humanos. Até aqui retomamos as explicações de Luria (1979;1981) sobre como sistemas funcionais são complexos que não estão localizados em áreas específicas e restritas do cérebro, mas ocorrem por meio da participação de grupos de estruturas cerebrais que operam em conjunto.

Descrevemos resumidamente conceitos centrais da teoria do sistema funcional do cérebro de Luria a partir de seus fundamentos de neuropsicologia, de modo a apresentar um quadro geral do “cérebro humanizado” a partir dos pressupostos histórico-culturais da organização e funcionamento da atividade consciente. O objetivo foi sintetizar a perspectiva do cérebro como órgão da atividade concreta, a qual a nosso ver dá originalidade à perspectiva do autor, tanto em relação à psicologia concreta de Politzer quanto à tradição da

²⁷ O detalhamento desse processo escapa aos objetivos desta pesquisa, no entanto, Luria (1981) dedica a segunda parte de *Fundamentos da Neuropsicologia* à descrição dos sistemas cerebrais locais e sua análise funcional. São analisadas as regiões temporais e a organização da percepção auditiva, as regiões parietais e a organização das sínteses simultâneas, as zonas sensitivas motoras e pré-motoras e a organização do movimento e os lobos frontais e a regulação da atividade mental. Recomendamos a leitura, para maior aprofundamento do tema.

ciência romântica. A seguir, abordamos o significado de ciência romântica para Luria e suas repercussões em seus romances neurológicos.

CAPÍTULO 4. O CONCEITO DE CIÊNCIA ROMÂNTICA DE LURIA

“Ele pensava dentro de outras cabeças; e na sua, outros, além dele, pensavam. Este é o verdadeiro pensamento.”

(Bertolt Brecht)

Este capítulo tem como objetivo discutir a ciência romântica na perspectiva de Luria. Buscamos caracterizar o modo peculiar como o autor - um psicólogo e neuropsicólogo marxista, com orientação dialética materialista - se apropria da tradição da ciência romântica, examinando suas definições, princípios, valores e implicações metodológicas em relação ao estudo do psiquismo humano e à construção do texto psicológico. Veremos mais adiante como os romances neurológicos expressam essa tendência romântica na perspectiva clínica com as histórias de Shereshevsky e de Zazetsky, que foram acompanhados por Luria durante muitos anos.

Do percurso feito até aqui, buscaremos destacar a importância, dentro das premissas da psicologia concreta, de incorporar o drama humano histórico-social na análise psicológica, visando transcender o reducionismo nos estudos de casos clínicos, transformando-os em “narrativas clínicas” (Sacks, 1986). Enfatizamos a singularidade de Luria enquanto teórico da Psicologia Histórico-Cultural, e inspirado por valores românticos, como a valorização da individualidade concreta em contraposição ao racionalismo abstrato e ao tecnicismo reducionista. Vimos com a retomada de seu caminho intelectual, como ele se mostrava receptivo a diversas abordagens científicas, incluindo a influência das artes e da literatura, mantendo, porém, o compromisso com a objetividade e a busca pela verdade característicos da ciência.

A inspiração romântica de Luria se integra à sua dialética materialista da atividade cerebral. Conforme Tuleski (2011), a subordinação dos valores estéticos românticos à dialética materialista torna a narrativa um instrumento científico quando enraizada nos processos de objetivação da subjetividade, incluindo a “análise sindrômica”, especialmente em casos de pacientes lesionados.

A partir desses preceitos, podemos partir para a caracterização da ciência romântica na perspectiva de Luria, examinando suas definições e declarações sobre a relevância estética dessa tradição, em um período de intenso reducionismo no discurso neurocientífico.

Procuramos sistematizar sua posição e descrever como ele se apropria, enquanto psicólogo histórico-cultural com inclinação marxista, de uma tradição de pensamento influenciada pelo Romantismo.

O estudo da ciência romântica em Luria apresenta diversos desafios, sendo um deles a escassez de publicações do autor que exploram o tema de forma mais aprofundada. O principal texto em que isso ocorre é o último capítulo da sua autobiografia mais popular já mencionada, *A Construção da Mente* (Luria, 2015), além de correspondências e nos prefácios e comentários esparsos ao longo de seus dois “romances neurológicos” (1999; 2008). É a partir deles que buscamos sintetizar a perspectiva luriana de ciência romântica²⁸.

Em 1976, com o auxílio de um grupo de ex-alunos e amigos, Luria finalizou a organização daquela que se tornaria sua biografia mais conhecida, além de um importante guia de introdução à sua vida e obra, intitulado *A Construção da Mente*. Trata-se de um livro publicado postumamente, em 1979. No último capítulo dessa obra, o autor se dedica à ciência romântica, discutindo aspectos centrais desta tradição, realizando críticas e apresentando seus casos clínicos, base de seus “romances neurológicos”, como sua tentativa de realizar estudos nos moldes desse gênero científico-literário (Luria, 2015).

Luria apresenta ao leitor a ciência romântica por meio da classificação estabelecida por Max Verworn (1863-1921), fisiologista alemão que categorizou os cientistas em dois tipos: clássicos e românticos, considerando tanto princípios metodológicos quanto inclinações pessoais. Na divisão proposta, as ciências clássicas são fundamentadas no reducionismo, posição que parte do argumento de que os fenômenos, eventos e objetos da realidade material são melhor compreendidos ao separar e isolar suas partes mais importantes. Isso resulta no estudo dessas partes para formular leis gerais, universais e abstratas que regem o fenômeno.

Segundo Luria (2015), a implicação do reducionismo na abordagem da ciência clássica é a tendência à abstração da complexidade material do fenômeno investigado, conforme já discutido no início desta tese. Tal postura metodológica resulta na despersonalização do fenômeno, o que é particularmente evidente quando aplicado aos estudos psicológicos e ao entendimento do comportamento humano. Em sua forma mais extrema, o reducionismo da ciência clássica culmina na “redução da realidade viva, com toda a sua riqueza de detalhes, a esquemas abstratos, perdendo-se as propriedades do todo

²⁸ Possíveis motivos para as poucas publicações do autor sobre esse tema, mesmo sendo notado como um aspecto importante, especialmente da neuropsicologia luriana, serão abordadas nas conclusões deste capítulo.

vivente” (Luria, 2015, p. 179). Essa perspectiva levou Goethe a expressar a ideia de que “cinzas são as teorias, mas sempre verde é a árvore da vida”.

Os eruditos românticos se distinguem dos adeptos do pensamento clássico por suas características, atitudes e abordagens. Enquanto a corrente predominante na filosofia adota uma perspectiva reducionista, os cientistas românticos recusam-se a fragmentar a realidade viva em elementos isolados. Eles resistem à simplificação da complexidade dos eventos concretos por meio de modelos abstratos, os quais tendem a perder as propriedades essenciais dos fenômenos. Luria (2015) considera que, para os românticos, a preservação da integridade da realidade viva é de máxima importância. Eles buscam uma abordagem científica que conserve e mantenha essa riqueza inerente à vida. Em essência, partem da premissa de que a vida humana é uma totalidade complexa, rica em detalhes e multideterminada.

Porém, apesar de Luria (2015) comentar de forma favorável sobre os valores e princípios dos românticos diante da realidade e do empreendimento científico, ele também aponta seus limites. Na visão do autor, faltam aos românticos:

[...] a lógica e o raciocínio cuidadoso, consecutivo, passo-a-passo, que caracterizam a ciência clássica; tampouco atingem os românticos aquelas formulações sólidas e leis universalmente aplicáveis. [...] e dependendo da ocasião, eles deixam que suas preferências artísticas e intuições tomem o comando da situação. Com frequência, suas descrições não só precedem as explicações como tomam seu lugar (Luria, 2015, p. 179-180).

Segundo Luria (2015), o embate entre os paradigmas “clássico” e “romântico” também representa o conflito entre as abordagens nomotéticas - que interpretam leis gerais, mas perdem as características individuais - e as ciências ideográficas - que descrevem as características individuais, porém não conseguem combiná-las em leis gerais. Esse embate, por sua vez, reflete a divisão entre perspectivas explicativas e descritivas na psicologia, característica da crise da disciplina. Representa as divergências fundamentais subjacentes à crise psicológica, entre uma abordagem explicativa e fisiológica e outra descritiva e fenomenológica das funções psicológicas superiores. Conforme referido na retomada de sua trajetória intelectual, a busca por uma “saída” dessa crise foi um fator fundamental na aproximação entre Luria e Vygotsky (Luria, 2015).

No século XX, Luria (2015) destaca duas tendências que explicam esse fortalecimento até aquele momento. Primeiramente, o avanço da biofísica, durante o qual muitos estudiosos defenderam a explicação dos processos comportamentais, incluindo

processos superiores como a memória e a atenção, em níveis moleculares ou sub moleculares. Em segundo lugar, a notável realização da invenção de equipamentos eletrônicos com velocidade e capacidade de detecção muito além dos indivíduos humanos. Com isso, computadores eletrônicos auto-reguladores e modelos e esquemas matemáticos inspirados nesses instrumentos tecnológicos transbordaram nos compêndios, atingindo especialmente a clínica médica na segunda metade do século, sobretudo a partir da década de 1970²⁹ (Luria, 2015).

A década observada por Luria, ficou conhecida por inaugurar o que o autor Francis Wolff chamou de era do “homem neuronal” (2012). Escrevendo no final da década de 1970, Luria constatou um progressivo desaparecimento da arte da observação e do pensamento no raciocínio clínico e na interpretação de exames. Houve então uma inversão: onde antes os instrumentos auxiliavam o pensamento clínico, naqueles dias, os médicos estavam “seguindo os dados instrumentais como um servo segue seu senhor” (Luria, 2015, p. 182). Cenário que encontra ecos nos dias atuais, não somente na medicina, mas em áreas afins, como a própria Psicologia (Vidal & Ortega, 2019).

Com o advento da nova instrumentação, estas formas clássicas de procedimento médico foram relegadas a um segundo plano. Os médicos de nosso tempo, tendo a seu lado uma bateria de testes e equipamentos de laboratório, frequentemente não enxergam a realidade clínica. A observação dos pacientes e a avaliação das síndromes deram lugar a dezenas de análises laboratoriais que são então combinadas por esquemas matemáticos como meio de diagnóstico e de planejamento do tratamento (Luria, 2015, p. 181).

Porém, Luria (2015) não se considera contrário ao uso de instrumentos e define sua trajetória como a de um cientista que busca aliar o uso de instrumentos e métodos objetivos com os dados obtidos da realidade clínica. Ele acrescenta que o risco de reducionismo também ocorre se o cientista substituir a investigação instrumental integralmente por observações e descrições simples, “fenomenológicas”. As boas descrições e observações científicas evitam esses riscos, pois se concentram não em eventos isolados, mas em suas múltiplas relações. O olhar da ciência, de acordo com Luria (2015), não busca uma “coisa”,

²⁹ Luria não fornece informações detalhadas sobre esses dispositivos, mas é suficiente observar que avanços notáveis, como a invenção da ressonância magnética em 1971 por Raymond Damadian (1936-2022), e a tomografia computadorizada por Sir Godfrey Newbold Hounsfield (1919-2014), um engenheiro eletricista britânico, tiveram impacto significativo na área médica. Hounsfield, compartilhou o Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina em 1979 com Allan Cormack, e desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento da técnica de diagnóstico por tomografia computadorizada de raios X.

mas “ver e entender a maneira pela qual uma determinada coisa ou objeto se relaciona a outras coisas e objetos” (p. 183). Ele recorre a um exemplo dado por Lênin para ilustrar seu ponto.

Sempre admirei a observação de Lenin de que um copo, enquanto objeto científico, só pode ser entendido quando é visto a partir de várias perspectivas. No que diz respeito ao material de que é feito, torna-se um objeto da física; quanto ao seu valor, um objeto da economia; quanto a sua forma, um objeto de estética. Quanto mais isolarmos relações importantes, mais perto chegamos da essência do objeto, de um entendimento de suas qualidades e das regras de sua existência. E quanto mais preservamos toda a riqueza de suas qualidades, mais perto chegaremos das leis internas que determinam sua existência. Esta perspectiva levou Karl Marx a descrever o processo de descrição científica pela estranha expressão: “ascendendo ao concreto”. (Luria, 2015, p. 182).

Neste trecho, o autor delinea a fundamentação dialética materialista de sua perspectiva em relação aos problemas do reducionismo criticados pelos românticos. Ele argumenta que o processo de compreensão da realidade, conforme estabelecido por Marx e Engels, segue uma direção do abstrato para o concreto, partindo da percepção inicial dos objetos e fenômenos até uma compreensão mais profunda e histórica de sua constituição. Este processo não ocorre de forma imediata, ou seja, não se trata de uma relação direta entre o indivíduo, a observação do mundo e das coisas, mas é mediado por conceitos, categorias e pensamento teórico. Na sociedade capitalista moderna, esses elementos tendem a emergir na cultura de maneira especializada e particularizada, sem considerar uma perspectiva de totalidade (Luria, 2015).

Ao longo de nossa análise, observamos que em seus escritos Luria reafirma frequentemente sua posição dialética materialista, deixando claro, por exemplo, que sua obra em neuropsicologia é uma continuidade das pesquisas e descobertas estabelecidas por Vygotsky entre as décadas de 1920 e 1930. No entanto, neste contexto, Luria (2015) aproxima seus princípios dos dilemas teórico-filosóficos em torno da ciência romântica. Nas conclusões deste capítulo, apresentaremos algumas hipóteses para entender por que o autor adota essa abordagem. Acreditamos que ele reconhece o potencial do diálogo entre as artes e a ciência defendido por essa perspectiva como uma característica ainda não desenvolvida adequadamente pela psicologia em construção, e que poderia contribuir para a compreensão da historicidade e complexidade do psiquismo humano.

Por ora, é importante ressaltar que, para Luria (2015), a perspectiva da totalidade concreta, ou seja, a visão do fenômeno estudado como uma síntese de múltiplas determinações, de origem histórico-social, também se aplica à observação e descrição dos processos psicológicos. Luria, portanto, realiza uma síntese entre o que reconhece como necessário para o conhecimento científico, defendido pelos clássicos, e os valores defendidos pelos românticos. Dessa forma, ele não apenas dá continuidade à divisão feita por Verworn e apresentada no início, mas busca sua superação.

A observação e a descrição dos fatos psicológicos deve seguir o mesmo processo [de ascendência ao concreto]. As observações clínicas e psicológicas não têm nada em comum com reducionismo do classicista. As análises clínicas de minhas primeiras pesquisas vêm ao caso agora. Uma tal análise procura os traços mais importantes ou os fatores primários básicos que tem consequências imediatas, e então busca as consequências secundárias ou “sistêmicas” destes fatores básicos subjacentes. A cena como um todo só se torna clara depois que estes fatores básicos e suas consequências foram identificados. O *objetivo da observação* é, portanto, *estabelecer uma rede de relações importantes*, quando bem feita a observação cumpre o objetivo clássico de explicar os fatos, *sem perder de vista o objetivo romântico de preservar a multiplicidade de riquezas do objeto* (Luria, 2015, p. 182-183 - destaques nossos).

Como explica Anne Hunsaker Hawkins (1986), Luria buscou não adotar um dos lados da divisão entre clássicos e românticos ao longo de sua obra, mas sim uma síntese dessas duas abordagens. Especialmente nos estudos de caso aqui em destaque, suas "biografias clínicas", ou “romances neurológicos”, são consideradas experimentos literários na análise de síndromes, são exemplos desse esforço. A análise de síndromes requer tanto atitudes nomotéticas quanto ideográficas, visando explicar uma disfunção fisiológica específica (o nomotético) e compreender as mudanças que essa disfunção provocou na personalidade total (o ideográfico). Luria busca essa síntese ao incorporar uma análise nomotética, uma história de caso “clássica”, dentro de uma descrição ideográfica, uma biografia “romântica” (Hawkins, 1986).

No tópico anterior, exploramos como Luria (1974) via seus estudos de caso, publicados no final da década de 1960 e início de 1970, como uma resposta a uma lacuna em suas pesquisas e naquelas de seus colaboradores sobre a atividade do cérebro como um sistema funcional. Essa lacuna decorria da escassez de estudos sobre a personalidade derivados das descobertas sobre a localização dinâmica das funções cerebrais e das análises das síndromes resultantes de lesões ou perturbações no funcionamento cerebral.

Portanto, esses estudos clínicos também representam uma extensão de sua atividade na neuropsicologia e sua tentativa de realizar uma análise sindrômica da personalidade. Isso significa incorporar na análise as consequências na vida cotidiana do indivíduo e em suas relações sociais, além de representar sua luta pela reabilitação e preservação de sua identidade. Concordamos com Sacks (1990) ao reconhecer que os empreendimentos de Lúria vão além da simples análise dos processos psicológicos ou da descrição precisa dos déficits isolados e sistêmicos decorrentes de lesões, pois buscam abordar o drama histórico de um indivíduo particular.

Esses estudos, embora não sejam típicos na obra de Lúria, que geralmente se concentra em análises complexas sobre o funcionamento dinâmico do cérebro, refletem uma preferência pessoal do autor por estudos “biográficos”. O próprio autor declarou que parte de sua atuação clínica e levantamento de dados, apesar de considerado um autor clássico, era de natureza “romântica”. Em correspondência com Sacks (2008), Lúria expressa sua preferência por estudos com viés romântico, relacionando-os com a totalidade de sua perspectiva e obra.

“Francamente, prefiro muito mais o tipo de estudo 'biográfico', como os sobre ‘Shereshevsky (o mnemonista) e Zazetsky’... Em primeiro lugar, por ser uma espécie de ‘ciência romântica’ que eu queria introduzir e, em parte, porque sou firmemente contrário a uma abordagem estatística formal e favorável a um estudo qualitativo da personalidade. Sou favorável a toda tentativa de encontrar fatores subjacentes à estrutura da personalidade... Somente o estilo desses dois livros é diferente dos demais, o princípio continua o mesmo” (carta de 19 de julho de 1973).

[...] “Sempre tive a consciência de que uma boa descrição clínica dos casos desempenha papel predominante na medicina, especialmente em neurologia e psiquiatria. Infelizmente, a capacidade de descrever, tão comum nos grandes neurologistas e psiquiatras do século XIX... praticamente se perdeu nos dias de hoje” (carta de 25 de julho de 1973) (Lúria apud Sacks, 2008, p. 12).

Vimos que Lúria (2015) resgata a tradição da ciência romântica como uma resposta ao domínio do reducionismo nas ciências psicológicas e nos estudos sobre o cérebro no final da década de 1970, uma época marcada pela ascensão do conceito do “homem neuronal” (Wolff, 2012). Nesse contexto, os princípios da clínica médica e neuropsicológica, como o raciocínio clínico e a investigação da atividade consciente, foram substituídos pela ênfase na interpretação de dados quantificáveis.

O autor se posiciona de maneira contrária a essa tendência ao lembrar sua inspiração romântica e os valores defendidos por uma variedade de eruditos, cientistas,

filósofos e escritores. Ele destaca a qualidade estética das observações e descrições clínicas, um ponto forte dessa abordagem. Através delas, era possível obter ricos *insights* sobre a riqueza, complexidade e dinâmica da realidade viva presente nos casos clínicos. Em essência, Luria valoriza a criticidade romântica em oposição ao reducionismo e ao racionalismo abstrato, conforme discutido anteriormente no primeiro capítulo desta tese.

Luria (2015) aponta que as qualidades atribuídas aos eruditos românticos haviam desaparecido, e nesse contexto, a publicação de suas histórias de caso representava uma nova forma de estruturar o relato psicológico por meio de narrativas clínicas cuidadosamente elaboradas, que estão intimamente ligadas à análise sindrômica, conforme apresentada no tópico sobre os conceitos básicos de sua neuropsicologia, tendo repercussão fundamental para o estudo da personalidade dos pacientes ou participantes de pesquisa. De forma a ilustrar o resgate dessa tendência romântica, os próximos tópicos se ocupam da síntese das duas histórias de caso escritas por Luria. Em ordem cronológica, a história de Shereshevsky e de Zazetsky.

4.1. Shereshevsky, o mnemonista

A Mente e a Memória: um pequeno livro sobre uma vasta memória (1999) foi publicado pela primeira vez em inglês em 1968, marcando o primeiro exemplo do gênero científico-literário da ciência romântica nos moldes de Luria. Bruner (1999), autor da apresentação do livro na edição consultada, afirma se tratar de um clássico. Na ocasião de seu lançamento, não havia dúvidas sobre o impacto de Luria na história da neuropsicologia, entre os grandes clínicos que oferecem *insights* valiosos sobre afasias, amnésias, apraxias, entre outros transtornos. O que tornou este livro indispensável na área, de acordo com Bruner (1999), foi "não apenas a acuidade técnica das observações de Luria que fez do livro um sucesso, mas a qualidade humana, a compaixão do autor ao reconhecer o infortúnio humano de seu paciente" (p. 10).

Ao narrar Solomon V. Shereshevsky e seu caso, Luria (1999) descreve, já em suas primeiras impressões, como as de um garoto estranho que fracassou na tentativa de se tornar músico e jornalista, e que acabou se tornando um mnemonista, realizando apresentações de relativo sucesso no país. Ele foi acompanhado pelo neuropsicólogo soviético por cerca de trinta anos.

O primeiro contato remonta à década de 1920, e logo os resultados dos primeiros testes de memória deixaram o jovem Luria perplexo. Shereshevsky não apenas conseguia reproduzir com facilidade as séries de letras e palavras mais complexas, mas também lembrava-se de séries inteiras de números escritos no quadro negro após se concentrar por apenas algumas dezenas de segundos, aparentando possuir uma memória "sem limites discerníveis". Sua capacidade mnemônica não parecia ter limites, nem em termos de capacidade de armazenamento, nem em relação à durabilidade dos traços guardados por ele (Luria, 1999).

S., como Luria se refere em momentos do texto, era inclusive capaz de lembrar de ter feito testes anteriores e o que Luria havia dito e explicado para ele na ocasião. Essa característica levou Luria a constatação de que certamente essa “habilidade” trazia implicações para a sua vida e, por isso, decidiu investigar mais a fundo a vida de Shereshevsky, para além da análise da capacidade da memória como uma função isolada. Reflete que “tudo isso significava que eu tinha de alterar meu plano e concentrar-me não tanto em uma tentativa de medir a memória do homem, mas em alguma maneira de produzir uma análise qualitativa dela, de descrever os aspectos psicológicos de sua estrutura” (Luria, 1999, p. 11).

Bruner (1999) afirma que *O mnemonista* se trata de um relato apaixonado, uma interpretação do mundo por alguém que está fora dos padrões conhecidos, incapaz de atribuir uma significação estável à sua consciência. Shereshevsky lida incessantemente com memórias infundáveis e sensações que se transmutam em imagens, as quais por sua vez atraem outras imagens, formando combinações que explodem e se manifestam por todo o seu campo de percepção. Este é quase um anti-herói, uma pessoa marcada pela ausência de significado e pela falta de sentido. Comparando-o com personagens marcantes da literatura do século XX, Bruner (1999, p. 10) afirma que:

Dessa forma, S., o paciente de Luria neste livro, ocupa seu lugar ao lado de Joseph K., em 'O Processo', ou na galeria de almas desoladas às quais Beckett deu vida em suas histórias e peças. Nessa nova aplicação, a 'patologia' deixa de ser um terreno alheio à condição humana, tornando-se parte da própria condição humana. Em vez de excluir os doentes e deficientes do âmbito da explicação humana, perguntamo-nos, ao contrário, sobre seu universo subjetivo, sua epistemologia implícita, seus pressupostos. Eles deixam de ser 'casos' e voltam a ser seres humanos. E tornam-se parte tanto da literatura quanto da ciência.

Luria (1999) então organiza a história de caso de Shereshevsky de acordo com as características de sua memória, como a sinestesia, a peculiaridade das palavras e imagens a partir do predomínio da memória sinestésica, suas dificuldades, suas técnicas de uso de imagens para potencializar a memória, e os impactos negativos que a ausência da “arte de esquecer” em seu caso clínico ocasionava. Mas Luria também traz reflexões sobre o “mundo” de Shereshevsky, no geral, assim como sua mente, controle do comportamento e personalidade. Dessa forma, tenta expandir a análise da memória relacionando-a com o todo. É o modo mais completo de sua “análise sindrômica” (Luria, 1999; 1974).

A memória de S. era de um tipo complexo, chamado eidético-sinestésico³⁰, que significava que ele convertia qualquer percepção ou palavra em imagens ópticas intimamente ligadas a outras sensações, incluindo o som, paladar e sensações táteis (Luria, 1999), discorrendo sobre alguns exemplos desse tipo de memória. Ele se recorda de ir ao laboratório na companhia de S. e perguntar se este se lembrava de como chegar lá. Ele respondeu que claramente se lembrava, era um lugar com gosto salgado, áspero e emitia um som agudo. Ele também atribuía qualidades sinestésicas a palavras e entonações, como a voz de Vygotsky, a qual classificava como “amarela esfarelada”. Isso tudo significava que:

Shereshevsky pertencia a um grupo notável de pessoas, entre os quais o compositor Scriabin, que mantiveram, de forma particularmente viva, um complexo tipo sinestésico de sensibilidade. Cada som que ele escutava produzia imediatamente uma experiência de luz e cor e, como veremos mais adiante, também um sentido de paladar e tato (Luria, 1999, p. 20).

Como discutido no capítulo sobre a ciência romântica no século XIX, os estudiosos românticos valorizavam o fragmento como parte a ser incluída na investigação do todo (Löwy & Sayre 2015; Halliwell, 1999). O livro de Luria é entremeado com excertos dos registros das sessões clínicas com Shereshevsky e alguns deles são as transcrições das próprias falas do paciente. Assim, em diferentes momentos do relato, o próprio Shereshevsky explicou o processo de sua atividade, como destacado em:

... Reconheço uma palavra não apenas pelas imagens que ela evoca, mas por todo um complexo de sentimentos que a imagem desperta. É difícil explicar... não é uma questão de visão ou audição, mas uma espécie de sentido geral que possuo.

³⁰ Vygotsky e Luria explicam sobre o eidetismo e sua relação com as primeiras fases do desenvolvimento infantil no terceiro capítulo do livro *Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança* (1996).

Geralmente experimento o gosto e o peso de uma palavra, e não tenho de me esforçar para me lembrar deles - a palavra parece evocar-se a si mesma. Mas é algo difícil de descrever. O que sinto é algo oleoso deslizando pela minha mão... ou percebo uma leve coceira na minha mão esquerda, causada por uma massa de pontos leves e pequenos. Quando isso acontece, simplesmente me lembro, sem ter de fazer esforço...

(Registro de 22 de maio de 1939) (Luria, 1992, p. 24).

As sensações sinestésicas forneciam a S. informações adicionais para garantir a lembrança correta. Se Shereshevsky reproduzisse uma palavra de forma inadequada, as sensações sinestésicas adicionais não coincidiriam com a palavra pensada, levando-o a perceber que algo estava errado e o forçando a corrigir o erro. No entanto, essas sensações eram secundárias em relação ao componente gráfico de sua memória. Quando S. lia uma série de palavras, cada palavra evocava uma imagem gráfica, o que o próprio explica no trecho reproduzido a seguir.

Quando escuto a palavra *verde*, um vaso de flores verde aparece; com a palavra *vermelho*, vejo um homem de camisa vermelha vindo na minha direção; quanto a *azul* significa uma imagem de alguém gritando agitando uma pequena bandeira azul de uma janela... Até mesmo os números evocam imagens em mim. Tomemos o número 1. É um homem altivo e robusto; 2 é uma mulher bem-humorada; 3 uma pessoa melancólica (por quê, não sei); 6 um homem com pés inchados; 7 um homem de bigode; 8 uma mulher muito corpulenta - um saco dentro de um saco. Quanto ao número 87, o que vejo é uma mulher gorda e um homem enrolando o bigode.

(Registro de setembro de 1936) (Luria, 1999, p. 26).

Para organizar esse caos sensorial, Shereshevsky precisava descobrir uma maneira de distribuir essas imagens em uma sequência. Muitas vezes, ele as “distribuía” mentalmente ao longo de uma rodovia ou rua imaginária. Essa técnica explica seu sucesso surpreendente em memorizar séries de números e palavras em diversas disposições nos testes aplicados por Luria em suas avaliações iniciais. Com isso, ele reproduzia facilmente a série na ordem correta e nomeava rapidamente a palavra que vinha antes ou depois de outra selecionada. Essas imagens e sensações eram extremamente estáveis, permitindo que ele recordasse trechos de conversas ou apresentações ocorridas décadas atrás (Luria, 1999).

No entanto, mesmo essas primeiras técnicas não impediram que passasse por outras dificuldades. O caráter cinestésico-sensorial não era totalmente controlado. Palavras muito grandes ou sem sentido podiam, por vezes, se mesclar com outros objetos, sons, ruídos ou estímulos, causando confusão e impedindo uma recordação adequada. Ele narra um desses problemas, em mais um registro reproduzido por Luria (1999).

Eu acabara de partir da Praça Maiakóvski quando me forneceram a palavra *Kremlin*, de forma que tive de dirigir-me para o Kremlin. Tudo bem, consigo lançar uma ponte até lá... Mas logo depois disso forneceram-me a palavra *poesia*, e mais uma vez encontrei-me na Praça Pushkin. Se tivessem me proposto *índio americano*, eu precisaria ter ido para a América. É claro que podia lançar uma ponte por cima do oceano, mas cansa tanto viajar...

(Registro de maio de 1935) (Luria, 1999, p. 35).

Ele então aprimora sua técnica manipulando o tamanho das imagens e a “iluminação” para vê-las melhor. Luria (1999) chamou essa técnica desenvolvida por S. de eidotécnica, ou técnica de imagens eidéticas. S. relata como se dá o seu funcionamento no trecho a seguir.

Sei que tenho de estar alerta se não quiser deixar passar nada. O que faço agora é aumentar minhas imagens. Tomemos a palavra *ovo* de que lhe falei antes. Foi tão fácil perdê-la de vista; agora faço dela uma imagem maior, e quando a coloco contra a parede de um edifício, tomo a precaução de ver se o lugar está iluminado por uma lâmpada de rua próxima... Não coloco mais coisas em becos escuros... É muito melhor se houver alguma luz por perto, é mais fácil de localizar.

(Registro de junho de 1935) (Luria, 1999, p. 35).

Estes exemplos ilustram como a memória de S. influenciava as outras funções psicológicas superiores, bem como sua personalidade e organização da vida cotidiana, revelando seus potenciais e limitações. Nesse sentido, Luria (1999) destaca que tais fatores seriam impossíveis de serem obtidos se o estudo da memória fosse conduzido de forma isolada.

Uma descrição de Shereshevsky seria inadequada se limitasse à sua memória. O que era preciso era uma análise cuidadosa de como sua fantástica memória influenciava seu pensamento, seu comportamento e toda sua personalidade. Durante as décadas que o estudei, tanto a potência quanto os limites de suas capacidades intelectuais tornaram-se muito claros. Quando ele conseguia imaginar todos os dados de um problema, ele conseguia lidar com ele mais rápida e eficientemente que as pessoas com memórias normais. Ele *se envolvia mais com as narrativas do que a maioria das pessoas*, nunca perdia um único detalhe, e *freqüentemente via contradições que os próprios autores haviam deixado de perceber*. Suas soluções a enigmas tinham uma *alta qualidade estética* (Luria, 2015, p. 186 - grifos nossos).

Apesar da alta qualidade estética, essa forma de pensamento figurativo era uma desvantagem especial quando Shereshevsky tentava ler poesia, gênero literário carregado de simbolismo. Cada expressão gerava uma imagem que entrava em conflito com outras imagens já evocadas. As ideias abstratas também representavam um desafio e tormento para ele. Shereshevsky se sentia perplexo e desanimado ao se deparar com ideias abstratas. Luria (1999) o compara aos jovens quando percebem que essas ideias não podem ser expressas visualmente. No entanto, o autor compara isso ao fato de que a maioria dos adolescentes consegue fazer a transição do pensamento concreto para o abstrato³¹, e o problema de lidar com ideias abstratas desaparece (Luria, 1999).

No caso de Shereshevsky, as imagens gráficas desempenhavam um papel central em seu pensamento, substituindo as ideias convencionais sobre o significado das palavras. Seu pensamento permanecia visual, e ele era incapaz de compreender uma ideia se não conseguisse visualizá-la. Shereshevsky tentava, por exemplo, visualizar a ideia de "nada" e encontrar uma imagem que pudesse representar a "infinitude". Essa transição para o pensamento verbal e lógico, relegando as imagens gráficas à periferia de sua consciência, era algo que Shereshevsky nunca conseguiu realizar (Luria, 1999).

Luria (1999) destaca ainda que a memória de Shereshevsky poderia afetar até mesmo sua temperatura corporal. Ele conseguia controlar processos involuntários do seu corpo, como a batida do coração e a temperatura, de maneira semelhante a uma pessoa praticante de ioga (iogue). Quando reproduzia no pensamento uma imagem clara de si mesmo correndo, isso acelerava seu batimento cardíaco. Ou ainda, uma imagem de um pedaço de gelo em sua mão diminuía a sua temperatura. E uma imagem de sua mão segurando um copo de água quente aumentava a temperatura de sua superfície. Luria (1999) comenta que por meio desse processo, S. tinha a capacidade de aumentar ou diminuir em até cinco graus a temperatura de sua mão.

Ao ampliar a investigação sobre a memória de Shereshevsky para abranger sua personalidade como um todo, Luria ressalta que a literatura da psicologia clássica já abordava a análise de outros mnemonistas históricos, porém, essas análises tendiam a se concentrar exclusivamente em suas habilidades extraordinárias de memória. Como resultado, pouca ou nenhuma informação foi fornecida sobre a personalidade desses indivíduos. Isso suscita questionamentos sobre quem eram essas pessoas, suas vivências e traços distintivos de personalidade, assim como seus modos de vida específicos (Luria, 1999).

³¹ Para maiores detalhes sobre o desenvolvimento do pensamento abstrato na adolescência, ou idade de transição, ver em Vygotsky (2012).

Essa lacuna na pesquisa reflete uma divisão entre as teorias que abordam funções psíquicas específicas e aquelas que tratam da estrutura da personalidade. Parece sugerir que os traços individuais de personalidade podem ter pouca relação com a natureza dessas funções psíquicas. Portanto, a habilidade de um indivíduo em demonstrar notáveis peculiaridades de memória em um contexto laboratorial, não necessariamente indica diferenças significativas em sua vida cotidiana em comparação com outras pessoas (Luria, 1999).

Um indivíduo cuja percepção consciente é tal que um som se mistura com um sentido de cor e gosto; para quem cada impressão evanescente engendra uma imagem viva e inextinguível; para quem as palavras têm significados bastante diferentes daqueles que têm para nós - uma pessoa assim não pode amadurecer da mesma maneira que outros, e tampouco seu mundo interno e sua história de vida serão iguais aos outros. Uma pessoa que “viu” e experimentou a vida sinestesticamente não pode entender as coisas da mesma maneira que nós, e tampouco tende a experimentar a si mesma e às outras pessoas do mesmo modo como faríamos (Luria, 1999, p. 132).

Para Luria (1999), a personalidade de Shereshevsky era totalmente determinada por suas habilidades fantásticas. Quando criança, ele era um sonhador cujas fantasias se manifestavam em imagens extremamente vívidas, criando um mundo paralelo onde ele transformava suas experiências do cotidiano. Ele tinha uma tendência a não perceber a distinção entre a realidade e o que ele “via” por conta própria. Por exemplo, ele costumava olhar para o relógio e continuar vendo os ponteiros parados sem perceber que o tempo estava passando, o que resultava em frequentes atrasos. Seus sonhos se tornaram um substituto para a ação, pois eram baseados em suas próprias experiências que haviam se transformado em imagens de seu pensamento (Luria, 1999).

Sua capacidade de “ver” a si mesmo, de se dissociar e transformar suas experiências e atividades em uma imagem de outra pessoa que seguia suas instruções, era valiosa para regular seu comportamento, como quando ele controlava seus processos involuntários. No entanto, em algumas ocasiões, essa separação de si mesmo interferia no controle total sobre seu comportamento, fazendo com que sua visão de si mesmo escapasse de seu controle e operasse automaticamente contra a sua vontade (Luria, 1999).

É possível fazer um paralelo da figura de S. com o protagonista do romance *O Duplo*, de Dostoiévski (2013), que passa a encontrar seu próprio sócio (*Doppelgänger*) atuando em seu lugar em diversos espaços de sua vida, que podemos ver também como expressão da fragmentação da individualidade na modernidade capitalista-czarista russa.

Relacionando de maneira mais direta o caso narrado por Luria ao campo literário, o escritor e poeta argentino Jorge Luis Borges se inspirou no caso de S. para escrever o conto *Funes, o Memorioso*, que se encontra em suas *Ficções* (Borges, 2016). O protagonista era também dotado de uma “supermemória”, e sua personalidade era totalmente afetada por ela. Ele era capaz de se lembrar de todos os detalhes ocorridos em um dia anterior, mas para fazer isso precisaria de um outro dia completo para lembrar de tudo. Também era capaz de notar sutis transformações causadas pelo tempo nos objetos, nos animais, nas pessoas e nas coisas. O personagem fantástico ajuda-nos a perceber as consequências negativas no mundo de quem detém uma supermemória, em especial, o sofrimento causado pelas dificuldades do funcionamento diverso em relação à norma e a ausência da arte de esquecer.

Proctor (2020) examinou a correspondência entre o cineasta Sergei Eisenstein e Luria, juntamente com os diários e notas do diretor soviético. A autora observa que ambos tiveram uma amizade produtiva e que, ao retomarem o debate sobre as relações entre arte e ciência, influenciaram-se mutuamente. Por exemplo, Eisenstein estava preparando um filme chamado “¡Viva México!” (nunca finalizado), no qual tentava incorporar a sinestesia relatada por S. como técnicas de forma e fotografia do filme. Luria afirma em diversas ocasiões como a literatura e as histórias de detetive contribuíram com a composição de seus livros nos moldes da ciência romântica (Luria, 2015).

Assim, podemos observar nesse primeiro “romance neurológico” escrito por Luria algumas preocupações do mesmo com a psicologia concreta, conforme buscamos sublinhar ao longo desta tese. Essas se expressam pela inclusão dos sentidos pessoais e da narrativa individual na análise dos processos psicológicos, o drama, especialmente na análise sindrômica, que integra os sintomas e fatores neuropsicológicos aos impactos da condição excepcional vivida pelo sujeito, em sua personalidade. E ainda, certo cuidado com os recursos empregados ao longo da escrita que lhe conferem qualidades estéticas que servem a uma expressão mais ampla e complexa da experiência humana, ou seja, coloca a pessoa como sujeito ativo em sua própria vida, em contraposição à uma narrativa clínica meramente descritiva. O segundo romance neurológico, retomado a seguir, continua essa tendência.

4.2. Zazetsky, o homem com um mundo estilhaçado

Nesta seção, exploramos a história de Lev Alexandrovich Zazetsky (1920-1993), o protagonista de *O Homem Com um Mundo Estilhaçado*, o segundo romance neurológico escrito por Luria (2008).

Trata-se de um homem que serviu como tenente do Exército Vermelho durante a Segunda Guerra Mundial e enfrentou a ocupação alemã do território soviético. De acordo com Fitzpatrick (2023), no final de 1942, cerca de 40% do território e 45% da população da União Soviética estavam sob ocupação alemã. A virada - a partir da batalha e vitória em Stalingrado - se daria apenas em 1943. Após semanas de combates intensos nas ruas da cidade, as tropas soviéticas conseguiram derrotar os alemães, marcando o início de uma retirada alemã que durou mais de um ano.

A liderança soviética durante a guerra foi caracterizada pela implacabilidade. O avanço na Polônia permitiu que a União Soviética fosse a primeira potência aliada a alcançar e libertar campos de concentração nazistas, como Majdanek, em julho de 1944, e Auschwitz, em janeiro seguinte. As perdas soviéticas durante o conflito foram devastadoras, com estimativas de 27 a 28 milhões de vidas perdidas. Em termos de infraestrutura, aproximadamente um terço do estoque de capital pré-guerra foi destruído em todo o país, enquanto nos territórios ocupados pelos alemães, esse número chegou a dois terços. A reconstrução após a guerra representou um desafio monumental para a União Soviética (Luria, 2015; Fitzpatrick, 2023).

Zazetsky está entre as muitas vítimas da guerra que sofreram consequências severas, sendo atingido por um estilhaço de bomba durante uma batalha contra os alemães, que afetou gravemente seu crânio na região parietal-occipital esquerda. Esse incidente resultou em uma série de sintomas graves, incluindo uma perda profunda de memória, afasia e distorções motoras, perceptivas e corporais, que alteraram completamente a realidade do jovem tenente. Enquanto o livro sobre Shereshevsky se concentra em sua memória extraordinária, a história de Z. representa uma narrativa de desastre e da destruição da memória de um indivíduo (Luria, 2008).

Após o início da guerra, Luria rapidamente se juntou ao corpo de voluntários antes de ser comissionado para organizar um hospital destinado ao cuidado daqueles que precisavam de tratamento longe do *front* de batalha. Durante esse período, seu foco principal era o tratamento de pessoas que haviam sofrido lesões cerebrais traumáticas (2015). A afasia, uma condição neurológica que resulta na perda parcial ou completa da fala, foi objeto de uma série

de investigações clínicas conduzidas por Luria em Kharkiv, tornando-se o principal foco de seu trabalho durante a guerra (Proctor, 2020).

Em 1942, Luria estabeleceu um sanatório de 400 leitos conhecido como Hospital de Evacuação Nº 3120 em Kisegach, próximo a Chelyabinsk, nos Urais do Sul. Ele supervisionou pessoalmente a construção de laboratórios e salas de treinamento terapêutico (Luria, 2015). Lá, trabalhou em estreita colaboração com uma equipe de 30 pesquisadores, incluindo indivíduos com quem havia colaborado anteriormente em Moscou e Kharkiv. Suas responsabilidades incluíam o diagnóstico e tratamento de lesões cerebrais, ao passo que a equipe também se esforçava para desenvolver técnicas racionais e cientificamente fundamentadas para a reabilitação de funções destruídas (Luria, 2015; Proctor, 2020).

Proctor (2020) relata que, devido à escassez de alimentos durante o primeiro inverno, Luria e sua família cultivaram um jardim para poder colher cogumelos. Luria escreveu para Sergei Eisenstein descrevendo a situação de forma favorável: “Tenho muitos colaboradores comigo e o trabalho está progredindo bem e de forma produtiva - até comecei a produzir alguns livros” (Luria apud Proctor, 2020, p. 173). Proctor (2020) relata que Luria observou que, apesar do equipamento modesto, o recurso mais importante de sua equipe era a dedicação à tarefa.

Os estudos que havia realizado antes da guerra constituíram-se numa valiosa base a partir da qual podíamos trabalhar. Mas tínhamos que expandir nossa abordagem geral, de modo a incluir as lesões novas e terríveis que os explosivos modernos haviam tornado possíveis, além de desenvolver uma base racional para restauração das funções psicológicas. Mesmo que na aparência estes dois caminhos fossem diferentes, a lógica da nossa abordagem fez com que nossos procedimentos de diagnóstico e descrição da natureza das disfunções cerebrais fossem totalmente compatíveis com as técnicas terapêuticas aplicáveis às várias formas de lesão (Luria, 2015, p. 145).

A obra *Afasia Traumática*, lançada na URSS em 1947, foi fundamentada em na experiência de Luria durante a guerra. Os pacientes afetados por lesões cerebrais tendiam a ser jovens, o que aumentava suas chances de recuperação parcial das funções comprometidas.

A principal meta era reabilitar essas pessoas o mais rapidamente possível, com o objetivo de reintegrá-las ao serviço militar ou, em casos mais graves, à vida civil produtiva. Inicialmente, o foco estava na recuperação das feridas físicas, mas posteriormente Luria e sua equipe concentraram-se na reabilitação das funções cerebrais perdidas. Eles desenvolveram técnicas terapêuticas que incluíam tarefas práticas, que incentivaram os pacientes a reaprender habilidades que haviam sido esquecidas (Proctor, 2020).

Até 1943, Luria e sua equipe já haviam reunido 800 estudos de caso. De acordo com Proctor (2020), em suas obras, o termo “trauma” tinha conotações etimológicas, referindo-se especificamente a danos físicos no tecido cerebral. Em sua obra, a dimensão emocional das lesões de guerra e os esforços emocionais necessários para recuperar as funções cerebrais comprometidas foram pouco explorados. Para Luria, o “trauma” era algo que afetava diretamente o tecido cerebral, com pouco foco nos aspectos emocionais associados. A autora ainda faz referência à historiadora Catherine Merridale, que observa o “desaparecimento do trauma individual como questão de debate público” (Merridale apud Proctor, 2020, p. 175). na União Soviética em períodos de grandes mobilizações sociais, como foi durante a Segunda Guerra Mundial (Proctor, 2020).

Proctor (2020) comenta, enquanto diferença entre as narrativas de casos em *Afasia Traumática* e *O Homem com um Mundo Estilhaçado* de Luria, que a primeira obra conta com histórias de casos breves, impessoais e focadas exclusivamente nos aspectos físicos das lesões, seguindo um formato padronizado. Já o texto que narra a vida de Z. oferece um relato mais pessoal e emocional. Este destaca a relação entre o médico (na posição de autor) e o paciente (o protagonista), sendo escrito em um estilo mais literário, menos acadêmico. A autora resgata a correspondência entre Luria e Oliver Sacks, onde se destaca o caráter empático e afetuoso de Luria em relação à jornada de reabilitação de Zazetsky, uma qualidade que permeia toda a obra. O próprio Luria descreve sua abordagem para este livro como “romântica”, visando “preservar a riqueza da realidade viva” (Proctor, 2020).

Luria acompanhou Zazetsky por quase três décadas. A estrutura narrativa do livro é construída em torno dos trechos do diário de Zazetsky, intercalados com excertos da pesquisa de Luria, proporcionando uma visão abrangente e perspicaz da jornada de Zazetsky. Inicialmente concebido como um meio de reabilitação para a leitura e a escrita, o diário de Zazetsky evoluiu ao longo do tempo, refletindo não apenas sua luta pessoal, mas também o processo de reorganização do substrato material de seu cérebro durante a reabilitação, no qual a escrita desempenhou um papel crucial (Luria, 2008).

O autor habilmente preserva a linguagem original de Zazetsky em seu diário, mantendo suas repetições e incoerências, o que confere autenticidade e profundidade à narrativa, mais de três mil páginas. Além disso, Luria (2008) enriquece o relato com três digressões, explorando a anatomia funcional do cérebro, a memória de palavras e a construção de frases. Essas digressões fornecem uma base sólida para compreender os

sintomas de Zazetsky em sua vida global, o que foi perdido e como ocorreu a reorganização do substrato material de seu cérebro durante o processo de reabilitação.

Luria (2008) também explora a organização psicológica de Zazetsky em relação ao corpo e ao espaço, retratando-o como um herói em meio a uma tragédia pessoal. Zazetsky é apresentado como o protagonista de uma luta árdua e muitas vezes injusta, mas sua resiliência e determinação o tornam um símbolo de esperança e inspiração. Em suma, o livro oferece uma perspectiva multifacetada e comovente sobre a jornada de Zazetsky, revelando não apenas suas batalhas individuais, mas também a incrível capacidade do cérebro humano, desde que influenciado por mediações adequadas, a se adaptar e se recuperar.

Entre as sequelas enfrentadas por Zazetsky, destaca-se a perda completa de sua memória e seu subsequente processo de recuperação, que foi lento e gradual (2008). Em seu diário, ele descreve os primeiros dias após o resgate como uma experiência semelhante à de um recém-nascido tentando se adaptar ao mundo, porém, em uma condição dolorosa e confusa, conforme trecho da fala de Z. a seguir.

Logo depois de ser ferido, parecia que eu era uma espécie de recém-nascido que só olhava, ouvia, observava, repetia, mas ainda não tinha uma mente própria. Era assim que eu parecia no começo. Depois, quando tive a oportunidade de ouvir as palavras que as pessoas usam seguidamente em conversa ou pensando, desenvolveram-se diversos conjuntos de fragmentos de memória e a partir desses comecei a compreender a vida que me rodeava e a lembrar-me do que as palavras significavam. (Luria, 2008, p. 31).

As primeiras palavras retornaram à Zazetsky apenas no final do segundo mês de recuperação. Ele continua:

No final do segundo mês, lembrei-me de quem era Lênin, compreendia palavras como sol, lua, nuvem, chuva e me lembrava de meu nome e sobrenome. Às vezes chegava a lembrar que em algum lugar tinha uma mãe e duas irmãs, um irmão também, antes da guerra, que desaparecera desde o primeiro ano de combates (ele fora designado para as tropas na Lituânia) (Luria, 2008, p. 31)

Apesar dessa recuperação inicial ele resumiu sua condição nesse período e de certo modo, permanente, como se vivesse dentro de uma espécie de neblina, que ele identifica como um “pesado meio-sono”.

Minha memória é um vácuo. Não consigo pensar uma só palavra. Tudo o que atravessa minha mente são algumas imagens, visões enevoadas que aparecem de repente e também de repente desaparecem, dando lugar a outras imagens novas, mas simplesmente não consigo compreender ou lembrar o que elas significam. (...) O que quer que recorde é esvaçado, fragmentado em pedaços e peças desconexas. Por isso é que reajo de maneira tão anormal a qualquer palavra e ideia, a qualquer tentativa de compreender o significado das palavras (Luria, 2008, p. 32).

Observa-se nesse trecho o papel fundamental da linguagem na organização da consciência, conforme mencionado anteriormente na discussão sobre os fundamentos da neuropsicologia de Luria (1981).

Incapaz de utilizá-la adequadamente para recuperar significados e atribuir sentidos às palavras, Z. sequer conseguia lembrar o que elas representavam, resultando em um conteúdo consciente fragmentado e desconexo. Além disso, ele perdeu a conexão íntima com seu próprio corpo, experimentando sensações de tamanho e proporção distorcidas. Sua visão também foi afetada, requerendo que ele utilizasse sua imaginação para preencher as lacunas em sua percepção visual (Luria, 2008). Estas foram algumas das suas posteriormente autodenominadas “peculiaridades corporais” (Luria, 2015). Assim, não apenas sua memória foi impactada, mas toda a sua estrutura psicológica, seu “mundo” interior.

Nas digressões presentes no livro sobre a neuroanatomia funcional do cérebro e as regiões corticais afetadas pelo ferimento de Zazetsky, que resultou na perda de memória e na afasia, Luria oferece uma descrição detalhada do funcionamento das áreas comprometidas e explica os sintomas e síndromes apresentadas por Zazetsky. Um ponto de destaque reside nas unidades funcionais previamente explicadas, onde se observa a preservação, em Zazetsky, da terceira unidade funcional associada ao córtex frontal, responsável pelo planejamento, intenções e correções das ações executadas (Luria, 2008).

O ferimento de Zazetsky, localizado nas regiões parietal e occipital, atingiu diversos pontos sensíveis da organização psicológica, como linguagem, memória e as regiões "combinatórias" responsáveis pela síntese entre os estímulos recebidos do ambiente. Por esse motivo, apesar da fragmentação e confusão, Zazetsky ainda é capaz de planejar, questionar a si mesmo e, embora com esforço hercúleo e como resultado da reabilitação, ter intenções e buscar realizá-las (Luria, 2008).

A leitura e a escrita foram fundamentais na reabilitação de Z. Ambas, no entanto, se mostraram uma atividade de extrema dificuldade. Ele esqueceu, por exemplo, como se pega em um lápis, conforme relato reproduzido a seguir.

Eu tinha me esquecido de como usar um lápis. Eu o revirava de um lado para outro, mas simplesmente não conseguia começar a escrever. Ensinarão-me como segurá-lo e me pediram para escrever alguma coisa. Mas quando segurei o lápis não consegui fazer nada mais do que traçar algumas linhas tortas sobre o papel. Olhei para o lápis e para o papel e finalmente movi o lápis pelo papel. Mas olhando a linha que eu fizera, era impossível dizer onde ela começava. Era algo que se parecia com os rabiscos de uma criança que ainda não tinha aprendido o alfabeto. Era engraçado, mas também esquisito que eu tivesse feito aquilo. Por que o fizera? Houve tempo em que eu sabia ler e escrever bem - e rapidamente. Comecei a pensar que devia estar sonhando novamente, era só o que podia pensar a respeito. E tornei a olhar para minha professora com aquele sorriso idiota (Luria, 2008, p. 81)

Luria (2008) ressalta que essa descoberta simples foi o ponto de virada nesta história; escrever poderia ser mais simples do que parecia. No início, como uma criança, Z. precisava visualizar letra por letra para traçá-las. No entanto, sua experiência anterior com a escrita, na qual ele demonstrava habilidade, permitiu que ele rapidamente automatizasse o processo novamente, retomando a série de movimentos incorporados discutidos anteriormente como "melodias cinéticas". Esse ponto reafirma o exposto por Luria (2015) acerca que a complexa atividade de escrita ser realizada “[...] por uma constelação funcional de atividades, com uma constelação funcional correspondente de estruturas cerebrais que servem de substrato para as atividades” (p. 146).

Isso se tornou possível porque o ferimento de Zazetsky não apenas afetou sua memória, mas também sua capacidade de visualizar e se orientar espacialmente. Felizmente, suas habilidades cinético-motoras permaneceram intactas. Luria (2015) explica que em casos de afasia motora sinestésica aparecem distúrbios na escrita ligados à análise articulatória da palavra, ligada à pronúncia de um dado fonema, e a habilidade em distinguir um entre outros fonemas.

Nos primeiros estágios de aprendizagem da escrita, o ato de falar uma palavra muitas vezes ajuda aquele que escreve a escrevê-la adequadamente. Pronunciando a palavra, analise-se sua articulação, da mesma maneira quando o indivíduo não mais consegue articular uma palavra, haverá erros articulatórios em sua escrita (Luria, 2015, p. 147).

O trecho em que Zazetsky se lembra do dia em que descobriu que conseguia escrever uma palavra após pronunciá-la, embora essa descoberta possa parecer simples, é ilustrativo

do potencial transformador da escrita, e como reaprendê-la dessa nova maneira transformou completamente sua vida.

No começo, eu tinha muita dificuldade para escrever - isto é, mesmo depois de julgar que conhecia as letras, não conseguia me lembrar como elas eram traçadas. Toda vez que eu queria pensar numa determinada letra, tinha que percorrer todo o alfabeto até encontrá-la. Mas certo dia um médico que eu passara a conhecer muito bem, pois era muito informal comigo e com os outros pacientes, falou para eu escrever automaticamente - sem levantar a mão do papel. Fiquei espantado e perguntei várias vezes para ele antes de poder começar. Finalmente, peguei o lápis e depois de repetir a palavra *krov* ["sangue"] algumas vezes, eu a escrevi rapidamente. Tive dificuldade de saber o que havia escrito, uma vez que ainda tinha dificuldades para ler - até o que eu mesmo escrevia (Luria, 2008 p. 82).

Assim, *Zazetsky* recuperou a habilidade de escrever com automatismo e espontaneidade, embora continuasse enfrentando dificuldades severas na leitura, que nunca alcançou o mesmo nível de sua escrita. A recuperação da capacidade de escrever possibilitou a *Zazetsky* iniciar um diário, que ao longo de vinte e cinco anos se tornou um dos principais instrumentos de sua reabilitação e comunicação entre seu mundo fragmentado e o resto do mundo "íntegro". Dessa forma, ele conseguiu reunir seus fragmentos e contar sua história. Uma história que não segue um ciclo ideal de desenvolvimento da consciência em uma recuperação plena e com amplo potencial, mas sim uma jornada de recuperação e luta de alguém que se recusou a sucumbir à apatia (Luria, 2008; Proctor, 2020). Como nos relata Luria sobre esse novo patamar de atividade de Z.:

Ele trabalhou em seu diário todos os dias durante vinte e cinco anos, procurando as palavras com as quais se expressar, muitas vezes consumindo um dia inteiro para escrever nada mais que meia página. Batizou seu diário de "História de um terrível ferimento no cérebro", mas posteriormente mudou o nome para "Eu lutarei". Esse trabalho não resultou no fim de seu desespero, mas a esperança que o levaram a escrever fez com que fosse em frente (Luria, 2008, p. 85).

Com a narrativa do caso, Luria (2008) aborda como a escrita surge e opera como mediação fundamental para *Zazetsky* na luta para recuperar sua memória, mas também, e tão importante quanto, um certo senso de sentido pessoal. *Z.* assumiu a escrita como uma atividade dependente de um plano ou propósito constante, sendo capaz de manter uma relação contínua acerca dos resultados de sua ação (Luria, 2015). Ao se envolver nesse processo de escrita, *Zazetsky* busca não apenas recuperar sua memória como função

cognitiva, mas também reconstruir sua própria história pessoal e reintegrar-se ao mundo. O autor explica os motivos pelos quais Z. escrevia.

Ele se fez essa pergunta muitas vezes. Porque se aborrecer com esse trabalho difícil e exaustivo? Ele era necessário? Finalmente, decidiu que era, pois ele não se adaptava a nada mais (não podia ajudar nas coisas da casa, perdia-se quando saía para passear e muitas vezes não compreendia o que lia, ou ouvia no rádio.) Essas coisas todas eram demais para ele. Contudo, *conseguia tentar pouco a pouco montar os pedaços do seu passado, compará-los e dispô-los em episódios, criar uma visão coerente daquilo que eram sua experiência e desejos*. Isso ainda era possível. Então, escreveu seu diário, a história da sua vida, dava-lhe alguma razão para viver. Isso era essencial por ser seu único vínculo com a vida, sua única esperança de se recuperar e de tornar o homem que fora outrora. Se desenvolvesse sua capacidade de pensar, talvez ainda pudesse ser útil, fazer com que sua vida representasse alguma coisa. Reviver o passado era, pois, um modo de tentar assegurar um futuro. Por isso é que empreendeu esse trabalho exaustivo, consumindo horas, dias, anos em busca de suas memórias perdidas. (Luria, 2008, p. 91 - destaques nossos).

O monumental esforço de Zazetsky em descrever sua doença não apenas resultou em um “documento trágico”, mas também em informações inestimáveis, dado que ele foi não apenas um observador, ou vítima, mas também um participante do trauma que lhe afligia, dedicando-se incansavelmente a investigá-lo. Luria destaca que duas descrições em particular foram particularmente claras e detalhadas, o que foi fundamental para a compreensão da própria condição enfrentada por Zazetsky (Luria, 2008).

Antes de encerrarmos este tópico, vale trazer um breve comentário sobre paralelos significativos existentes entre *O Homem com um Mundo Estilhaçado* e características do movimento cultural conhecido como “realismo soviético”, a partir de Proctor (2020). Mais precisamente as similaridades entre a trajetória de Zazetsky e o protagonista do emblemático *How the Steel Was Tempered* (2002), de Nikolai Ostrovsky, inicialmente publicado em forma de série entre 1932 e 1934, pouco antes do Congresso de Escritores Soviéticos de 1934.

O romance narra a história do herói revolucionário Pavel Korchagin, que se une ao Exército Vermelho durante a Guerra Civil e acompanha o progresso do jovem protagonista, de um indivíduo passivo a um sujeito coletivo. Pavel é gravemente ferido em batalha, mas sua deficiência não diminui seu fervor revolucionário. No desfecho do romance, mesmo estando acamado e cego, Pavel permanece “determinado a retomar seu lugar nas fileiras dos construtores da nova vida”. Assim como Zazetsky, ele alcança isso escrevendo um relato de suas lutas. O romance encerra-se quando ele recebe um telegrama de Leningrado

confirmando que seu trabalho será publicado, reintegrando-o “às fileiras da luta e da vida” (Proctor, 2020)

A escrita de Zazetsky desempenhou um papel semelhante ao romanceado na obra de Ostrovsky (2002), compartilhando expressões do vocabulário combativo do herói realista socialista: “Estou lutando para recuperar uma vida que perdi quando fui ferido”. Em ambos os casos, o texto, o processo de escrita e o sujeito que escreve não podem ser dissociados. A própria vida de Ostrovsky foi famosamente paralela a de seu herói mutilado. A composição tumultuada do romance tornou-se parte integral de seu status simbólico, elevando a escrita a um ato heroico e revolucionário. Zazetsky tentou alcançar a consciência por meio da escrita, e o caso clínico testemunha o árduo processo terapêutico do qual ele foi um produto (Proctor, 2020).

A seguir, apresentaremos algumas sínteses relativas ao lugar que as narrativas sobre Zazetsky e Shereshevsky ocupam na obra de Luria, na direção de refletirem a orientação do autor, explicitada tanto pela forma como pelo conteúdo das mesmas, em seguir uma tradição romântica em suas investigações em neuropsicologia, ao mesmo tempo que busca incorporar os princípios da psicologia concreta.

4.3. Considerações sobre os “romances neurológicos” de Luria

A partir de nossa análise, afirmamos que os dois “romances neurológicos” de Luria (1999; 2008), em nossa opinião, não apenas refletem sua abordagem de ciência romântica, mas também incorporam os princípios da psicologia concreta, que valoriza a inclusão do drama humano no estudo dos processos psicológicos superiores. Aproximar a ciência das artes, agregando elementos estéticos e emprestando técnicas literárias, enriquecem a linguagem e amplia a complexidade e profundidade da narrativa. Essa abordagem transcende os limites do reducionismo do raciocínio “clássico” ao descrever o comportamento humano como uma totalidade concreta, esforço evidente tanto nos textos mais acadêmicos de Luria, quanto nas histórias de caso de Zazetsky e Shereshevsky.

Buscamos enfatizar que os trabalhos de Luria retomados ao longo de nosso estudo não tratam apenas das análises das funções isoladas - memória, fala, pensamento - mas sim de **como essas funções também explicam a psicologia do sujeito que vivencia uma determinada condição neurológica**, seja decorrente de lesão ou de hipertrofias sem causas definidas. A convergência entre a ciência romântica do século XIX e a psicologia concreta se

evidencia na crítica de Luria ao reducionismo, na compreensão da realidade como uma totalidade complexa e multideterminada, e no reconhecimento do potencial de diálogo com as formas, técnicas e narrativas literárias como fontes de *insights* clínicos e pessoais relacionados ao processo de reabilitação. Compreendemos que ambas as abordagens compartilham a preocupação com os limites da linguagem reducionista na apreensão dos problemas típicos que afligem os seres humanos.

A originalidade de Luria, a nosso ver, reside no fato de que ele **subordina essas influências à dialética materialista na compreensão do cérebro como órgão da atividade concreta dos seres humanos**. Dessa forma, ele incorpora o olhar à multiplicidade da vida, às consequências e às relações de determinadas condições na vida cotidiana das pessoas, em síntese, na constituição da personalidade como um todo.

O renomado neurologista britânico de nacionalidade norte-americana Oliver Sacks (1933-2015), foi um dos principais interlocutores e, em certo sentido, um continuador dos princípios da ciência romântica estabelecidos por Luria e abordados nesse estudo. Esses princípios foram aplicados tanto na clínica médica, onde Sacks adotava uma postura empática, por vezes calorosa, mas sempre atenta e inquiridora, quanto no cuidado com a escrita do caso. Sacks se esforçava para preservar o drama pessoal do sujeito e a habilidade de relacionar o caso com diversas outras ramificações, desde antecedentes clínicos até aspectos que revelassem influências culturais, considerando-os mediadores centrais de um determinado caso (Sacks, 2006; 2016).

Sacks (1986) explica que esses contos ou histórias que escreveu são "clínicos" por terem uma base factual e clínica, sendo passíveis de análise. No entanto, são chamados de "contos" porque abordam um sujeito e um tema, elementos que não estão presentes em uma simples descrição ou estudo de caso, mas são próprios de uma tendência mais literária de escrita. Quanto à questão de serem ou não considerados um gênero literário, isso depende da definição individual de "literatura", uma especificidade não tratada pelo autor e que não iremos discutir, uma vez que foge do escopo da nossa pesquisa. Sacks (1986) afirmava não ter nenhuma aspiração literária, escreveu seus "contos clínicos" porque sentia que era necessário fazê-lo; eles não pareciam uma combinação arbitrária de duas formas, mas sim uma forma essencial que é indispensável para a compreensão, prática e comunicação médica.

O autor ainda destaca que contar uma história é a primeira forma com a qual um paciente se comunica com seu médico (Sacks, 1986). Complementa que a concepção histórica da doença, atribuída a Hipócrates - considerado o "pai" da medicina - vai além de

um simples diagnóstico ao enfatizar a importância de compreender o quadro completo da doença - também conhecido como “patografia”, termo utilizado por Freud. Esse quadro abrange desde as primeiras manifestações da doença até sua possível crise final e resolução. Além disso, a abordagem hipocrática destaca a necessidade não apenas diagnosticar e tratar a doença, mas também de considerar e tratar o indivíduo doente como um todo.

De acordo com Sacks (1986), essas reflexões são amplamente exploradas por McKenzie, especialmente ao discutir o parkinsonismo pós-encefálico. Ele questiona o que constitui uma "entidade de doença" ou uma “nova doença”, destacando que, ao contrário do naturalista, o médico está preocupado com o sujeito humano como um único organismo, lutando para manter sua identidade em circunstâncias adversas. Essa abordagem extrapola a simples história de caso da doença, introduzindo o sujeito no nível mais profundo de uma luta existencial pela identidade, comparável a um lutador, ou guerreiro em uma narrativa épica ou dramática. É importante destacar que a pessoa é considerada protagonista de sua própria vida em relação ao seu sofrimento. Isso significa que ela não está passiva, mas sim ativa nessa dinâmica.

Essa narrativa transcende a simples sequência de eventos relatados pelo paciente e se torna uma alegoria das aventuras e perigos enfrentados por um “eu” centralmente desafiado, lutando uma batalha tão estranha quanto a de qualquer fábula ou mito.

Esta é uma linguagem dramática, um conceito dramático - 'lutando para preservar a identidade', diante de circunstâncias adversas - que vai muito além do que o próprio paciente diz (embora possa ser sugerido aqui, como quando os pacientes falam em não ser ou se sentir eles mesmos), e também além de uma simples história de caso da doença (ou patografia) (Sacks, 1986, p. 17).

Desse modo, Sacks (1986) enfatiza um dos pontos que consideramos de afinidade ou expressão da psicologia concreta por parte da ciência romântica de Luria: a incorporação do drama humano. Essa inclusão na escrita opera uma superação do estudo de caso clássico e o torna uma história clínica, um retorno à narrativa, porém um retorno modificado, que supera a simples descrição dos conteúdos relatados pelo paciente.

Sacks (1990) argumenta que é essencial redefinir os conceitos de “romance” e “ciência” de forma a integrá-los harmoniosamente a essa nova forma de entender, narrar e intervir no caso clínico. Luria (2015), por sua vez, utiliza termos como “totalidade”, “plenitude” e “integridade” - e evita outras como “holismo” - para descrever a necessidade de considerar todas as partes significativas em relação umas às outras. Essa aspiração da

ciência romântica visa alcançar uma compreensão completa e analítica da realidade, embora reconheça que tal objetivo seja sempre provisório, parcialmente inatingível.

Para Sacks (1986), embora a observação inicial possa começar com o concreto - em sua manifestação caótica - é na síntese que o concreto e o analítico verdadeiramente se amalgamam. Assim, o concreto não é meramente recuperado e apreendido como uma entidade isolada, mas sim em sua interconexão com todo o contexto. Ele se torna um exemplar, uma peça-chave em um universo conceitual mais amplo. Nesse sentido, a busca pela concreticidade e os princípios da ciência romântica estão intimamente relacionados. Nas palavras do autor (1990), “ascender ao concreto é ciência romântica”. Ressalta ainda que quando o objeto de estudo é uma vida humana - não átomos ou estrelas -, trata-se não apenas da "vida" em um sentido teórico abstrato, mas sim da vida real, com toda a sua complexidade e singularidade, que deve ser o foco da observação científica mais completa (Sacks, 1990).

A representação científica de uma vida humana real, como almejada por Luria em suas biografias clínicas, representa o ápice de sua aspiração e conquista. A “ascensão ao concreto” é o objetivo para o qual toda a sua obra científica converge (Sacks, 1990, p. 191). As narrativas clínicas desempenham um papel fundamental nesse processo, pois seu formato permite capturar e representar o drama humano de forma objetiva - algo que a linguagem formalista dos relatórios médicos e da psicologia clássica muitas vezes não consegue fazer.

Enquanto as construções da ciência física ou da biologia podem ter uma qualidade lírica, são, no entanto, impessoais e teóricas. Não há uma "história" na vida de uma orquídea ou de uma minhoca - nenhum drama pessoal, nenhuma situação difícil, nenhum dilema. No entanto, com a vida humana, a situação é completamente diferente: há drama, há intencionalidade em cada ponto. A exploração da natureza humana demanda a visualização e a narrativa de uma história, exigindo uma estrutura narrativa aliada à sensibilidade científica (Sacks, 1990, p. 193 - tradução nossa).

No seu artigo, Sacks (1990) destaca a importância da ciência romântica para a neuropsicologia de Luria, especialmente diante da crescente adoção de baterias de avaliação padronizadas que se autodenominam “lurianas”. Um exemplo disso é o controverso instrumento “Luria-Nebraska” (Golden & Freshwater, 2001).

É irônico que, apesar da aversão de Luria aos métodos estatísticos formais e aos testes padronizados, ele seja agora amplamente reconhecido por muitos psicólogos (e, talvez, por alguns, apenas conhecido) pelo chamado teste Luria-Nebraska, uma bateria padronizada de testes neuropsicológicos. Este teste foi desenvolvido em 1979, após a morte de Luria, e provavelmente teria sido visto com horror por ele, por ser contrário aos princípios fundamentais nos quais sua abordagem clínica se baseava.

Embora Luria fosse extremamente inventivo na criação de testes cognitivos diversos, ele os aplicava apenas no contexto individual, adaptando e improvisando de acordo com as necessidades específicas do paciente e sua história (Sacks, 1990, p. 184 - tradução nossa).

Concordamos com Sacks sobre a importância de reconhecer a ciência romântica e sua relevância como um dos alicerces da neuropsicologia de Luria. Ao negligenciar essa abordagem, corremos o risco de perder uma oportunidade valiosa e histórica de implementar uma prática crítica, alinhada aos princípios metodológicos e éticos de uma prática clínica embasada na Psicologia Histórico-Cultural, cujos estudos iniciais no campo da neuropsicologia e do desenvolvimento verdadeiramente revolucionaram o percurso intelectual de Luria (1974; 2015).

A análise de Proctor (2020), autora do estudo abrangente sobre a ciência romântica de Luria intitulado *Psychologies in Revolution: Alexander Luria's 'Romantic Science' and Soviet Social History (Mental Health in Historical Perspective)*, destaca a abordagem romântica de Luria, evidenciada nas narrativas de casos como as de S. e Z., que oferecem um retrato mais vívido da relação entre personalidade e história social do que outros relatos sobre pacientes ou sujeitos de pesquisa presentes em trabalhos anteriores do autor.

Proctor (2020) busca testar a afirmação de Luria, em correspondência com Sacks, de que o autor dava igual importância de rigor aos seus estudos clássicos e românticos, e que apesar das diferenças de forma, eles teriam os mesmos princípios. A autora organiza sua exposição em torno de cinco personagens considerados chave para o trabalho de Luria em um recorte cronológico. Assim, ela analisa como Luria retratava os criminosos testados relatados em *The Nature of Human Conflicts*; os uzbeques e as mulheres retratadas em *Desenvolvimento Cognitivo*; as crianças participantes dos experimentos fundamentados no método genético-experimental de *Estudos sobre a história do comportamento: o símio, o homem primitivo e a criança*; e finalmente, chega aos casos de Zazetsky e Shereshevsky, o Mnemonista e o Afásico, respectivamente.

A autora destaca os limites nos quais Luria incorre em suas narrativas anteriores, como a abstração e o formalismo em relação às particularidades concretas dos sujeitos analisados (Proctor, 2020). Em outras palavras, pelo texto, não é possível saber quem eram os criminosos entrevistados e submetidos ao "método motor combinado", nem conhecemos as histórias das mulheres e crianças uzbeques entrevistadas para além da métrica luriana do desenvolvimento "inferior/superior". Desse modo, os "romances neurológicos" se destacam justamente pela vivacidade com que representam a processualidade histórico-social da

personalidade (Proctor, 2020) captada e expressa por Luria de maneira diferenciada, mais literária, em suma, romântica.

A ciência romântica de Luria, considera ainda a autora, resguarda uma mensagem de otimismo político frente às condições desoladoras em que, a princípio, nenhuma grande transformação parece ser possível (Proctor, 2020). Por exemplo, a luta de Zazetsky e a resistência de Shereshevsky em sucumbir ao caos perceptivo, com auxílio do médico ou psicólogo como mediador fundamental, e técnicas de reabilitação, ressoam como um chamado à transformação onde uma visão comum vê apenas um ferimento eterno (Proctor, 2020). São horizontes que nos permitem estender as contribuições de Luria para além da narrativa de casos excepcionais provocados por distúrbios neuropsicológicos. Reconhecendo o lugar da tradição romântica em seus escritos, e como os romances neurológicos integram os princípios da psicologia concreta, o autor convida-nos, psicólogos e psicólogas histórico-culturais, a percorrer caminhos de compreensão mais aprofundada sobre os dramas que afligem os sujeitos contemporâneos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O SIGNIFICADO TEÓRICO E POLÍTICO DA CIÊNCIA ROMÂNTICA FRENTE À DESUMANIZAÇÃO

“Narrar é resistir”.

(Guimarães Rosa)

Este trabalho resultou da pesquisa teórico-conceitual sobre a ciência romântica na perspectiva histórico-cultural do psicólogo e neuropsicólogo soviético Alexander Romanovich Luria. Nosso objetivo foi investigar como Luria incorporou essa tradição em suas publicações, com foco especial em seus “romances neurológicos” *O homem com um mundo estilizado* (2008) e *A mente e a memória* (1999). Demonstramos como a ciência romântica de Luria compartilha afinidades teórico-filosóficas com o ideal de psicologia concreta, como discutido por Georges Politzer (1998) e Lev Semionovitch Vygotsky (2000) em relação à crítica ao reducionismo da psicologia clássica, e a comparação da constituição do processo de personalização individual com um drama.

Durante nossa pesquisa, exploramos conceitos influentes na formação da ciência romântica de Luria (2015), de modo a determinar como o Romantismo e a ciência romântica do século XIX serviram como alicerces para as suas investigações no campo da psicologia e, principalmente, da neuropsicologia. Além disso, situamos o ideal da psicologia concreta e a categoria "drama" nas propostas de Politzer e Vygotsky, destacando suas similaridades e diferenças com a ciência romântica de Luria. Enfatizamos que, do Romantismo, a tradição romântica na ciência herda a postura crítica que valoriza a subjetividade e a unidade entre o “eu” e o “todo” dos românticos, mas se afasta deles em seu elogio à experimentação e à unificação entre métodos clássicos e ramificações estéticas.

Da inquietação herdada da crítica romântica, temos sua manifestação na crítica da abstração do sujeito na psicologia clássica, conforme expresso no ideal de psicologia concreta buscado tanto por Politzer como por Vygotsky. De Politzer (1998), destacamos a necessidade da incorporação do drama humano como ponto de partida da análise dos processos psicológicos, bem como a situação de fronteira que essa categoria coloca entre a ciência e as artes. Também apontamos as distinções entre o papel do cérebro e da fisiologia na explicação do psiquismo para Politzer e para os referidos autores da Psicologia Histórico-Cultural. A partir disso, Vygotsky (2000) emerge como precursor das ideias que seriam desenvolvidas por Luria sobre o papel do cérebro no comportamento humano.

Em seguida, pudemos caracterizar a concepção do cérebro histórico-cultural na perspectiva de Luria (1979; 1981; 2015), buscando relacioná-la com os problemas teóricos-metodológicos expressos em suas ideias sobre a ciência romântica. Realizamos uma breve trajetória panorâmica do desenvolvimento do conceito de cérebro em Luria, a partir de notas biográficas, desde suas primeiras incursões na psicologia até suas contribuições posteriores à neuropsicologia nas décadas de 1960 e 1970 (Luria, 1974).

Para além das ideias mais divulgadas do autor, como o conjunto de conceitos que configuram seu sistema teórico em neuropsicologia, destacamos a relação feita por Luria entre as histórias de caso clínico e sua expressão da análise sindrômica no impacto da personalidade total, e não apenas como um modelo do sistema funcional de uma pessoa. Luria apontava a falta de estudos sobre a personalidade na neuropsicologia a partir dos materiais clínicos como um problema, e seus romances neurológicos buscaram ser uma primeira alternativa para abordar essa lacuna.

À guisa de síntese, exploramos interpretações contemporâneas da ciência romântica a partir de autores como Oliver Sacks e Hannah Proctor. Sacks (1986) destaca a importância das "narrativas clínicas" como forma de preservar o drama humano das pessoas concretas, enquanto Proctor (2020) demonstra que as histórias de caso clínico de Luria possuem um potencial crítico diante do reducionismo neurocientífico contemporâneo.

Com esta pesquisa, exploramos a ciência romântica na perspectiva de Luria, concentrando-nos na afinidade desse aspecto de sua obra com o ideal de psicologia concreta, conforme proposto por Politzer e Vygotsky, especialmente no que diz respeito à dramaticidade da existência social dos seres humanos. Observamos como os ‘romances neurológicos’ de Luria integram a análise neuroanatômica funcional com a personalidade dos sujeitos estudados. Em termos politzerianos, isto é, em “primeira pessoa”, isso significa unificar as leis gerais da atividade cerebral enquanto órgão concreto da atividade consciente humana, com a forma particular pela qual uma determinada condição neurológica é experimentada pelos sujeitos e como ela impacta suas vidas cotidianas e relações sociais.

Entretanto, alguns pontos levantados por este trabalho merecem maiores aprofundamentos. Entre eles, destacamos a necessidade de uma análise aprofundada das comparações entre a perspectiva de Politzer que inaugura a acepção do drama, nesses termos, na análise psicológica, e da Psicologia Histórico-Cultural inaugurada por Vygotsky. De modo a estabelecer as afinidades e os distanciamentos para uma elaboração mais consistente de uma perspectiva histórico-cultural do drama em seu potencial conceitual de compreensão do

psiquismo humano, mas também no delineamento das convergências e das relações bi-direcionais entre as artes e a ciência.

Também consideramos que o crescente interesse na ciência romântica, como uma característica importante da obra de Luria, evidenciada por publicações recentes sobre o tema, abre a possibilidade de investigar práticas psicológicas contemporâneas orientadas pela perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento. Isto é, torna-se necessário uma pesquisa e sistematização sobre práticas psicológicas inspiradas na ciência romântica de Luria na contemporaneidade.

Concluimos, portanto, que a ciência romântica, representada nas “narrativas clínicas” de Luria, emerge como um gênero de escrita científico-literária com um potencial crítico significativo na contemporaneidade, especialmente para a prática social do psicólogo orientado pela Psicologia Histórico-Cultural. Em contraposição ao reducionismo, a ciência romântica se opõe a qualquer forma de esquematismo, formalismo ou simplificação que negligencie os múltiplos determinantes que constituem o sujeito histórico em sua totalidade. Ela se concentra em narrar adequadamente a experiência vivida do indivíduo como um drama histórico, levando em consideração, além da narrativa que o sujeito faz expressando seu sentido pessoal, a articulação com a história social.

Ao integrar a ciência romântica à perspectiva dialética materialista, Luria nos oferece uma ferramenta relevante para combater práticas e discursos hegemônicos presentes em fenômenos como a medicalização e a “cerebralização” da vida. Práticas que ao atribuírem um papel determinante apenas ao cérebro isolado no comportamento humano, negligenciam os fatores socioculturais, políticos e históricos que influenciam a saúde mental. A visão reducionista da medicalização e da “cerebralização” resulta na desconsideração dos sujeitos e na busca por soluções rápidas e utilitárias, ignorando as determinações mais amplas do sofrimento e do adoecimento, os quais estão intrinsecamente ligadas às relações de dominação e exploração econômica no capitalismo.

Ao isolar o indivíduo do contexto social, essas práticas negam a história da pessoa concreta, que não se limita à sua expressão “subjetiva”, mas que se configura numa síntese complexa entre o indivíduo e seu contexto social, cultural e histórico. Em suma, a ciência romântica, incorporada à perspectiva dialética materialista - fundamento teórico metodológico da Psicologia Histórico-Cultural - tem o potencial de auxiliar o profissional de psicologia a compreender a experiência singular de cada sujeito. Por meio da escuta atenta e da análise cuidadosa dos relatos dos pacientes, o profissional identifica os aspectos

interrelacionados que contribuem para o sofrimento mental, considerando as diferentes dimensões da vida humana.

Ao posicionar-se criticamente aos reducionismos contemporâneos, o psicólogo histórico-cultural não faz apenas uma crítica, mas abre a possibilidade de pensarmos em intervenções concretas a fim de contribuirmos para um processo mais amplo de superação de situações difíceis, muitas vezes vistas como intransponíveis. Mesmo em situações nas quais não é possível vislumbrar um prognóstico favorável, a ciência romântica de Luria se mostra um convite de resistência ao imobilismo e de luta pela reconstrução de identidades muitas vezes estigmatizadas, porque não dizer violentadas, pelos diversos processos de desumanização. Desse modo, encerramos com Eduardo Galeano (2006) em *O Livro dos Abraços*: “Somos, enfim, o que fazemos para transformar o que somos. A identidade não é uma peça de museu, quietinha na vitrine, mas a sempre assombrosa síntese, das contradições nossas de cada dia”.

REFERÊNCIAS

Almeida, Melissa Rodrigues de. (2018). *A formação social dos transtornos de humor*. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Faculdade de Medicina de Botucatu, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Botucatu, São Paulo.

Auster, Paul. (1999). *A invenção da solidão*. São Paulo: Companhia das Letras. 200p.

Borges, Jorge Luis. (2016). Funes, o memorioso. In: Borges, Jorge Luis. *Ficções*. São Paulo: Companhia das Letras. 176p.

Brunner. (1999). Apresentação. In: Luria, Alexander Romanovitch. *A mente e a memória: um pequeno livro sobre uma vasta memória*. São Paulo: Martins Fontes.

Castro, Laís. (2023). *A determinação social do consumo de drogas: Tecendo considerações acerca do cuidado em saúde segundo o materialismo histórico-dialético*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Estadual de Maringá. Maringá-PR.

Costa, Bruno Muniz Figueiredo, Lopes, Jader Jane Moreira & Pereira, Luiz Miguel (Orgs.). (2022). *A ciência romântica de Luria: Contextos de uma época e estudos contemporâneos*. São Carlos: Pedro & João Editores.

Delari, Junior, Achilles. (2011). Sentidos do “drama” na perspectiva de Vigotski: um diálogo no limiar entre arte e psicologia. *Psicologia Em Estudo*, 16(2), 181–197.

Dickens, Charles. (2015). *Tempos difíceis*. São Paulo: Boitempo Editorial. 336p.

Dostoievski, Fiodor. (2013). *O duplo*. São Paulo: Editora 34. 256p.

Engels, Friedrich. (2008). *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo Editorial. 384p.

Fischer, Ernst. (1981). *A necessidade da arte*. 9 ed. Rio de Janeiro: Zahar. 256p.

Fitzpatrick, Sheila. (2023). *Breve história da União Soviética*. São Paulo: Todavia Livros. 264p.

Gabbi Jr., Osmyr Farias. (1998). Considerações sobre a eterna juventude da psicologia: o caso da psicanálise. In: Politzer, Georges. *Crítica aos Fundamentos da Psicologia: a psicologia e a psicanálise*. Piracicaba-SP: UNIMEP.

Galeano, Eduardo. (2006). *O livro dos abraços*. 9. ed. Porto Alegre: L&PM.

Golden, C.J., Freshwater, S.M. (2001). Luria-Nebraska Neuropsychological Battery. In: Dorfman, W.I., Hersen, M. (eds.). *Understanding Psychological Assessment. Perspectives on Individual Differences*. Springer, Boston, MA. Recuperado de: https://doi.org/10.1007/978-1-4615-1185-4_4.

Halliwell, M. (1999). *Romantic science and the experience of self*. Transatlantic crosscurrents from William James to Oliver Sacks. Routledge.

Hawkins, Anne Hunsaker. (1986). A. R. Luria and the art of clinical biography. *Literature and Medicine*, 5(1), pp. 1-15.

Homskaya, Evgenia. (2001). *Alexander Romanovich Luria: A Scientific Biography*. Springer.

Kruszielski, Leandro. (s/d). *Teoria do Sistema Funcional*. USP. Recuperado de: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/301895/mod_resource/content/1/Teoria_do_Sistema_Funcional_texto_LEANDRO%5B1%5D.pdf.

Löwy, Michael & Sayre, Robert (2015). *Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade*. São Paulo: Boitempo Editorial. 288p.

Luria, Alexander Romanovich. (2001). *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Luria, Alexander Romanovich. (1981). *Fundamentos de neuropsicologia*. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo. 368p.

Luria, Alexander Romanovich. (2015). *A construção da mente*. São Paulo: Ícone. 234p.

Luria, Alexander Romanovitch. (1960). *The nature of human conflicts: or emotion, conflict and will. An objective study of disorganization and control of human behavior*. New York: Grove Press, Inc.

Luria, Alexander Romanovitch. (1974). A. R. Luria. In: Boring, Edwin. *A History of*

Psychology in Autobiography. Prentice Hall Inc. Englewood Cliffs, New Jersey (pp. 253-292).

Luria, Alexander Romanovitch. (1979). *Curso de Psicologia Geral Volume I*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Luria, Alexander Romanovitch. (1999). *A mente e a memória*. São Paulo: Martins Fontes.

Luria, Alexander Romanovitch. (2008). *O homem com um mundo estilhaçado*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes.

Luria, Alexander Romanovitch. (2011). *Traumatic aphasia: Its syndromes, psychology and treatment* (Vol. 5). Walter de Gruyter.

Marineli, Fernando. (2022). Método à procura de objeto: conceito de visão do mundo na obra de Lucien Goldmann. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperado de: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-05082022-185523/publico/2022_FernandoMarineli_VCorr.pdf.

Marx, Karl & Engels, Friedrich. (2009). *A ideologia alemã*. São Paulo: Expressão Popular.

Marx, Karl & Friedrich Engels. (2015). *Manifesto do partido comunista*. São Paulo: Edipro.

Marx, Karl. (2010). *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo. 176p.

Mészáros, István (2012). *A obra de Sartre: busca da liberdade e desafio da história*. São Paulo: Boitempo Editorial. 332p.

Moraes, Renata Jacintho Siqueira. (2018). *Determinação social do consumo de drogas: Estudo de histórias de vida em uma perspectiva marxista*. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Faculdade de Medicina de Botucatu. Botucatu-SP.

Musse, Ricardo. (2018). Michael Löwy, leitor de Lukács. *Caderno CRH*, 31(83), pp. 289–302. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/S0103-49792018000200008>.

Nakamura, Kazuo. (2000). On L. S. *Vygotsky's conception of concrete human psychology: in relation to G. Politzer*. (Doctoral dissertation). Tokyo University of Marine Science

Technology. Recuperado de: <https://core.ac.uk/download/pdf/70316775.pdf>.

Oliveira, Marcus, & da Souza Cruz, Thalita Cristina. (2019). A ciência romântica de A.R. Luria e a narrativa no gênero científico e literário. *Educação Em Foco*, 24(2). <https://doi.org/10.34019/2447-5246.2019.v24.27868>.

Ostrovsky, Nikolai. (2002). *How the Steel Was Tempered*. Communist Party Of Australia. Sydney, Australia. Recuperado de: <https://studycommune.com/wp-content/uploads/2020/10/Nikolay-Ostrovsky-How-the-Steel-was-Tempered.pdf>.

Pardi, Aldo. (2007). *Il sintomo e la rivoluzione*. Georges Politzer crocevia tra due epoche. Roma, Manifestolibri.

Penna, Antonio Gomes. (1990). *Filosofia da mente: introdução ao estudo crítico da Psicologia*. Rio de Janeiro: Imago.

Penteado, Vanessa Oliveira Beghetto. (2024). A expressão do sofrimento psíquico na esquizofrenia: contribuições da Psicologia Histórico-Cultural. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Estadual de Maringá. Maringá-PR. Maringá, PR.

Pinheiro, Marta. (2005). Aspectos históricos da neuropsicologia: subsídios para a formação de educadores. *Educar Em Revista*, (25), 175–196. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.372>.

Polanyi, Karl. (2000). *A grande transformação: as origens da nossa época*. 2. ed. Rio de Janeiro: Compus.

Politzer, Georges. (1998). *Crítica aos Fundamentos da Psicologia: a psicologia e a psicanálise*. Piracicaba-SP: UNIMEP.

Proctor, Hannah. (2020). *Psychologies in Revolution: Alexander Luria's 'Romantic Science' and Soviet Social History (Mental Health in Historical Perspective)*. Palgrave Macmillan.

Rosenfeld, Anatol. & Guinsburg, Jacob. (1978). Romantismo e classicismo. In: J. Guinsburg (Org.). *O romantismo* (pp. 261-274). São Paulo: Perspectiva.

Rousseau, Jean-Jacques. (2006). *Júlia ou a nova Heloísa*. São Paulo: Hucitec.

Sacks, Oliver. (1986). Clinical Tales. *Literature and Medicine* 5, 16-23. <https://doi.org/10.1353/lm.2011.0299>.

Sacks, Oliver. (1990). Luria and “romantic science”. In: Goldberg, Elkhonon. *Contemporary Neuropsychology and the Legacy of Luria*. (pp. 181-194). Psychology Press.

Sacks, Oliver. (2006). O último hippie. In: Sacks, Oliver. *Um antropólogo em Marte*. São Paulo: Companhia de Bolso.

Sacks, Oliver. (2008). Prefácio. In: Luria, Alexander Romanovitch. *O homem com um mundo estilhaçado*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes. pp. 9-17.

Sacks, Oliver. (2016). *Sempre em movimento: uma vida*. São Paulo: Companhia das Letras. 392p.

Safatle, Vladimir. *Curso integral - O estatuto da psicologia*. Curso ministrado no Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo. São Paulo. Recuperado de: https://www.academia.edu/6780310/Curso_Integral_O_estatuto_da_psicologia_Politzer_Can_guilhem_Foucault_2007.

Santos, Andressa Carolina Viana (2022). *Aproximações entre a unidade mente-corpo e a unidade afetivo-cognitiva: Um caminho para compreensão do sofrimento psicossomático*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual de Maringá. Maringá-PR.

Silva, Claudia Lopes da (2012). *Concepção histórico-cultural do cérebro na obra de Vigotski*. Tese (Doutorado em Psicologia e Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperado: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-22062012-140612/publico/CLAUDI_A_LOPES_SILVA.pdf

Silva, Rafael Iglesias Menezes da. (2015). *Sobre Psicologia e Ideologia na obra de L. S. Vigotski*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual de Maringá. Maringá-PR.

Sousa Lino, Carolina Esselin de (2010). *O sonho da injeção de Irma: a inauguração da psicanálise nas falhas do saber*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte.

Tuleski, Silvana Calvo. (2011). *A relação entre texto e contexto na obra de Luria: apontamentos para uma leitura marxista*. Maringá: EDUEM.

Vidal, F., & Ortega, F. (2019). *Somos nosso cérebro? Neurociência, subjetividade, cultura*. São Paulo: n-1 Edições/Hedra.

Vigotski, Lev Semionovitch. (1929/2000). Manuscrito de 1929. *Educação & Sociedade*, 21(71), 21–44. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000200002>.

Vigotski, Lev Semionovitch. (2012). *Obras escogidas Tomo IV*. Madrid: Visor.

Vigotski, Lev Semionovitch. (2010). *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes. 520p.

Vigotski, Lev Semionovitch. (1999). O significado histórico da crise na psicologia. In: L. S. Vigotski. *Teoria e método em psicologia*. 2a ed. São Paulo: Martins Fontes. pp. 201-417.

Vygotski, Lev Semionovitch. (1931/2000) Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. In: L. S. Vygotski. *Obras escogidas Tomo III*. 2. ed. Madrid: Visor. pp. 338-354.

Vygotsky, Lev Semionovitch. & Luria, Alexander Romanovitch. (1996). *Estudos sobre a história do comportamento*. Porto Alegre: Artes Médicas. 252p.

Whitaker, Robert. (2017). *Anatomia de uma epidemia: pílulas mágicas, drogas psiquiátricas e o aumento assombroso da doença mental*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 423p.

Wolff, Francis. (2012). *Nossa humanidade: de Aristóteles às neurociências*. São Paulo: Editora Unesp. 336p.

